



Elaine Conte

Cristiele Borges dos Santos Cardoso

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DE MINI-HISTÓRIAS: olhares para fora no período da pandemia





Elaine Conte

Cristiele Borges dos Santos Cardoso

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DE MINI-HISTÓRIAS:

olhares para fora
no período da pandemia



FAPERGS

NETE Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação

UNIVERSIDADE LaSalle

pimenta teófilo
2023
São Paulo



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C761e

Conte, Elaine

Experiências formativas de mini-histórias: olhares para fora no período da pandemia / Elaine Conte, Cristiele Borges dos Santos Cardoso. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-633-7

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.96337

1. Formação de professores. 2. Educação. I. Conte, Elaine.
II. Cardoso, Cristiele Borges dos Santos. III. Título.

CDD 370.71

Índice para catálogo sistemático:

I. Formação de professores

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

ISBN da versão impressa (brochura): 978-65-5939-634-4

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2023 as autoras.

Copyright da edição © 2023 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Marketing digital	Lucas Andrius de Oliveira
Editoração eletrônica	Peter Valmorbida Potira Manoela de Moraes
Imagens da capa	Jannoon028, Prostooleh, Pvprouductions, Maahoo, Freepik - Freepik.com
Tipografias	Swiss 721, Abolition, Rockwell
Revisão	as autoras da obra e especialistas
Autoras	Elaine Conte Cristiele Borges dos Santos Cardoso

PIMENTA CULTURAL

São Paulo · SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 3

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fábrica Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jônata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luis de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

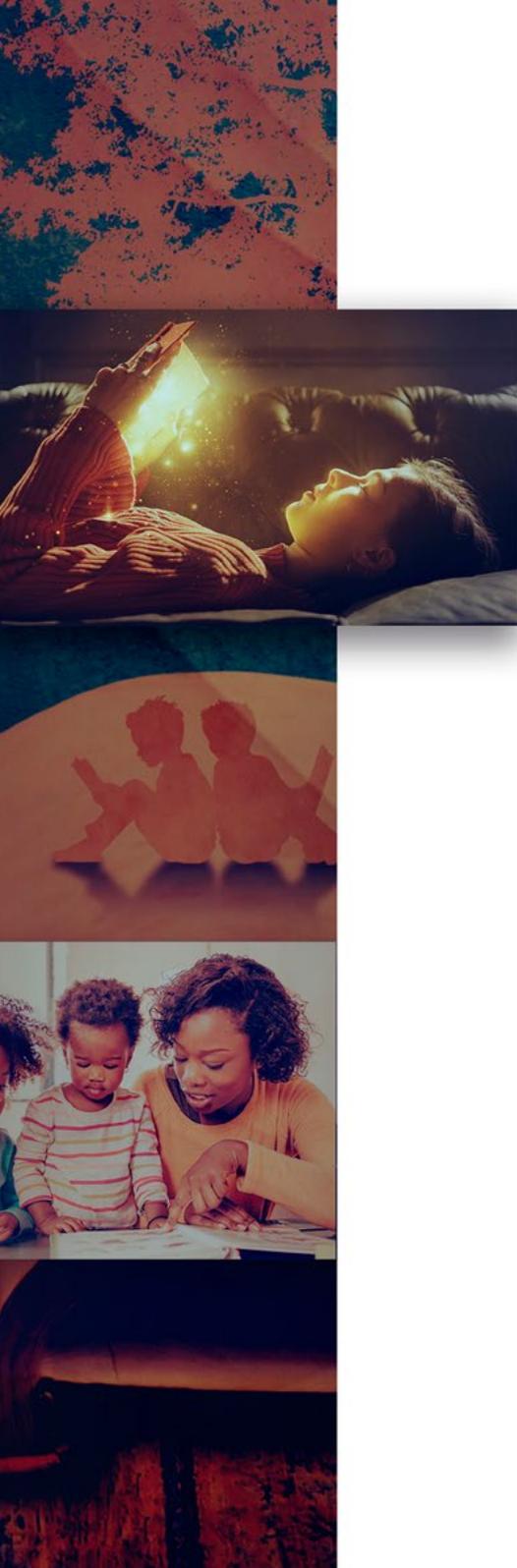
Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México



Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patrícia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taiza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil



PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Prefácio	10
Meu mundo criança.....	14
Introdução.....	17
Capítulo 1	
Primeiras Conversas	28
Experiências do Curso de Extensão.....	45
Mini-Histórias na Pandemia	71
Capítulo 2	
Outros Olhares e Percepções.....	79
Janelas 2020 – o isolamento	80
Capítulo 3	
Janelas 2021 – A Pausa	88
O Pensamento Amplo e Questionador em Tempos de Crise - Ressignificar para Sobreviver	142

Capítulo 4

Janelas 2022 – O Novo Normal?..... 150

Capítulo 5

**Entrelugares e Projeções de Formação:
outros desdobramentos... .. 161**

**A Construção da Paz em um Momento
de Crise Global: outras Janelas que
se Abrem na Formação Docente..... 162**

**Caminhos Entre Ruínas e Perplexidades -
As Janelas do Mundo..... 181**

Referências 200

Índice Remissivo 206



PREFÁCIO

Patrícia Maciel¹

Por uma só fresta
entra toda a vida
que o sol empresta
(Alice Ruiz)

Quantas histórias encontram-se dentro de uma mini-história? A primeira vez que entrei em contato com esse conceito fiz uma relação direta com o haikai, que é uma poesia de origem japonesa com um recurso limitado de palavras e frases. Uma mini-história, assim como o haikai, é sucinta, porém, traz em sua substância um universo de possibilidades de leitura, dialogando tanto com aquele que a criou, como com os seus fruidores. As mini-histórias têm a imagem cotidiana (fotografada e/ou desenhada) como disparadora de experiências estéticas, captada e reportada através do olhar daqueles que perceberam algo, mesmo que aparentemente insignificante (para alguns), mas rico em possibilidades (para outros), “provocando” uma escrita criativa e criadora de novos arranjos poéticos.

As professoras Elaine Conte e Cristiele Borges são pesquisadoras incansáveis, que tive a grata satisfação de conhecer no programa de pós-graduação em Educação da Universidade La Salle de Canoas/RS.

1 Doutoranda em Educação pela Unilasalle/RS; Mestre em Artes Cênicas pela UFRGS, com especialização em Arteterapia pela FAMAQUI (em andamento), Língua, Literatura e Ensino pela FURG, Psicopedagogia pela UNIASSELVI/RS e Gestão Cultural pelo SENAC/RS. Graduada em Teatro-Licenciatura pela UFRGS. Professora de Artes no município de Capão da Canoa/RS e Sapucaia do Sul/RS; Professora voluntária no curso de Pedagogia, na disciplina de Artes e Educação na UERGS polo São Francisco de Paula/RS; Pesquisadora vinculada aos grupos de pesquisa Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq) e Cultura Contemporânea, Sociabilidades e Práticas Educativas, da Universidade La Salle/Canoas; conteudista e editora da área de Artes para programas do PNLD; escritora e membro fundadora do grupo ColetiveArts (<http://coletivearts.blogspot.com>). Orcid: orcid.org/0000-0002-8354-2774 Contato: patricia04maciel@gmail.com

Elas trazem de suas caminhadas docentes o olhar sensível e poético transformado em experiências artísticas através das práticas pedagógicas, envolvidas com estudantes em diferentes níveis educacionais. Demonstram, assim, que as possibilidades da prática pedagógica calcada em experiências estéticas transcendem a questão de um conhecimento específico na área das Artes, encontrando-se ligadas a algo anterior, presente no íntimo do ser humano, que está relacionado à sua essência curiosa, inventiva e de ação (re)criadora de mundos.

Especialmente no ano de 2020, as narrativas presentes nas mini-histórias sofreram um impacto ao entrarmos em contato com a pandemia de Covid-19. No ápice do isolamento, os educadores foram obrigados a rever estratégias e aprender a trabalhar com instrumentos que até então não eram parte “crucial” na educação, como as tecnologias digitais *online*, por exemplo. Educadores e estudantes ficaram atônitos diante de uma escola fechada e por algum tempo sem orientação segura sobre o que fazer. Era necessário de alguma forma compreender os novos caminhos e agir de modo a causar o menor dano possível na vida de todos. Isso seria viável? Como achar que tudo voltaria a ser como antes? O fato é que não voltou. Fomos obrigados a redimensionar o olhar para a vida, para o nosso cotidiano, para os outros e para nós mesmos. Esse olhar modificou-se e teve outros contornos. Para muitos, apenas uma janela. Ao encontro dessas necessidades de ressignificar a vida, as pesquisadoras lançaram mão das possibilidades sensíveis desse olhar, abrindo um espaço de diálogo e percepção sobre a pandemia e nós. Dizem que os olhos são as janelas da alma. Nossos olhos, agora, foram circunscritos por outras janelas, as da casa. Essas janelas podem ser entendidas de duas maneiras: como limitação física ou como provocação imaginária. As professoras Elaine e Cristiele optaram pela segunda alternativa.

Para aprofundar essas reflexões, as autoras distribuíram este livro em cinco capítulos. O primeiro deles, intitulado *Primeiras Conversas*,

traz as definições conceituais das mini-histórias e alguns relatos de práticas pedagógicas que utilizaram as mini-histórias, tanto em um curso de extensão, voltado a professoras da Educação Infantil, como envolvendo o cotidiano pedagógico das crianças da Educação Infantil, dentro e fora de um contexto pandêmico. Durante o isolamento social, a contribuição das famílias para a construção das mini-histórias foi fundamental e enriquecedora, ampliando o olhar do docente para o âmbito familiar dos pequenos estudantes.

O segundo capítulo, *Outros olhares e percepções*, traz para o leitor movimentos e ações pedagógicas desenvolvidas no contexto de isolamento social, iniciado no ano de 2020, agora dentro de duas disciplinas, ofertadas remotamente, da graduação em Pedagogia: Ação docente e Artes, e Metodologias do Ensino de Artes, entre 2020/1 e 2022/1. A prática proposta, intitulada *Janelas*, convidou os acadêmicos do referido curso a observarem a partir da janela de suas casas o mundo lá fora, e como esse recorte de mundo e de vida influenciava-os naquele momento, através de práticas de desenho e escritas poéticas sobre o que era observado.

O terceiro capítulo, *Janelas 2021 - a pausa*, aprofunda as práticas desenvolvidas de modo inicial em 2020, convidando os acadêmicos a ressignificarem seus olhares, percepções e sentimentos em relação à pausa forçada e a necessária reorganização profissional e acadêmica imposta a todos. Que imagens, sons e sentidos são possíveis nesse novo contexto? Como é possível desenvolver olhos de “esperançar”, como dizia Paulo Freire, em um ambiente tão incerto como o desse ano? As propostas feitas demonstraram que os acadêmicos puderam exercitar esses aspectos e buscaram apropriar-se de formas de sobreviver, narrar-se e resistir às incertezas do momento. Aqui também pude contribuir com um relato como docente sobre as angústias relativas ao enfraquecimento da relação com os estudantes, jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental, em virtude de uma educação imposta

online, em que muito do pretense “acesso universal” à Educação perdeu-se pelo caminho das políticas públicas ineficazes e distantes das reais necessidades da população, evidenciando a grave crise que envolve o desmonte do ensino no país.

O quarto capítulo, *Janelas 2022 - o novo normal?*, ainda traz relatos das propostas com a atividade *Janelas*, mas em um momento de expectativa de retorno presencial, em que há uma insegurança presente sobre os próximos passos, procedimentos presenciais e incertezas que alcançam a todos. Os olhares da janela foram capazes de criar asas e voar para além?

Por fim, o quinto capítulo, *Entrelugares e projeções de formação: outros desdobramentos*, traz importantes reflexões sobre as experiências vividas e propostas relacionadas às mini-histórias, e o quanto essas ações auxiliaram a ressignificar tempos e espaços antes pouco percebidos, por tão comuns que eram considerados. O estranhamento ao comum só pode ocorrer em virtude de algo maior que força uma parada e, conseqüente, o rearranjo de olhares para o cotidiano. Ação necessária em tempos mutantes, que não mais convidam, mas impõem novas posturas e atitudes frente a uma época flutuante, carente de significados e projeções mais fecundas. E com isto, certamente nós, educadores, podemos contribuir.

Capão da Canoa, 18 de agosto de 2022.

MEU MUNDO CRIANÇA

Amarildo Luiz Trevisan²

Voltamos à infância da palavra na educação. Não basta pronunciar o mundo antes de ser inventado pelas novas tecnologias – a ordem antiga das coisas. É preciso “saber-expressar” o mundo novamente, e mais, “saber-dialogar” com ele. O excesso de positividade-exposição, criticado por Byung-Chul Han, não é a melhor escolha/caminho. Pois, antes da “aldeia global” era como se estivéssemos andando de maneira nua e crua nas ruas. Havia limites: a criança na rua – olha o carro menino!!! O cãozinho de rua, não pertence a ninguém.

Na aldeia global, tudo é público e privado ao mesmo tempo. Agora há novos cuidados para ser/estar no velho-novo mundo. Ele se tornou pequeno novamente (uma nova Idade Média?) na aldeia global. Urge uma nova invenção. Quem sabe a poesia de Manuel de Barros (2016) *Mundo pequeno I*, da obra “O Livro das Ignorâncias”, seja um prenúncio do tanto que há de vir, cada vez mais. Pois, se o mundo se tornou criança, igual ao que aparece na sua poesia, precisa de uma nova palavra.

Mundo pequeno I

O mundo meu é pequeno, Senhor.

Tem um rio e um pouco de árvores.

Nossa casa foi feita de costas para o rio.

Formigas recortam roseiras da avó.

Nos fundos do quintal há um menino e suas latas maravilhosas.

Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves.

2 Professor do CE/UFSM e pesquisador do CNPq.

*Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os be-
souros pensam que estão no incêndio.*

Quando o rio está começando um peixe,

Ele me coisa.

Ele me rã.

Ele me árvore.

De tarde um velho tocará sua flauta para inverter os ocasos.

Habitamos uma pequena ilha, por obra e força das novas tecno-
logias da informação e comunicação. Nela, todos são atores e plateias
ao mesmo tempo da aldeia global. Senhores e escravos de nosso pró-
prio destino. Nesse contexto: quem são as “formigas” que “recortam
as roseiras da avó”? O que significa dizer que a “casa foi feita de costas
para o rio”? Ou então, quem são “as aves” que “todas as coisas já
estão comprometidas”?

Traduzindo, arrisco a dizer que os novos rios são fluxos de in-
formações instantâneas que fluem a todo momento. Porém, a nossa
casa (antiga habitação, a nossa formação) foi construída de costas
para ele. Daí as inversões necessárias: em vez de o peixe ser prota-
gonista do rio, é o contrário. É “o rio que está começando um peixe”.
É o rio cósmico e imagético que “dá vida” às coisas (natureza morta),
animais (rã) e plantas (árvore). Mas tudo passa por mim, por isso ele
“me coisa”, ou seja, são as nossas criaturas, as plataformas digitais
e seus algoritmos, que produzem o mundo maravilhoso do virtual, da
linguagem imagética, mas também o horror que nos assombra a todo
instante. E as crianças que brincavam com suas latas maravilhosas no
fundo de quintal, hoje tem seus celulares ou *smarts*, *notebooks*, jogos
eletrônicos, etc., que lhes põe o mundo todo na palma de suas peque-
nas mãos. São máquinas maravilhosas também, já que todas voam
por cima das distâncias, no mundo virado pequeno.

No entanto, nesse novo universo, “se o horizonte enrubesce um
pouco”, ou seja, se temos um prenúncio de violência, por exemplo,

“os besouros pensam que estão no incêndio”. Por mínimo que seja o fato, tudo se torna viral, adquire uma importância máxima na aldeia tornada global. Afinal, “todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves”. A informação e o conhecimento adquiriram asas, impulsionados pelo fluxo constante das redes sociais. Os novos empreendedores de aplicativos e plataformas são as novas formigas a recortar a roseira da avó. São multidões em busca do seu alimento diário, desprotegidos de direitos e submetidos à nova autoexploração voluntária do capital.

A infelicidade é que, na nova casa da internet, não há como dar as costas para o rio. Mas há esperança de que à tarde “um velho tocará sua flauta para inverter os ocasos”. A sabedoria que vem dessas experiências poderá – (com sua flauta mágica?) nos tirar da decadência e da ruína para anunciar um novo começo.

INTRODUÇÃO

Escrever é traduzir. Sempre o será. Mesmo quando estivermos a utilizar a nossa própria língua. Transportamos o que vemos e o que sentimos (supondo que o ver e o sentir, como em geral os entendemos, sejam algo mais que as palavras com o que nos vem sendo relativamente possível expressar o visto e o sentido...) para um código convencional de signos, a escrita... (José Saramago, 1922-2010)

O livro “Experiências formativas de mini-histórias: olhares para fora no período da pandemia” é fruto da união de esforços em compartilhar ações materializadas no pertencimento, na autoexpressão, na amorosidade, na criatividade e em práticas afetivas diferenciadas, propostas por intencionalidades pedagógicas nos últimos três anos. Em um período atípico de pandemia, a abordagem metodológica de atitude hermenêutica se deu por meio de oficinas, aulas remotas (síncronas e assíncronas), palestras, rodas de conversa em redes sociais e ensaios, interagindo de forma *online* com os participantes³, através do recebimento de dúvidas e compartilhamento de experiências que compõem esse livro. Na tentativa de estabelecer pontes entre os conceitos científicos e a vida, para o que se deseja falar ou expressar artisticamente de mundos diferentes, nossos “esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram” (ADORNO, 2003, p. 17). Ao propormos uma prática pedagógica e de pesquisa aos sujeitos em formação, problematizamos: Qual perspectiva adotar para ampliar os repertórios culturais, as relações estéticas e compreender os pontos

3 Esta publicação foi produzida com a autorização de todos os participantes. As informações recebidas por e-mail, fotos e registros da atividade foram autorizadas pelos participantes em seu uso no livro, por meio da assinatura digital do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Assim, por razões éticas, não foram divulgadas as identidades dos participantes e eles foram nomeados por Acadêmico ou Acadêmica e os/as professores/as de Professora.

de vista das crianças, dos acadêmicos e dos professores, a partir de dispositivos pedagógicos de imagens⁴?

Tal questão encontra nas interações recíprocas a tecitura dos entrelaçamentos de linguagem que se deseja provocar em experiências formativas no exercício da escrita literária, desacomodando e mobilizando a criação nas possibilidades do ambiente *online*. É a partir do pensamento e da ação reconciliada na linguagem por diferentes abordagens, que o ensaio ganha terreno e “parte dessas significações e, por ser ele próprio essencialmente linguagem, leva-as adiante; ele gostaria de auxiliar o relacionamento da linguagem com os conceitos, acolhendo-os na reflexão”, que precisa ser reconhecida (ADORNO, 2003, p. 29). Escreve por ensaio:

[...] quem compõe experimentando; quem vira e revira o seu objeto, quem o questiona e o apalpa, quem o prova e o submete à reflexão; quem o ataca de diversos lados e reúne no olhar de seu espírito aquilo que vê, pondo em palavras o que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo ato de escrever. (ADORNO, 2003, p. 35-36).

Desse contexto ensaísta surgem as contribuições de Santaella e Nöth (2001), que corroboram com os canais comunicativos da experiência humana na sua totalidade, indicando seis formações socio-culturais que emergem da linguagem, dos signos e do pensamento humano partilhado em comunidades enquanto um processo educacional, a saber: oral, escrita, impressa, de massas, mídias e digitais. Por isso, as transformações não advêm apenas das novas tecnologias, mas, antes, dos tipos de signos, mensagens e processos de comunicação que circulam nesses meios e moldam pensamentos, registros e sensibilidades humanas, por propiciar novos ambientes de formação cultural. Nesse ponto, Álvaro Vieira Pinto (2005) defendia que o mundo vem sendo constituído e experienciado com os elementos das tecnologias enquanto linguagens integrantes do acontecer humano,

4 Artista, experimentar, aventurar-se por outros caminhos que nos oferecem outras formas de pensar e propor ações didático-pedagógicas, bem como para a criação de circunstâncias de aprendizagem por experimentações investigativas. Do olhar sensível que transforma o (extra)ordinário (LOPONTE, 2005).

isto é, elas são bens culturais que pertencem à humanidade e não são alheias ou uma dádiva. Nas palavras do autor, “o homem não seria humano se não vivesse sempre em uma Era tecnológica” (PINTO, 2005, p. 18). Ou seja, precisamos lutar contra a degeneração gradativa da percepção, expressão e imaginação que ronda a esfera contemporânea, tendo a experiência do fazer arte como um ramo da artesanaria e o elo do mundo ideal e do real.

Parafraseando Lilia Schwarcz (2018), buscando *ler as imagens*, é importante que o leitor atente não apenas para os títulos deixados originalmente por seus autores e que aparecem como legenda técnica junto das diferentes fotografias, mas também para os comentários que elaboramos⁵. “Qualquer iconografia tem, portanto, e vale a pena repetir, data, intenção e autoria. Por isso elas nunca são ingênuas. O mesmo pode ser dito das fotografias” (SCHWARCZ, 2018, p. 45). A rigor, a documentação do cotidiano educacional e a formação acadêmica por mini-histórias foram sendo construídas visando uma outra sensibilidade para ações de formação no período da pandemia, que contemplasse a dimensão da experiência estética capaz de renovar a arte de viver em situações contraditórias, para aprofundar as relações com o mundo e com o outro pelo olhar narrativo (HERMANN, 2014). A intenção era registrar o processo de conhecimento dos sujeitos e ajudá-los a elaborar o sentimento da vida no aprender a aprender, potencializado na cultura e no (re)conhecimento. Partindo desse ponto, já temos uma inter-relação diferente com o outro, exercitando a pedagogia da escuta, da relação com os pensamentos e sentimentos que surgem da aprendizagem, que acompanha o gesto comunicativo em formas de autoexpressão. Parafraseando Mia Couto (2012), estas histórias foram escritas durante e depois da pandemia, entre as margens da mágoa e da esperança.

5 O olhar nos desafia através das fotos que são registros de uma leitura de mundo pessoal e miscigenada, trazendo marcas e sinais cheios de significados. “Olhadas de perto, essas imagens denotam um mundo de tensões e de contradições presentes nas fotos e na realidade que as circunda”. (SCHWARCZ, 2018, p. 45).

Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso. Em todo este tempo, a terra guardou, inteiras, as suas vozes. Quando se lhes impôs o silêncio elas mudaram de mundo. No escuro permaneceram lunares. Estas estórias falam desse território onde nós vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta. (COUTO, 2012, p. 5).

Nesse contexto, apresentamos as contribuições dessas experiências pedagógicas para a sensibilização estética com mini-histórias, tendo em vista as conversas tensas e os alargamentos de repertórios culturais que põem em jogo os sentidos na atualidade. A pesquisa com mini-histórias envolve os significados do olhar em perspectiva com e entre sujeitos, pois implica a globalidade do trabalho pedagógico e exige especialmente do professor a escuta atenta, a observação, o olhar curioso, a proposição, o ato de fotografar, registrar e narrar as experiências estéticas do cotidiano escolar. A metáfora de deitar raízes é reveladora da nossa presença no mundo e nos ajuda a pensar que para educar hoje, precisamos sentir⁶ o tempo presente, no tempo dos encontros, de fazer experiências capazes de nos reconciliar com o universo. Em outras palavras, exercitar a própria imaginação para sair em visita e compartilhar os tesouros perdidos desde os tempos da infância, por situações que criam laços de pertencimento em contato com o outro, com a natureza, com a ciência, com a tecnologia, com a arte e a vida, é criar itinerários formativos de ensino, pesquisa e extensão (BENJAMIN, 2002). A partir da perspectiva educativa da cultura visual e das experiências de afetos, em diferentes contextos, pretendemos abordar caminhos pedagógicos que envolvem referências narrativas e imagéticas contemporâneas enredadas pelos questionamentos culturais em recortes e processos de criação.

6 "As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são as dos sentidos. São as primeiras que se deveriam cultivar e são as únicas que se esquecem ou as que mais se negligenciam. Exercer os sentidos não é somente fazer uso deles, é aprender a bem julgar por eles, é aprender, por assim dizer, a sentir; porque nós não sabemos nem apalpar, nem ver, nem ouvir senão da maneira que aprendemos". (ROUSSEAU, 1995, p. 101).

Aprender é entrar em comunicação humana, em diálogo, em abertura intersubjetiva, é contar histórias por fontes e testemunhos, para deixar fruir, ver e compreender a produção do outro, na criação de circunstâncias de aprendizagem. As mini-histórias despertam condições e novas significações de vida, visto que a outra pessoa é a peça fundamental à aprendizagem, falando, contando com a sua voz e a sua vez, tocando com o seu gesto, fazendo a história coletiva de produção da cultura. Freire (2004) já dizia que ensinar é um ato ético (em grupo e materializado no coletivo) e estético (nas relações de conhecer inacabadas, estabelecendo e criando saídas dentro dos próprios limites humanos). Esse processo criador sempre vai junto com a beleza e a amorosidade, no melhor que a gente pode fazer, no melhor que a gente pode oferecer e testemunhar. Então, esse sujeito criador, que se contamina com a arte, com a literatura e com a ciência, por mini-histórias, é uma demanda no mundo de hoje - professores que expandem as suas capacidades do ponto de vista do outro. As mini-histórias ampliam o nosso campo de atuação, pois nos dão liberdade, apoiam e permitem ao professor(a) que ele(a) se assuma na sua beleza, na sua memória, na sua resistência e na sua autoria, na busca do protagonismo pedagógico, da impressão digital, da sua marca e da sua história formativa.

A arte como forma de expressão e educação sensível para pensar a formação é algo reconhecido cientificamente, que não obedece a convencionalismos, mas provoca atos de liberdade, interação, participação social e motivação dos sujeitos, por meio de diferentes saberes inventivos e bagagens culturais. No entanto, quais as contribuições da arte-educação à formação de professores para dialogar com as experiências artísticas? Concluímos que a arte dá oportunidades à construção de experiências (inter)subjetivas como aventura de se relacionar com o conhecimento, que rompe com todos os parâmetros, no sentido de reinventar-se com o outro, trazendo desdobramentos ao processo de (re)criação das relações educativas. (CONTE *et al.*, 2021, p. 1).

Os trabalhos aqui reunidos são registros de experiências oriundos de pesquisas, de um oceano de escritas, de demandas dos

processos pedagógicos para a construção do conhecimento formativo, para atender saberes e políticas em debate, mas também para potencializar as relações de respeito, confiança, de resiliência e de solidariedade, que orientam todo o processo de avaliação educacional. Conforme veremos ao longo do livro, as provocações com mini-histórias na educação são construções processuais (no sentido de criar e construir condições impensadas), mais do que pontuais e finais, que convidam as pessoas para estarem juntas em uma casa comum de presença sensorial e de laços afetivos para a emergência de novas Pedagogias (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007). Nesta forma de ver o processo pedagógico (antes, durante, depois e sobre), o ato de avaliar na dimensão expressiva passa pela valorização dos direitos humanos que não figura no final da viagem, mas está justaposto aos próprios objetivos lançados em propostas diferenciadas (que despertam um melhor interesse das crianças e estudantes em marcadores ao longo do processo), formando um par dialético com eles. Na verdade, os objetivos das ações e a avaliação orientam todo o processo, pois a avaliação é uma reflexão da ação, assim como aprender é um processo contínuo e inesgotável de tomar conhecimento de si e do mundo (FREIRE, 2004). Caso contrário, os contextos e os tempos formativos seriam locais de opressão e de tédio, desconsiderando a totalidade.

Este livro apresenta um conjunto de ações pedagógicas para ler e apreciar o mundo em contexto escolar, particularmente nos primeiros anos da escolaridade, mas também com turmas de graduação em Ação Docente e Artes. A escrita poética é concebida como um tipo de texto aliado a elevada observação da natureza social em sua multivalência semântica, expandida pela multiplicidade de significação da fotografia e em conjugação com os elementos da expressão, possibilita, aos sujeitos, o contato emocional e afetivo com os conteúdos culturais, com as coisas do mundo empírico e histórico-factual, sugerindo percursos hermenêuticos plurais para o seu acesso, conhecimento e reflexão. Assume-se que a fruição das mini-histórias como uma forma textual poético-imagética é relevante na criação de hábitos

de escrita, de leitura do mundo e da palavra, aspectos cruciais para a formação de sujeitos capazes de ler voluntariamente em profundidade, em qualidade e em criticidade⁷. A documentação pedagógica tem alicerce na abordagem de Reggio Emilia e na perspectiva da Associação Criança, da professora Júlia Oliveira-Formosinho, que também realiza o trabalho de documentação, seguindo Loris Malaguzzi, além de Reggio Emilia, que leva em consideração a produção de registros de professores com crianças, para compreender as experiências escolares (MARQUES; ALMEIDA, 2011). Tudo isso porque o processo de observação atenta e da escrita poética visam a construção de sentidos em meio às tecnologias educativas, do que é apreendido e tecido junto, a fim de superarmos uma pedagogia da infância oprimida, que fica em segundo plano, sem saber ao certo o que deveria ser, entender, pertencer, deslocada da escuta, dos registros dos processos educacionais e sem atenção aos afetos vividos.

O livro é um convite às mini-histórias e à narratividade que se mostrou ainda mais pertinente no início do isolamento social estabelecido durante a pandemia da Covid-19, em meados de 2020. Inicialmente, apresentamos essa relacionalidade dos processos formativos através de um curso de extensão e, em seguida, a pluralidade de referências e aprendizagens da vida acadêmica e da cultura, como forma de abrir horizontes de expressão e de diálogo com a percepção de itinerários formativos. Tudo isso inter-relacionado à pesquisa, ao fazer arte no curso de Pedagogia, ao ato de narrar e de escrever que busca contribuir para novos desdobramentos e ações educacionais da

7 Além de textos e imagens, sugerimos algumas experiências cinematográficas para tematizar os segredos da percepção, a saber: Nunca Deixe de Lembrar (2019 - <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-243642/>); O Doador de Memórias (2014 - <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-195540/>); Nise - O Coração da Loucura (2016 - <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-240724/>); O Gênio e o Louco (2019 - <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-249264/>); Menino 23: Infâncias Perdidas no Brasil (documentário de 2016 - <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-244786/>); Como estrelas na Terra (2007 - <https://www.youtube.com/watch?v=6rxSS46Fwk4>); Van Gogh en la puerta de la eternidad (2019 - <https://www.youtube.com/watch?v=14fW4mhFkfg>); Vida e Obra de Frida Kahlo (documentário de 2015 - <https://www.youtube.com/watch?v=AZT-KRN2hCM>); Lixo Extraordinário (documentário de 2013 - https://www.youtube.com/watch?v=61euda-WpWb8&ab_channel=O1%C3%ADvioBrittoJr), entre outros.

perspectiva vital, analisando questões que têm emergido de experimentações realizadas no cruzamento de um curso de extensão com a formação de professores (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007). As narrativas de mini-histórias são abordadas em suas dimensões expressivas e formativas, revelando as etapas do trabalho, provocadas em iniciativas performativas, para ampliar os horizontes de percepção, das criações artísticas sobre as culturas infantis, acadêmicas e escolares, tendo em vista as relações pedagógicas e as intencionalidades do ato educativo.

Nessas esferas de múltiplos entendimentos, as disciplinas de Artes com a provocação e o contato com a atividade Janelas, foi uma espécie de inspiração para a pesquisa e para relatar um outro olhar, a partir de experimentações provocativas pelo gesto de fotografar, desenhar, escrever e aprender juntos no campo da educação. As aproximações foram ouvidas por (re)leituras no trabalho em aulas remotas, em linguagens de sentidos plurais, em estágios supervisionados, a partir de um olhar contextualizado por mini-histórias, documentários⁸ e livros produzidos em cursos de extensão, numa encruzilhada de histórias. A obra de autoria coletiva é organizada pela seguinte divisão de capítulos: Primeiras Conversas; Experiências do Curso de Extensão; Mini-Histórias na Pandemia; Outros Olhares e Percepções... Janelas 2020 – o isolamento; Janelas 2021 – a pausa; Janelas 2022 – o novo normal? Caminhos entre ruínas e perplexidades e referências. Com essas metáforas iniciais, vamos costurando os relatos com as experiências de investigação, tendo em vista o jogo cinestésico de *adocicar o olhar* (Van Gogh), pois precisamos explorar mais metáforas, unindo imagens a conceitos⁹. As experiências realizadas ao longo da pandemia nos

- 8 *Da Minha Janela: documentário sobre infâncias na pandemia*, elaborado pelo grupo de pesquisa da Profa. Dra. Valeska Fortes de Oliveira sobre a influência da pandemia na vida de crianças de uma escola de Santa Maria/RS. Disponível em: <https://farol.ufsm.br/video/embed/da-minha-janela-documentario-em-curta-metragem> Acesso em: 12 nov. 2021.
- 9 Especialmente porque quando olhamos pelas janelas das reportagens e de pesquisas socioeconômicas, observamos no cotidiano da vida práticas desumanas, paralelas e indevidas na Educação Infantil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-06/pesquisa-revela-praticas-indevidas-na-educacao-infantil> Acesso em: 15 jun. 2022.

deixaram ainda mais curiosas de seguir estudando, compartilhando memórias, contextos contemporâneos e encantando pela metáfora da janela. Os sentidos que as narrativas tomam a partir das imagens fotografadas e de um mergulho na própria vida (do sentimento narrativo daquele que narra) deixam vestígios dessa experiência realizada, que transita entre o passado, o presente e o futuro (BENJAMIN, 2002). Em situações educacionais e da própria cultura do diálogo, conforme nos ensinou Freire (2004, p. 79), “o mundo não é. O mundo está sendo”.

Figura 1 – Olhando pela janela



Fonte: Noite Estrelada (Vincent Van Gogh, 1853-1890)¹⁰.

Os capítulos a seguir trazem algumas experiências de pesquisa que redesenham roteiros com mini-histórias durante a pandemia, a fim de mostrar ações diferenciadas e propostas nos últimos três anos,

¹⁰ Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/60/56/0d/60560dba75876306b5eb376619f0a409.jpg>

através de relatos de experiências oriundos de pesquisas, de demandas dos processos pedagógicos para a construção do conhecimento, para atender saberes e políticas em debate, mas também para potencializar as relações de solidariedade, que orientam todo o processo de avaliação educacional. Apresentamos os percursos e os desdobramentos colaborativos na produção das mini-histórias, bem como relatamos algumas experiências estéticas no trabalho formativo com acadêmicos(as) do Curso de Pedagogia, no período de 2020 a 2022, indicando os novos significados do olhar em perspectiva através de desenhos, de narrativas e da fotografia.

Em 26 de março de 2020, buscamos fortalecer o conhecimento em artes e literatura relacionando a produção artística com apreciação estética e informação histórica, pois compreendemos que o papel social do professor é propor a experimentação estética que promove a humanização, como expressão e cultura, desenvolvendo um olhar ampliado, dialógico e multicultural. Nessa trama de aprendizagens inseparável da afetividade vivida durante o período pandêmico do imediatismo, em que tudo é espantoso, promovemos práticas colaborativas e comunicativas, porque permanecemos unidos pela via do mundo digital onde estar conectado significa ser outro por permitirmos desbravar o tempo histórico no tempo digital¹¹. Nesse período turbulento, a educação serviu para colocar-se em discussão e melhorar-se. Por essa e outras razões, compartilhamos os seguintes trechos de uma carta cheia de poesia e inspiração, recebida do professor Carlos Rodrigues Brandão (2020):

“Eis aqui alguns desafios, algumas aventuras e alguns convites para estes dias: Saibamos transformar *quarentena* em *recolhimento*. Saibamos transformar *não sair de casa* em *voar com a imaginação e o sentimento*. Saibamos transformar *isolamento*

11 No mundo digital parece que não há marcações temporais de antes e depois, porque tudo fica gravado nas margens da presença em tempos de pandemia (quando não estamos com os outros no tempo síncrono mas surge a imagem pedagógica do teatro de espelhos como função da relação). E isso remete ao desafio de vivermos na presença/ausência virtual da contemporaneidade, de uma noção de tempo diferente, com outras fontes, comunidades, sensibilidades e lentes de registro, estabelecendo novas circunstâncias do ir e vir.



em *reencontro*. Saibamos transformar *não abraçar* em *comungar*. Saibamos transformar o *medo do contágio* em *desejo do contato...* e há tantas maneiras de ele ser vivido. Que tal escrever uma longa carta a mão (escrevi milhares ao longo de minha vida), *escanear* e enviar por algum meio eletrônico a alguém que vai ver... e ler? E o que pensar da ideia de aproveitar os mesmos meios eletrônicos, para acessar e ouvir (com sublime atenção) as 9 sinfonias, os 5 concertos para piano e o concerto para violino de Beethoven? Ou então a obra completa do querido Décio Marques? E por que não *aproveitar* esses *dias* para ler, ou reler o Grande Sertão, Veredas? Se você nunca escreveu uma poesia, um conto, um romance, não estaria na hora de começar? Escrevo isto de algum modo eu também *me sinto por aí*. E isto porque, em meio a tantas notícias entre tristes e desencontradas, estou vivendo agora uma grande (e tardia) alegria! Muita gente sabe que em minha juventude (põe 60 anos atrás nisso aí!) eu fui, no meu Rio de Janeiro, um escalador de montanhas, um guia escalador e até mesmo um integrante de equipes de conquista de vias de montanhas. Montanhas, imagens de montanhas, livros e filmes sobre elas nunca saíram de minha vida. Pois bem! Na beira dos 80 anos, depois de um pouco mais de 70 livros, entre a antropologia, a pedagogia e a poesia, estou finalmente (mas sempre é tempo!) começando uma pesquisa bibliográfica para um livro sobre escalada de alta montanha. Ele se chamará: Chomolungma e Everest. Chomolungma é o nome que os sherpas nepaleses dão ao Everest. Pode-se traduzir como Montanha Deusa, ou Deusa da Montanha, etc. Assim, entre o *retiro em casa* e os voos do imaginário, vivo estes dias de recolhimento entre a Rua Sampaio Ferraz, Cambuí, Campinas, e as diferentes faces do Anapurna, do Lotse, do Everest, e de outros recantos mais, onde nunca fui, mas onde estou agora... no Himalaia. Quem acaso conheça livros ou artigos sobre o tema, por caridade, retorne e me informe. Estou às voltas com vários deles. Mas há muito mais. Todo mundo sabe que eu nunca gostei muito do Nietzsche (ao contrário do querido amigo Rubem Alves). Mas, como em outra mensagem, quero terminar esta com uma memorável frase dele. Na verdade, um grito: *E que todos os dias em que não tenhamos dançado pelo menos uma vez, sejam perdidos para nós; e que nos pareça falsa toda a verdade que não traga com ela ao menos uma alegria* (Nietzsche). E que a nossa *alegria* agora se chame... *esperança!* Abraço vocês com carinho, Carlos”.

A photograph of a child running down a slide, with a kite flying in the background. The image is overlaid with a semi-transparent blue and orange gradient. The child is on the left, running towards the right. The kite is on the right, flying in the sky. The slide is on the left, curving downwards. The background is a bright, hazy sky.

1

**PRIMEIRAS
CONVERSAS**

Deveria ser igualmente corriqueiro saber que a compreensão estética parte do solo, do ar e da luz dos quais brotam coisas esteticamente admiráveis. (John Dewey, 2010)

Experiências formativas de mini-histórias: olhares para fora no período da pandemia é um convite para contemplar a vista das janelas, para manter o comportamento crítico, deixando de lado a comodidade dos costumes insanos dos relógios para olhar os territórios de pertencimento, sob a perspectiva da intuição sensível, do coração, da imaginação, das percepções, dos sentimentos, das delicadezas do exercício de ver, que está aberto a imprevistos no ato educativo. Aqui não há nada inventado, tudo aconteceu de forma articulada entre o que se vive/sente por histórias e o que é pensado/symbolizado a partir de tempos de clausura, mas interconectados pela ação humana e pela pesquisa em educação. Compartilhamos as mais afetuosas memórias das janelas feitas em várias localidades e no período da pandemia. O desenho do estudo ensaístico é de espírito aventureiro e com diversas acompanhantes: acadêmicas e acadêmicos, professoras e pesquisadoras, que têm em comum a companhia do aprender investigativo pela narratividade, para se reencontrar com o outro em vínculos online. É na janela, como a primeira fase de observar e se aventurar nas maravilhas de (re)conhecer pessoas e se comunicar em diferentes lugares, no encontro das nossas emoções e das visibilidades socioculturais.

De acordo com a professora de arte Susana Rangel Vieira da Cunha (2012, p. 99), são muitos “os desafios e impasses apresentados a nós professoras, tendo em vista as rápidas transformações socioculturais que vivemos nas últimas décadas e às práticas culturais criadas nas mediações com as infinitas produções e artefatos culturais”. Ao experimentar abordagens pedagógicas inventivas, críticas e políticas de deslocamentos no olhar da arte, lança a seguinte questão: “As provocações da arte contemporânea não poderiam sugerir uma pedagogia cultural que desconstrua significados das representações visuais?” (CUNHA, 2012, p. 114). A educação é o processo de (re)construção da experiência na flexibilidade

das interações, carregada de significações e lições passíveis de serem apreciadas na vida cotidiana e que ganham sentido nas escolhas futuras, ajudando a viver melhor (DEWEY, 2010). Nesse *locus* paradigmático de valores, inter-relações, diálogos e criação são projetados os objetivos da condição humana. Por isso, fazer a experiência da arte-educação é “a maior realização intelectual da história da humanidade” porque protege o trabalho humano de uma mera sucessão de excitações (DEWEY, 2010, p. 93). Para o autor, “o estético é o desenvolvimento esclarecido e intensificado de traços que pertencem a toda experiência normalmente completa [...]. Estético refere-se à experiência como apreciação, percepção e deleite” (DEWEY, 2010, p. 125-127). A potência da experiência estética está no encontro com o outro, com a natureza e com o mundo, e esse ato de interpretação da vida é uma provocação que a arte-educação nos faz.

Compreender a complexidade da produção de uma mini-história é apenas o primeiro desafio que precisamos enfrentar no processo de formação e documentação pedagógica¹². Para além da compreensão sobre as relações entre letras, imagens, textos, fotografias e contextos, os educadores precisam construir as regularidades no aprender a ler a própria realidade e a escrever textos de diferentes relações com o outro e o mundo. Malaguzzi (1999) defende que a sala de referência na Educação Infantil, por exemplo, deveria ser uma espécie de aquário transparente onde se refletem as ideias, as atitudes e as pessoas. Tudo isso para potencializar as interações sociais, as aprendizagens afetivas e cognitivas com as crianças pela aventura e pesquisa coordenada pelos professores, por projetos de descobrir novos eventos da natureza, da ciência e da cultura. E o que nós, professoras, precisamos saber para oportunizar às novas gerações o contato com as mini-histórias? Quais

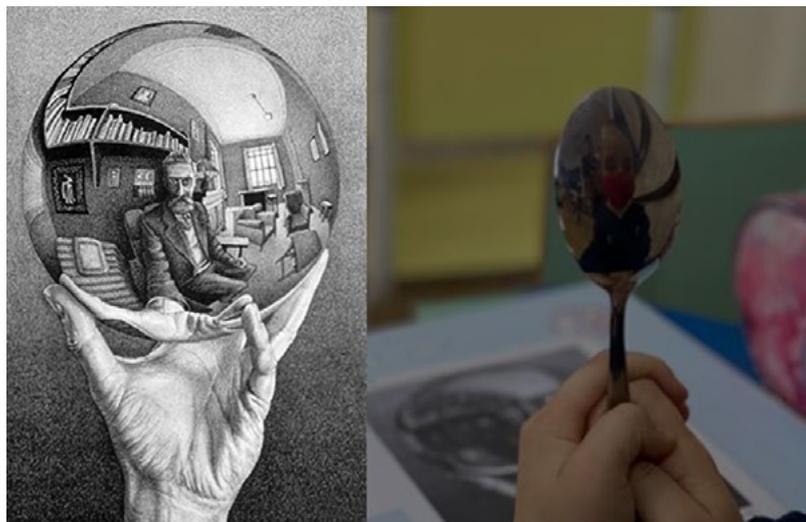
12 Desde as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) é apontado como uma das práticas pedagógicas na Educação Infantil, “possibilitar a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos” (BRASIL, 2010, p. 27). Recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também recomenda o uso de TDIC em todos os níveis da Educação Básica (BRASIL, 2017).

conhecimentos e ações podemos despertar e experimentar pelo olhar atento e pela escuta sensível do cotidiano? Que diálogos vigoram na potência humana em suas contradições, diferenças e desenvolvimento da autonomia? Quantas histórias estão contidas em uma imagem?

A potência do olhar e os inúmeros sentidos metafóricos do ato de ver o mundo sempre fizeram parte do acesso à condição de possibilidade de construção do conhecimento e das práticas sociais, ocupando um lugar privilegiado de acesso à cultura pelos sujeitos. No autorretrato *Mão com esfera refletora* (1935), de Maurits Cornelius Escher, percebemos um olhar dentro de outro olhar, ou seja, não apenas os olhos do pintor aparecem como centro do quadro, mas a própria esfera reflexiva funciona como um olho que revela a própria aparência. Ao desafiar o olhar do outro para novas percepções da realidade em múltiplas dimensões do olhar que nos desafia a novos sentidos, deslocamos nossa percepção de mundo da linearidade que cotidianamente adotamos para uma representação do que somos e do que o mundo é para nós. Buscamos, assim, um exercício de olhar pelo pensamento do fora, algo que nos retira da apatia e nos mobiliza a pensar a diferença entre os olhares que se produzem como resistência, portanto, “de educare, mas de educere: estender a mão, fazer sair, conduzir para fora”, na perspectiva da conversão do olhar (FOUCAULT, 2010, p. 121). Veja abaixo a imagem da mão com esfera refletora e um movimento inspirado pela obra na escola, que provoca a experiência criadora de observar, no cotidiano da Educação Infantil a própria imagem refletida, utilizando uma colher de metal.



Figura 2 - Mão com esfera refletora (1935)



Fonte: Maurits Cornelius Escher (1898-1972)¹³

A perspectiva do olhar, do ver e do reconhecer (a nós mesmos) é o primeiro passo para sermos capazes de olhar para os outros, no sentido de levar os olhos a observar¹⁴ alguma coisa, no exercício de movimentar, projetar e contaminar o olhar para a descoberta de experimentações, dos detalhes. Para despertar o olhar pela arte contemporânea, problematizamos questões de um projeto exposto no Museu de Arte Moderna de São Paulo, “Quem vê pensa”, de Carlito Carvalhosa (2008)¹⁵. Nesse projeto, somos chamados a agir pelo olhar que não possui um sentido único, mas sentidos em combinações que estabelecemos entre imagem e palavra, pois somos afetados a construir com o nosso olhar uma visão sobre nós mesmos. “É preciso, durante toda

13 Disponível em: <https://www.arteeblog.com/2016/06/analise-de-hand-with-reflecting-sphere.html> <https://www.consfatima.com.br/noticias/educacao-infantil/nivel-5/infantil-v-mao-com-esfera-refletora/> Acesso em: 27 jun. 2022.

14 Exercício que precisa ser estimulado desde a Educação Infantil. Sobre isso ver o projeto “Vivências Estéticas”, desenvolvido pela Professora Rafaela Flores, da Escola Municipal de Educação Infantil Joaquina - “A criança é feita de cem”, de Loris Malaguzzi. Disponível em: <https://www.facebook.com/emei.joaquina/videos/423782636306376> Acesso em: 27 jun. 2022.

15 Disponível em: <https://mam.org.br/exposicao/projeto-parede-quem-ve-pensa> Acesso em: 27 jun. 2022.

a vida, voltar a atenção, os olhos, o espírito, o ser por inteiro, enfim, na direção de nós mesmos” (FOUCAULT, 2010, p. 186). Afinal de contas, o que pegar ou extrair das (in)visibilidades que não estão na ordem da correspondência ou da conformidade? Seria possível olhar pela janela com olhos curiosos de criança¹⁶? O que somos capazes de ver e sustentar no olhar contemporâneo?

Aqui surge a necessidade de provocar questionamentos sobre os tempos em que vivemos, especialmente por parte dos professores em formação contínua, desafiando a visão ingênua das coisas na educação (as certezas da ação), no sentido de superar visões conformistas, distorcidas, mecanizadas e apáticas em armadilhas homogeneizantes de ensino. O processo, a caminhada formativa, é o próprio objetivo da educação enquanto humanização, em que podemos experimentar as relações próprias, com os outros e com o mundo. Nesse sentido, “e-ducuar o olhar significaria um convite a caminhar”, um convite à experiência de reconhecimento de uma perspectiva ou visão, em uma transformação dos encontros possíveis entre o experienciar-se e o deslocar-se (MASSCHELEIN, 2008, p. 36). O olhar que transforma é um olhar que nos toca, que nos atravessa, que nos afeta, que nos puxa para fora, tencionando nosso modo de enxergar a realidade. Nesse cenário, as mini-histórias são formas de comunicação que tornam visíveis a vida cotidiana e são a porta do conhecimento para um mundo de narrativas sensíveis¹⁷ marcadas

16 De acordo com Rubem Alves (2004), as crianças ainda têm olhos encantados, que são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Tudo é espantoso.

17 “Os livros são amigos que falam”, dizia Rubem Alves. O sentido da presença está no ato de fala - que é a nossa primeira mídia, mas também quando participamos pelo gesto da escrita, da palavra que encanta e permanece gravada no texto ou registrada em mini-histórias. Afinal, a gente nunca para de aprender e estudar, quando tem afeto e sentimento ao encontrar os mestres e dialogar com a escrita sensível dos poetas. Alguns livros que causam ressonâncias aos horizontes do sentir, em aventuras do reconhecimento com o outro, estão presentes nas indicações: “Tenho monstros na barriga”, de Tonia Casarin; “A Caligrafia de Dona Sofia”, de André Neves; “O monstro das cores”, de Anna Llenas; “Branca de Neve e as sete versões”, de José Roberto Torero e Marcus A. Pimenta. “História Meio ao Contrário”, de Ana Maria Machado; “Fabrincando”, de Tamires Lima (livro para recuperar o brinquedo como instrumento do brincar artesanal com crianças, com caixas de fósforo, prendedores, balões, criando brinquedos em processo educativo).

pela diferença, complexidade e desigualdade, porque ninguém pode olhar pelo outro (CONTE; HABOWSKI; RIOS, 2018).

Freire afirma que não deveríamos tentar dominar as tecnologias, mas compreendê-las em sua totalidade, para projetar a construção do pensar e agir coletivo, contribuindo para os sentidos da existência e da produção das relações humanas. As novas tecnologias estão modificando o mundo no qual vivemos de forma rápida e inovadora, mas ao mesmo tempo carecem de ações pedagógicas contextualizadas e integradas na direção de uma transformação social à construção de formas de convivência. Reconhecemos que as tecnologias têm sido usadas na educação de forma receptora, ingênua, passiva, enganosa e condicionadora por meio de inovações técnicas, instrumentos e processos que empregam. Nesse contexto, cabe resistir a anestesia social mediante a relação com as tecnologias para ajudar os docentes e acadêmicos a se apropriarem dos processos de produção de conhecimentos, fazendo avançar a qualidade de ensino e a formação, reforçando o incentivo para novas leituras e pesquisas. (CONTE; HABOWSKI; RIOS, 2018, p. 1).

As mini-histórias são relatos poéticos com imagens oriundos da vida cotidiana na escola. O conceito surgiu nos anos oitenta em Reggio Emilia, quando o pedagogo italiano Malaguzzi faz um convite às professoras para que narrassem através de relatos visuais e textuais os percursos formativos de aprendizagem das crianças (FOCHI, 2019). David Altimir (2010, p. 84) professor que realizou estágio nas escolas de Reggio Emilia, define as mini-histórias como “uma forma de escutar as crianças e de ajudar as famílias a escutar seus filhos [...] de pequenos relatos, alguns com um denso passado, outros com muito futuro, e alguns, simples instantes”. Além de Malaguzzi e David Altimir, Paulo Fochi (2019, p. 49) atualiza as articulações conceituais em torno das mini-histórias, ao afirmar que “no OBECI, temos tratado as mini-histórias como as rapsódias da vida cotidiana que, ao serem narradas textual e imageticamente, tornam-se especiais pelo olhar do adulto que as acolhe, interpreta-as, e dá valor para a construção da memória pedagógica”.

No Brasil, Madalena Freire (1983) foi uma pioneira ao registrar o cotidiano escolar entre uma professora e crianças (de 4 a 6 anos), nos mostrando que o conhecimento construído com as crianças é algo fascinante, inspirador, de muitas descobertas investigativas no trabalho pedagógico, cheio de vida. Já projetava um novo tipo de prática educacional norteador pela sensibilidade estética e paixão de conhecer o mundo, que se desenrolava na experiência com as crianças, cujos registros desvelam aventuras infantis na práxis escolar, por meio de relatos e desenhos das expressões infantis. Nestas documentações do cotidiano escolar realizadas com as crianças na abertura à experiência pedagógica solidária, já testemunhava os desafios e os processos de reconhecimento com alteridade no cotidiano.

Ao discutir sobre os diversos aspectos que envolvem a produção de mini-histórias para ampliar o conhecimento dessa forma de comunicação foi desenvolvido, em 2020, junto ao grupo NETE/CNPq e a Universidade La Salle, um curso de extensão intitulado “Um convite às mini-histórias”¹⁸. Nesse curso, houve uma proposta de sensibilização inicial, a partir do material “Janelas - Registros do Sentir”¹⁹. Nessa experiência, os professores foram convidados e inspirados pela leitura a registrar durante três dias a vista de uma janela da sua casa, e após, produzir um texto sobre essa experiência, com as fotografias e texto em um único arquivo, aventurando-se nessa escrita e organização do material. A ideia foi que começassem a escrever de forma narrativa, uma espécie de crônica, a partir da sua casa, lugar que estavam naquele momento de pandemia. Não nomeamos, dessa forma, apenas deixamos claro que não era uma mini-história que estavam escreven-

18 Deste curso já foram publicados alguns resultados em forma de artigos e livros (SANTOS *et al.*, 2020; SANTOS; CONTE, 2020). O curso faz parte do desenvolvimento de uma pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) desde 2020, contemplado no Edital FAPERGS 05/2019 - Programa Pesquisador Gaúcho - PQG - Nº do Processo: 19/2551-0001776-6.

19 Material de apoio disponível em: www.sercriancaenatural.com/extras. Acesso em: 12 nov. 2021.

do, mas que se constituía um pequeno exercício de escrita. As produções foram encantadoras e foi um movimento muito sensível onde os professores começaram a abrir-se para a escrita e observação da realidade, estabelecendo novos vínculos com a vida cotidiana.

Dito isso, metáforas são ligações e relações narrativas. Daí que a lembrança é a força da existência humana, uma arte bela de lembrar (escolher caminhos de ligação narráveis e reconhecimentos que nos unem à arte de educar e aprender), e não apenas algo agradável voltado para o consumo (BENJAMIN, 2009). O autor defende a criação de vínculos para metaforizar o mundo, ou seja, poetizar e descobrir as ligações ocultas entre os acontecimentos históricos como reminiscências da experiência com os outros e com as condições de possibilidade de indagar-se, explorar, expressar e conhecer-se.

Merleau-Ponty dizia que a arte é advento - um vir a ser do que nunca antes existiu -, como promessa infinita de acontecimentos - as obras dos artistas. No ensaio *A linguagem indireta e as vozes do silêncio*, ele escreve: *O primeiro desenho nas paredes das cavernas fundava uma tradição porque recolhia uma outra: a da percepção. A quase eternidade da arte confunde-se com a quase eternidade da existência humana encarnada e por isso temos, no exercício de nosso corpo e de nossos sentidos, com que compreender nossa gesticulação cultural, que nos insere no tempo.* (CHAUÍ, 2013, *online*).

Assim, surge a beleza como reminiscência, como (re)encontro e (re)conhecimento, que desbloqueia a comunicação singular com o mundo na experiência que transcende a própria realidade. A imagem fotográfica é uma reprodução de instantes, momentos, espaços, durações e percursos. O exercício proposto consiste em transformar o acaso do trajeto cotidiano em uma imagem poética e de percepção da realidade. Essa imagem fotográfica desnaturaliza à deriva do seu cotidiano ao mesmo tempo em que a produz sob uma nova forma de olhá-la.

Como outras linguagens, a fotografia expressa a compreensão pelo olhar, os modos de ver, as relações. Se a imagem acompanha a vida humana como representação da realidade, como memória e expressão da cultura de um povo, de uma época, garantia de uma visão do passado, hoje, com a comunicação informatizada, ela nos desafia a compreendê-la em novas temporalidades, como mediação complexa dos processos educativos. (CIAVATTA, 2002, p. 13).

A forma demorada, atenta e crítica de olhar a realidade pode ser vista tanto na foto trajetória quanto no exercício da fotografia do tornar visível um direito que não é respeitado, a qualidade das relações humanas de interdependência do cotidiano da Educação Infantil, que é promotora e geradora de conhecimentos culturais. No entanto, as fotos enquanto registros do cotidiano escolar das crianças são produzidas pelas professoras como forma de expressão sensível da realidade e ao mesmo tempo ajudam a contextualizar as narrativas de mini-histórias, pois, exprimem o mundo enquanto o criam. A fotografia é uma imagem mágica que trabalha o consciente do professor (ator que fotografa) e também um espaço invisibilizado do cotidiano educativo (real, social, ético, estético e político). “A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente” (BENJAMIN, 1985, p. 94). As experiências fotográficas desveladas colaboram na transformação social pois permitem pensar as relações sociais mediadas pelas imagens, cujo conhecimento é obtido de uma experiência que se cria, que se prolonga num processo formativo processual e emancipador (BENJAMIN, 1985).

O invisível passa a ser apreendido de diversas maneiras e a fotografia passa a ser a mediadora daqueles sujeitos e sua experiência com a realidade. “A fotografia como recriação da realidade, como simulacro que é e não é, ao mesmo tempo, o objeto real, a fotografia no que mostra e no que dissimula, como conhecimento dissociado da

experiência que redefine a própria realidade” (CIAVATTA, 2002, p. 16). Entender a fotografia como síntese de múltiplas determinações e mediação histórica de um processo social complexo é concebê-la como parte de uma memória coletiva que possibilita a apreensão da realidade em sua totalidade de múltiplas relações que se desenvolvem e se criam como produção sócio-histórica e culturalmente. Entender o processo de representação da realidade em imagens fotográficas a partir do pressuposto de construção de sentido é apreender das práticas sociais mediadas pelas imagens na sociedade. As fotografias revelam sua essência quando são consideradas mediações humanas e históricas das relações socioculturais e entendidas para além da mera aparência, representação ou ilustração naturalizada em nosso cotidiano.

A crônica é um potente gênero textual, o que mais se aproxima das mini-histórias, e que podemos nesse processo de escrita de mini-histórias buscar inspiração, realizando as leituras deleite, buscando repertórios de escrita (BENJAMIN, 1892-1940). A história seleciona memórias, rastros²⁰, assim como podemos identificar em algumas produções cinematográficas. Além disso, por meio das proposições de Benjamin (1985), podemos ter outra visão sobre a experiência educacional e dialética da experiência, do narrador, da temporalidade, da fotografia, da história (lembrar e esquecer) dos sujeitos e da valorização da infância em sua plenitude. Nas palavras do autor, cabe lembrar que “a pedagogia proletária demonstra a sua superioridade ao garantir às crianças a realização de sua infância” (BENJAMIN, 2002, p. 118). Isso porque a educação proletária permitia o pleno desenvolvimento da criança, especialmente porque valorizava, dentro do contexto, a coletividade infantil e o instante da infância (atuação pelo gesto, olhar, fala, como sinais comunicativos do seu desenvolvimento). Para Benjamin (2002), a observação e o interesse pela criança constituem os principais componentes para se educar. Suas reflexões no âmbito educacional indicam, por exemplo, que as crianças que fizeram teatro

20 “O rastro seria a indicação da ausência de um outro que nunca pode estar presente” (Carla Rodrigues, 2008).

infantil tiveram uma aprendizagem mais enriquecedora e tornaram-se adultos com boas recordações da infância. Mas, frequentemente, a pedagogia burguesa “hipostasiasse uma essência absoluta da infância ou da juventude” (BENJAMIN, 2002, p. 121).

A produção de mini-história pressupõe uma pessoa que a veja e que a interprete de acordo com seus processos históricos e culturais. Uma mesma história pode trazer diferentes significados para diferentes culturas. Nesse sentido, Walter Benjamin (1892-1940) foi precursor no uso da mídia auditiva voltada para a infância e defendia que há livros que não são para decorar, basta lê-los, o que é muito mais divertido (BENJAMIN, 2002). O autor nos fornece referências para repensarmos nossos modos de transmissão da cultura da infância, oferecendo vivências importantes para o desenvolvimento das ações que projetamos por mini-histórias, em termos coletivos, adquirindo relevância na contemporaneidade dominada pela cultura digital e pela convergência da comunicação remota. As mini-histórias não representam apenas teorização, mas entusiasma e cativa por palavras novos olhares estéticos e políticos capazes de apontar possíveis e mais inteligentes modos de dispor a imagem como experiência em plataformas digitais.

La imagen es la realidad. La imagen es la imagen de lo real. La imagen es una forma de pensamiento, y una probabilidad constante de experiencia estética, un patrimonio compartido. Los textos también son imágenes, algo que espero aclarar a lo largo de los capítulos que siguen. Este libro habla de imágenes, de nuestra relación con ellas, de la creación y la difusión de las ideas mediante representaciones de la realidad o, sencillamente, a través de composiciones. Y habla de algo más. De la pulsión que mantenemos a diario con el flujo de imágenes que llegan a nuestro cerebro. (HUERTA, 2021, p. 11-12).

Ao aproximarmos a imagem como experiência do cotidiano escolar, visibilizamos as potencialidades pedagógicas que têm as imagens para os professores, tendo em vista a documentação pedagógica e o respeito ao outro, com quem interagimos na vida e formamos

para os processos de ensino e de aprendizagem (HUERTA, 2021). As reflexões escritas relacionadas com as imagens fotografadas no trabalho pedagógico ou em outras formas de vida reverberam na potência das mini-histórias, como poéticas da imagem onde texto e imagem se mantêm em uma tensão constante, que se inicia na reflexão sobre a importância da observação, do olhar, do questionar as tradições, do prestar atenção no outro, na própria existência e nos estilos de vida, permitindo desfrutar dos processos de desenvolvimento humano. Assim, as mini-histórias constituem um meio de comunicação, de expressão e de registro de ideias, para tornar possível o (re)conhecimento de uma realidade vivida, aventurando-nos em novas formas de imaginar, interagir e compartilhar experiências de produções visuais do presente.

Nas palavras de Paulo Freire (1989, p. 22), podemos dizer que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra” (imagem) e a leitura desta implica a complementaridade da leitura daquele. O déficit de leitura engloba a questão de que não sabemos ler o mundo, tampouco lemos os outros. Não há leitura de imagem que não seja influenciada pela experiência de vida cotidiana e que permite ampliar a leitura estética do mundo. Quando os estudantes, por exemplo, pensam que estão apenas descrevendo o que está objetivamente à sua frente, na verdade, estão interpretando e atribuindo sentidos ao que veem. Tais interpretações são geradas nas visões em relação aos próprios processos formativos engendrados pelos contextos culturais e discursos por eles vivenciados, pois nada pode ser interpretado e compreendido esteticamente sem antes passar pelos sentidos e conexões com o mundo, no qual vivemos em (re)construção social.

Há potencialidades que se apresentam por imagens da realidade no cotidiano formativo e da Educação Infantil, especialmente para a leitura estética como um elemento fundamental no processo educacional, se ampliamos nossas concepções pedagógicas sobre esse assunto. Muito além da recusa à invisibilidade das crianças, podemos

inferir que, ao exercitar o gesto de fotografar e organizar uma narrativa sobre ela, o ator social (professor, acadêmico) poderá inserir dados novos não apenas em seus argumentos verbais, mas modificando e construindo uma nova imagem do pensamento, que ainda não estava materializada, mas na forma de uma imagem mental. “E, na captura do instante, capturam-se também emoções e episódios completos, pois toda foto tem uma história e uma interpretação. O instante apreendido na foto é mediador de uma memória abrangente e contextualizada do que é apresentado” (BORGES; LINHARES, 2008, p. 133).

Ao investir nessa forma de diálogo por mini-histórias, aproximando-nos do tom das crônicas em pautas afetivas, operamos num duplo reconhecimento acadêmico: identificamos o potencial formativo via mídia de uso coletivo e concedemos especificidade cultural aos contextos, à produção autoral das invisibilidades, à cultura da infância, dando-lhes visibilidade, outorgando-lhes lugar ativo nas reflexões sobre a sociedade. Contudo, produzimos aqui recortes sobre o cotidiano em tempos de pandemia, na tentativa de pensar sobre a formação de professores, os contextos, os meios de comunicação audiovisuais e as novas formas de escrita da vida. Na contemporaneidade, o mundo encurta e o tempo se dilui, o ontem vira agora e o amanhã já está feito. Tudo muito rápido e por isso debater as questões da condição humana, do olhar, do escutar e de prestar atenção no outro, no mundo da infância, nos parece algo cada vez mais importante. Cada vez mais há o interesse pela leitura estética que afeta a pessoa no seu íntimo, enquanto sujeitos observadores e atores sociais da ressignificação do mundo. Acreditamos que ao respeitar as condições e a natureza da construção do conhecimento estético, através da leitura pela janela, possamos despertar aquele elemento humano e criador da sensibilidade que é fundamental à vida formativa no mundo socioeducacional.

A seguir, evidenciamos algumas dessas produções, autorizadas pelos participantes para serem divulgadas, considerando essas ideias

dos sujeitos frente às imagens do mundo para tentar compreender: o que os sujeitos veem e procuram através da janela? O que enfatizam quando analisam as fotos? Como interpretam? Que critérios e repertórios usam para selecionar a janela? Quais são as diferenças das leituras em contextos diferentes? É possível experimentar práticas pedagógicas inventivas, críticas e políticas com os acadêmicos? Como é, realmente, a leitura do mundo (imagem/narrativa dos sujeitos)? Se a arte se apresenta como abertura, podemos impor uma forma de ver ou ler o mundo?

O artista busca o mundo em estado nascente, tal como seria não só ao ser visto por nós pela primeira vez, mas tal como teria sido no momento originário da criação. Mas, simultaneamente, busca o mundo em sua perenidade e permanência. [...] Vivemos em meio aos objetos construídos pelos homens, entre utensílios, casas, ruas, cidades e na maior parte do tempo só os vemos através das ações humanas de que podem ser os pontos de aplicação... A pintura de Cézanne suspende estes hábitos e revela o fundo de Natureza inumana sobre a qual se instala o homem... A paisagem aparece sem vento, a água do lago sem movimento, os objetos transidos hesitando como na origem da Terra. Um mundo sem familiaridade... Só um humano, contudo, é justamente capaz desta visão que vai até as raízes, aquém da humanidade constituída... O artista é aquele que fixa e torna acessível aos demais humanos o espetáculo de que participam sem perceber. A obra de arte dá a ver, a ouvir, a sentir, a pensar, a dizer. Nela e por ela, a realidade se revela como se jamais a tivéssemos visto, ouvido, sentido, pensado ou dito. A experiência de nascer todo dia para a “eterna novidade do mundo” pode ser feita por nós quando lemos [o cotidiano]. As artes tornam-se **trabalho da expressão** e mostram que, desde que surgiram pela primeira vez, foram inseparáveis da ciência e da técnica. (CHAUI, 2013, *online*).

Para manifestar a imagem como experiência do cotidiano, os sujeitos constroem, gradualmente, uma espécie de teoria que usam para explicitar a própria compreensão dos processos com a arte²¹ de

21 “A palavra arte vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica, significando: o que é ordenado ou toda espécie de atividade humana submetida a regras. Em sentido lato, significa habilidade, destreza, agilidade. Em sentido estrito, instrumento, ofício, ciência” (CHAUI, 2013, *online*).

ver pelas janelas. Em outras palavras, são ideias que adquirem e constroem nas experiências com o mundo enquanto abertura ética e estética do processo de contextualizar a arte dentro da sua cultura. Talvez deveríamos nos perguntar:

Que é escrever? Para o poeta e o romancista, diz Sartre, é distanciar-se da linguagem-instrumento e entrar na **atitude poética**, tratando as palavras como entes reais e não como meros signos ou sinais estabelecidos. Apanham a linguagem em **estado selvagem** (como o pintor apanha a natureza inumana), como se as palavras fossem seres como a Terra, a relva, a montanha ou a água. O prosador faz algo diverso do poeta: quer que as palavras, além de por si e em si significarem alguma coisa, designem o mundo, ainda que para isso o escritor tenha que inventar novamente o mundo por meio das palavras. O prosador, escreve Sartre, “é aquele que escolheu um modo de ação que se poderia chamar de ação por desvendamento”. O que há de espantoso nas artes é que elas realizam o desvendamento do mundo recriando o mundo noutra dimensão e de tal maneira que a realidade não está aquém e nem na obra, mas é a própria obra de arte. (CHAUÍ, 2013, *online*).

Mantemos a formatação que cada pessoa utilizou nas percepções e apreensões da realidade durante o período de pandemia, buscando trazer justamente esse olhar singular, do lado de lá, também na forma de organização, *design* e estrutura. Cabe destacar, ainda,

Três manifestações artísticas contemporâneas podem ilustrar o modo como arte e técnica se encontram e se comunicam: a fotografia, o cinema e o *design*. Fotografia e cinema surgem, inicialmente, como técnicas de reprodução da realidade. Pouco a pouco, porém, tornam-se **interpretações** da realidade e artes da expressão. O *design*, por sua vez, introduz as artes (pintura, escultura, arquitetura) no desenho e na produção de objetos técnicos (usados na indústria e nos laboratórios científicos) e de utensílios cotidianos (máquinas domésticas, automóveis, mobiliário, talheres, copos, pratos, xícaras, lápis, canetas, aviões, tecidos para móveis e cortinas, etc.). As fronteiras entre arte e técnica tornam-se cada vez mais tênues. (CHAUÍ, 2013, *online*).

Mais do que isso, desde as primeiras manifestações das janelas, abaixo registradas, se instituíram formas de expressão, de autenticidade e de sociabilidade das experiências realizadas para a organização do espaço e do tempo na pandemia. Portanto, tais experiências cotidianas tornaram presentes os sujeitos em processos de formação e educação, fundamentais na vida humana, pois através dos processos nos tornamos o que somos. O trabalho visou desacomodar e provocar a leitura em diferentes fontes, por isso, a criação e a expressão escrita também ficaram refletidas em fóruns de discussão sobre o que realmente é a arte? Ao ampliar os debates nesse campo, foi possível verificar que a arte salva e está presente na nossa vida desde sempre, basta saber olhar e perceber as diferentes histórias relatadas.

Conforme escreve a acadêmica (2022):

“Certa vez, ouvi uma história que mudou meu jeito de pensar, era sobre uma menina doente em um hospital e que não podia se levantar. No mesmo quarto, tinha um menino, em uma cama perto da janela. Todos os dias esse menino descrevia o cenário para a garota com ricos detalhes e emoção: As árvores balançam com a brisa, as crianças no parque estão brincando de pega-pega, têm pássaros sendo alimentados por um velhinho simpático. No passar dos dias, a menina que estava desanimada por estar ali, foi se recuperando e ansiava pelo momento de descrição do seu colega de quarto. A menina se recuperou, recebeu alta, e a primeira coisa que foi fazer foi correr para a janela. Mas quando ela chegou ali, uma decepção: Havia um muro que ultrapassava a janela! O que deixava a menina alegre e ajudou sua recuperação foi a forma de ver o mundo do menino, seu colega de quarto. Isso é arte, está dentro de cada um, transforma a forma como se vê as coisas, é imaginar, criar, transformar e muitas vezes ajudar. A arte está presente desde os primórdios da humanidade e sem ela, o mundo não teria essa graça!”.

EXPERIÊNCIAS DO CURSO DE EXTENSÃO

A JANELA DA GIANNE



Primeira vista

Em um ano tão atípico, distante da escola, dos encontros físicos tão ricos e significativos com as crianças, me pego olhando pela janela após cinco meses de quarentena. O olhar era em busca de algo para abordar a chegada na Primavera com minha turma de pré-escola.

Buscava, já angustiada, com receio de propor apenas uma “atividade”, sem descoberta, curiosidade... Então olho com mais atenção e descubro uma árvore com bolas brancas, parecidas com algodão, gigante, bela... Como nunca tinha visto tanta beleza? Dois anos que moro nessa casa, abro a janela do quarto todos os dias e não tinha notado aquelas bolinhas brancas voando no meu pátio! Confesso que me emocionei... Mesmo distante a minha turma me ensina, me desafia, me traz encantamentos! Fui pesquisar sobre a árvore, tinha flor? Fruto? Semente? Era algodão? Descobri que o seu nome é paineira, que o branco não é flor, nem fruto, mas sim uma proteção para a semente, que é pequenina e leve demais! Claro que ela foi a grande protagonista de nossas propostas sobre a primavera! Através de um vídeo mostrei a minha descoberta para a turma e assim pudemos descobrir as belezas ao seu entorno.

Foi a proposta mais significativa que realizamos até agora, a natureza nos conectou! Não resisti e guardei uma bolinha de paina no vaso de flor da minha sala. Confesso que em dias difíceis olho por alguns segundos para ela e lembro que estamos todos conectados mesmo distantes fisicamente. Ao ver o convite do curso não pude deixar de lembrar dessa experiência e contá-la.



Segunda vista



No dia após ler a proposta do curso, me acordo e abro a janela do meu quarto. Ao ouvir o barulho...ela surge. É cotidiano, acontece todos os dias. Conforme as tarefas e o horário, fico mais ou menos tempo dando atenção para ela. Acho que nunca percebi a beleza do momento. Nesse dia, doe mais do meu tempo. Registrei. Ela me aguarda diariamente acordar e vem me saudar assim

que percebe a minha movimentação. Conversamos, ganhei algumas lambidas e depois permiti que ela entrasse e brincamos juntas. Foi o início de um dia muito divertido, recheado de carinho e amor espontâneo. Essa é a Dana, integrante da família, muito amada em nosso lar!

Terceira vista



Já era tarde, hora do chimarrão! Após um dia cansativo, encontros *online*, reunião via *meet*, planejamento... ufa! Um dia desafiador como tantos nessa quarentena! Mas já era tarde... e o dia foi vencido! Então, agora de outra janela, da minha cozinha, percebo o sol se pondo. Uma beleza que invadiu a minha casa. Encheu meu peito de gratidão pela vida, iluminando tudo! Mais um momento que tinha passado despercebido tantos outros dias, e graças ao convite de vocês foi celebrado. Obrigada!

Fonte: Professora (2020).

Há muitas experiências e conhecimentos sendo produzidos, no entanto, “o que faz um bom professor é a consciência dele que, primeiro, ele necessita ter conhecido, mastigado, sentido o saber, o sabor do conhecimento. Mas saber tudo não é saber a verdade, e não adianta você saber mais, mas não entrar em comunicação, em sintonia, com o saber do outro” (MOSE, 2013, p. 243). Mas, anterior a isso, cabe tornar a educação um espaço vivo à produção de saberes, à valorização da curiosidade, do olhar, da pesquisa, da arte, da criatividade, da reflexão, da cultura na atualidade, como possibilidade para entrar em comunicação, em diálogo, em abertura com o outro. Dessa forma, “aquele que sabe pesquisar, que sabe argumentar, que tem uma visão sistêmica, que sabe ligar-se ao mundo, ele é cidadão do momento em que vive” (MOSE, 2013, p. 187). No livro, a autora compartilha uma entrevista com Madalena Freire (2013), na qual defende que ensinar é um ato ético (sempre em grupo e no coletivo) e estético (somos inacabados e finitos), visto que *a pessoa humana é peça fundamental na sua aprendizagem, falando, contando com a sua voz e a sua vez, fazendo a história.*



Foto 1 - o amanhecer

Desde que tive minha primeira casa, em 2013, sou privilegiada com uma vista maravilhosa do Vale dos Sinos. A janela da sala do nosso apartamento dá de frente para um local no qual não é possível construções, por se tratar de um local de preservação (local do leito do Rio dos Sinos). Nessa primeira imagem, captei o nascer do sol em toda sua plenitude, iluminando o vale, as árvores e o riacho que passa por dentre essa imensidão verde. Uma foto "cheia de sons", pois nesse horário os pássaros nos presenteiam com lindas melodias livres. As colinas ao fundo, bem distante ainda cobertas pelas nuvens começam a aparecer para agraciar ainda mais esse momento. É uma foto também "cheia de aromas", que com a chegada da primavera perfuma o ar, trazendo logo nos primeiros momentos da manhã um "cheirinho de terra", de flores, de plantas e de vida.

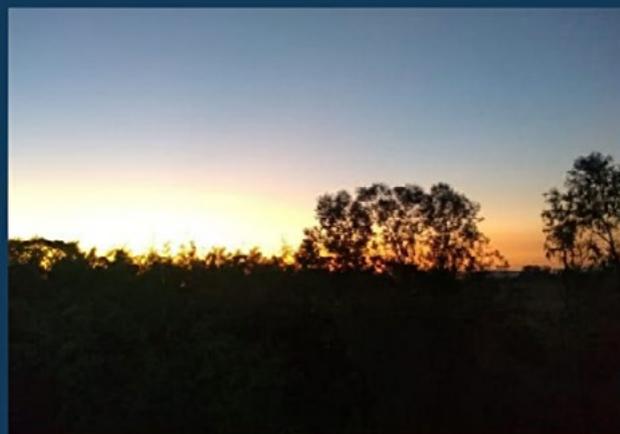


Foto 2 - o entardecer

O entardecer é ainda mais apaixonante. Com apenas 45m² de apartamento, ao olhar pela janela sinto que todos os finais de tarde são uma imensidão. Me perco em devaneios ao observar as cores do céu, que vão mudando e mudando no decair do sol, configurando uma palheta de cores que a cada dia se modifica. Sou agraciada com esse espetáculo diário, que é o acalento nos dias de fúria, é a energia nos dias cansaço e a esperança para o dia que virá. Os sons dos pássaros dão lugar agora para as cigarras, que aos poucos começam sua cantoria. Com sorte, às vezes surgem vagalumes na imensidão verde que se apresenta aos nossos olhos. Ainda sou dessas pessoas que fica feliz ao ver o sol se pôr, seja onde eu estiver.



Foto 3 - meu "Van Gogh"

Essa foto não é nova, foi tirada a alguns meses mas senti vontade de falar um pouco dela. Prefensão minha à parte, chamei ela de meu "Van Gogh" e pode ser que somente eu na face da Terra ache parecido. Neste dia, fiquei analisando esse céu, com as nuvens se entrelaçando e deixando a lua começar seu espetáculo noturno. O degradê das cores, um azul mais escuro para o mais claro, com nuances de amarelo e laranja me remeteram à tela "Noite Estrelada", mesmo que na foto apareça apenas uma estrelinha pequena próximo a lua. Para complementar o meu "Van Gogh", as árvores fizeram as vezes dos outros elementos da obra. Nesta imagem final fica o meu questionamento: a arte imita a vida ou a vida imita a arte?

Fonte: Professora (2020).

ROTINA DAS MANHÃS ATRAVÉS DA JANELA



Primeiro momento. Essa é minha janela da cozinha, vista todo dia pela manhã, quase sempre no mesmo horário. Meu pátio é formado por esses brinquedos de pracinha e casinha, organizados para meus dois netos, pra quando virem me visitar terem diversão na casa da avó e ficarem com lembrança da infância. A falta de nitidez da janela se dá pela tela de contenção de insetos. Pelo lado de dentro podemos perceber o bandô de crochê feito pela vovó aqui, em seguida percebemos as samambaias que balançam ao vento (muita ventania e chuva por esses dias). Ao fundo à esquerda o lixo reciclado que está aguardando o dia de coleta, o carro no pátio e um dia com chuveiros e céu nublado. A árvore do vizinho que tenta vir para nosso pátio, no verão dá uma bela sombra, na primavera floresce uma linda orquídea e contempla a beleza da estação.

No segundo momento, a rotina da janela já é outra, céu limpinho e azul cor do mar, sol, passarinhos cantando, cachorros também se manifestam, o lixo reciclado já foi pra rua, o carro foi para lavagem, roupas no varal. As samambaias continuam verdes e fortes, pois precisam de claridade para sua manutenção. Os sons já são outros também, crianças passando pela rua (embora estejamos ainda em pandemia), barulho de carros e motos e alguns caminhões. Como minha residência é no bairro e toda a rua é formada por casas, há muitos sons diferentes,

quando me posto na janela fico na observação, tanto de sons naturais como sons produzidos pelas pessoas.

No terceiro dia, continua o dia com sol, os mesmos sons, passarinhos, sons automotivos, pessoas que caminham.... muito pouco mudou do segundo, agora temos mais um carro no pátio, visitas em casa. (Professora, 2020).

JANELA E PAREDES

A primeira imagem registrada foi feita da janela do meu quarto. Sempre que abro, um feixe de luz invade, trazendo luminosidade e calor. O cantar dos pássaros que ficam no bambuzal que ainda existe desde meu tempo de criança no terreno ao lado ficam ainda mais fortes. Observando ao redor vemos apenas muros e paredes. Em frente enxergamos a casa de meus pais e aos lados os muros que servem para nos sentirmos protegidos da violência urbana e conseqüentemente restringem as relações com os vizinhos a um cumprimento rápido quando circulamos pela rua. Nesta paisagem sem natureza tento, no dia seguinte, destacar o que me resta dela para observar. Em uma procura de desemparedar minha visão, buscar outros ângulos para registrá-la, assim pude perceber o azul do céu timidamente aparecendo, pois, ainda parte do telhado o esconde, mas percebo a persistência e o poder da natureza trazendo seu frescor matinal transmitindo sua serenidade.

A terceira imagem foi feita da janela do quarto de minha filha. Podemos perceber que a paisagem aparece imersa em concreto, muros, paredes e pisos. Uma pequena plantação feita em uma floreira construída com tijolos. A casinha de minha filha compõe este cenário que nos é comum de ver atualmente, porém reconheço que não deveria parecer normal viver nesta artificialidade. Deixamos que a correria do dia a dia invada nossas decisões na busca de praticidade e acabamos nos privando do contato com a natureza.

Durante as observações, minhas memórias afetivas foram provocadas e o resgate de como era nosso quintal quando ainda eu era pequena trás lembranças muito boas, era o que uma criança precisava para crescer saudável e feliz. Terra vermelha, gramado, árvores frutíferas, pedras, flores diversas uma imensidão de possibilidades para criar e brincar. Sinto que essas experiências ainda vivem dentro de mim, promovendo essas vivências incríveis e inesquecíveis às crianças no qual convivo. (Professora, 2020).

AMOR QUE TRANSBORDA

Estes convites a olhar pela minha janela, me fizeram lembrar de outras janelas que eu amo! Logo me vieram a mente, postagens do meu Instagram, onde tenho por hábito colocar fragmentos de recordações vividas e lembranças que tenham memórias significativas e afetivas da minha história.

Esta com certeza não é a foto mais bonita deste "acervo", mas é a que me traz automaticamente as melhores lembranças.

A vista da janela da casa dos meus avós...Da minha casa, da casa de nossa família!

Lembranças que chegam a emocionar! Foi aqui que minha vida iniciou ao nascer, por algum tempo meus pais moraram por lá...

Com o passar dos anos, a casa dos avós, dos encontros e mesa cheia aos domingos com a família toda reunida.

Mesa cheia de nhoques, feitos a muitas mãos! Bagunça com farinha, cheirinho de infância com sabores e aromas que nunca vou esquecer! Ficam "impressos" no corpo e na alma!

Depois, por coincidências da vida e diria até por amor à primeira vista, aquele que marca, inspira, emociona e te faz apaixonar de verdade, acabei indo morar lá. Anos de alegrias, aprendizados, construção da minha família.

Minha filha também teve como seu primeiro lar esta casa, esta casa que tem muito a contar... Histórias que se completam, se cruzam, criam memórias...

Atualmente, meus pais moram lá, ela se tornou novamente a casa dos avós para outra geração da família. Nhoques, massas caseiras, bagunças com farinha...

E a vista! Ah, essa vista! Ela tem o poder de me fazer lembrar e não esquecer que família é o bem maior! Existem muitos lugares no mundo, muito mais do que mil janelas para olhar, mas com certeza, nenhuma delas me fará ter estas sensações de afeto e amor que transbordam no relembrar... (Professora, 2020)

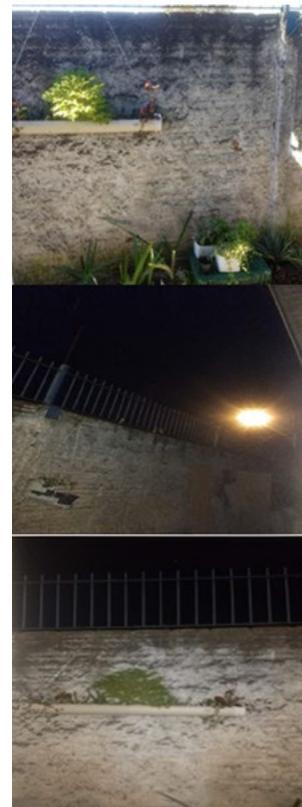
Vejo e sinto

Por algum tempo o que eu via pela janela, era um muro triste e sem vida. Mas decidi que iria fazer um lugar a diferença, então com ajuda do marido fizemos algumas flores e com muito amor fiz o plantio.

E agora ao abrir a janela, contemplo a vida e a beleza que ali está. Se converso com elas, claro que sim! Dou bom dia, boa tarde, digo como estão lindas e cheirosas. E quando chega a noite e já é hora de fechar a janela, depois de admirar a beleza delas na luz do luar, digo boa noite.

Meu muro nunca mais foi triste e sem vida, além das plantinhas também tem os bichinhos do jardim que ali estão. O tatu-bolinha, os caracóis, as borboletas, as formigas e as abelhas se fazem presentes alegrando ainda mais este pedacinho da minha casa.

Fonte: Professora (2020).



Janelas
Texto: Elenice M
Imagens: Elenice M
Outubro/2020

A JANELA DE VIRGÍNIA

Virgínia Roos
Porto Alegre/RS

Ao primeiro dia

Pela manhã, vejo o céu sutilmente pintado de rosa. Em meio a tantos estímulos visuais que me exponho diariamente, encontro serenidade ao olhar pela janela. A pintura, porém, caminha rapidamente para fora de meu alcance.

Permaneço mais alguns minutos contemplando o céu, agora todo azul com nuvens brancas, parecendo com os desenhos que eu fazia quando criança. Logo em seguida, os fios de luz roubam minha atenção e, em segundos, a serenidade é soterrada por meus pensamentos: compromissos, prazos, reuniões, livros, *lives*, família, a casa e eu... desafios do "novo normal".



Ao segundo dia

Em tempos em que não faltam opções de entretenimento, raras são as oportunidades de conexão com a natureza. Mas neste dia, sem ao menos precisar sair do quarto, me senti em sintonia com ela.

Ao contrário do dia anterior, dentre os diversos adjetivos possíveis para descrever este amanhecer, sutíliza não é um deles. Embora sinta que os dias têm sido engolidos pela rotina de multitarefas do *home office*, a paisagem se sobressai e, por alguns instantes, suspende o caos. Eu paro para contemplá-la, lamentando, apenas, pelos fios de luz que, grosseiramente, atravessam sua beleza.



Ao terceiro dia

Ao terceiro dia, a beleza estava nos fios



Fonte: Professora (2020).



Pela Janela

Pela janela vi a vida de uma forma diferente esse ano.

Por essa janela, que eu quase não tinha tempo de olhar, em tempos, ditos “normais”, mas sempre que podia me perdia um tempo nela, se observava com todos os sentidos (visão, olfato, audição) uma rua de intenso movimento de carros e pessoas de todas as idades, desde os bebês recém-nascidos aos idosos.

Isto porque nessa quadra dessa rua há três escolas e um posto de saúde, então, em tempos “normais”, ouvimos e vemos pessoas chegando e saindo o dia inteiro. Dessa janela é possível ver os bebês recém-chegados ao mundo indo no posto para tomar suas primeiras vacinas e ouvir seu chorinho depois do “pic”, dolorido, mas necessário. Dessa janela é possível ver idosos chegando para suas consultas, ou passando para uma aula de ginástica - porque ao lado do posto há o salão da igreja do bairro e nele grupos da ginástica comunitária fazem seus exercícios diariamente - também podemos ouvir as músicas animadas e os “uhuuuls” das aulas de dança. Dessa janela é possível ver as vans escolares passando e sentir o cheiro de seus motores soltando fumaça. Dessa janela é possível ver crianças bem pequenas passando com suas grandes mochilas coloridas e seus pais ou avós acompanhando. É possível ver adolescentes passando em grandes grupos, conversando e rindo alto e caminhando pelo meio da rua. Dessa janela é possível ouvir sempre que toca o sinal da escola, é possível ouvir a música do recreio, ou a gritaria de algum jogo animado na quadra, ou a felicidade das crianças da escola de educação infantil quando estão no pátio, ou o “ahhhhh” bem forte que fazem quando cantam a música da bruxa.

Em tempos “normais” é possível ver a vida em sua forma mais pulsante por essa janela. Então, quando de repente, tudo parou, passou a ser demasiadamente triste estar aí, justo agora, quando tenho tanto tempo pra isso, não há vida para observar.

Mas aos poucos fui aprendendo a enxergar toda a vida que estava bem na minha frente desde sempre, mas que quase não dava atenção em razão de todo o movimento do lado de fora. Este jardim passou a ser meu espaço preferido da casa, lugar de respirar e de me conectar comigo mesma. E, claro, pela janela eu vejo as árvores, as flores, as folhagens se desenvolvendo, os passarinhos catando minhocas no chão, ouço seu canto, observo como parece que as plantas se animam em dia de chuva, vejo os gatos do vizinho se escondendo na árvore, ouço o som dos galhos se chocando com o vento, vejo beija-flores e borboletas com toda a sua beleza.

Pela janela eu vejo a vida de todas as formas e como há tanto o que aprender e com o que se encantar, basta ver.

Fonte: Professora (2020).



Abra as janelas



Observar pela janela se tornou hábito nessa quarentena. Sons de pássaros, cachorros, construções, carros e caminhões passaram a ser mais perceptíveis durante essa observação logo pela manhã.

Mas o canto dos pássaros é o que mais admirei, uma orquestra comandada por pássaros tem sido meu passatempo antes de começar mais um dia.

Na correria do dia a dia os sons da natureza sempre passavam despercebidos por mim.

Mas pude parar nesse momento que estamos vivendo e me atentar aos sons que alguns pássaros fazem, arrisco até citar alguns como bem te vi e caturritas, que aparecem com mais frequência e por aqui.

E confesso que esses sons foram uma espécie de calmante pra alma.



O céu também passou a me encantar, o lindo céu azul, sem uma nuvem e com um lindo raio de sol, é encantador!

Sem falar no verde das árvores, na leveza que é o balançar das folhas com aquele ventinho pra refrescar o momento.

Essa é minha observação da janela da minha casa.

Francine

Fonte: Professora (2020).



UM DIA CINZA

No primeiro dia em que observei minha janela estava chovendo muito, típico das tardes de primavera, fazendo com que os vidros ficassem embaçados, dando quase que um ar de mistério para a paisagem lá fora.

Escolhi esta janela que fica no meu quarto por ser a única, de toda a casa, que me possibilita olhar para o céu em qualquer momento.

O dia está escuro, os passarinhos que ficam na árvore, em frente à minha casa, estavam silenciosos, talvez encolhidos em seus ninhos, procurando por proteção e abrigo desse aguaceiro que vem do céu, com suas nuvens carregadas.

Talvez estejam assim como eu, abrigados no aconchego da família, buscando se aquecer no calor fraterno que só eles têm.



O SOL

Este foi o segundo dia em que observei minha janela. Depois de alguns dias de chuva, eis que ele apareceu... sua majestade, o sol, reinando plenamente durante uma manhã esplendorosa.

E com ele, voltaram também os pássaros que ficam nesta árvore, alegre e frondosa, compondo a paisagem entre o verde de suas folhas e o azul e branco do céu.

Esta foi uma foto feita logo nas primeiras horas da manhã, acordo todos os dias assim, com esta bela vista, iluminada, com os primeiros raios de sol dizendo-me "Bom dia".



O ENTARDECER

Para o meu terceiro e último dia de observação da minha janela, escolhi o entardecer, pois este é um momento em que o dia aos poucos se aquieta, o sol se põe no horizonte e junto com ele vem o negro escuro da noite com seus mistérios e prazeres.

Neste dia uma brisa leve balançava os galhos da árvore, os poucos raios de sol tentavam timidamente iluminar suas folhas deixando um dourado clarinho, aquecendo os passarinhos que ali fazem seus ninhos.

Observei por alguns dias, com olhos que nunca antes havia olhado para aquela paisagem rotineira de meus dias, e a partir de agora verei diferente a cada momento que olhar para fora.

Fonte: Professora (2020).

O curso de extensão teve por objetivo desenvolver uma proposta formativa de continuidade nas investigações com a exploração de registros por mini-histórias, que pudesse gerar conexões em rede e interação entre as professoras que atuavam na Educação Infantil, a partir de um ponto comum de discussão: a produção de mini-histórias. Às vezes é preciso parar, respirar, contemplar e sensibilizar o olhar²²,

22 Algumas pesquisas com narrativas e leitura de imagens, para superar as normatizações e a história única, estão disponíveis em "A Pesquisa com narrativas e imagens", da Profa. Dra. Fabricia Borges (UnB): <https://www.youtube.com/watch?v=0cdTUWKbDb4> Narrativas que se encontram: escuta e encruzilhada de imagens, da Profa. Eliidayana Alexandrino apresenta pesquisas do "Laboratório de escuta de imagens", forma experimental de colocar o público em contato com essas narrativas visuais, mediações e discussões. Disponível em: <https://youtu.be/17uLOj7l86s?t=221>

tendo em vista que os entrelaçamentos perpassam a departamentação tanto no detalhe como no todo. As impressões retidas pela memória operam através das imagens e dos sentidos, bem como pelas marcas deixadas por algumas experiências.

A obra²³ que mostramos abaixo, é instigante para fazermos analogias com a dimensão pedagógica dos movimentos formativos necessários para a construção de mini-histórias no cotidiano escolar, tendo em vista a necessidade de escuta e observação atenta do percurso. Também expressa a amplitude compreensiva de um processo de construção, em permanente busca e reinvenção do cotidiano, de forma criticamente curiosa. À primeira vista, a obra impacta turistas externos, mas no ir e vir apressado dos transeuntes da própria cidade ela passa despercebida, algo semelhante aos contextos brincantes da primeira infância, que nem sempre trazem uma visão completa, especialmente se pensarmos na superfície do que é evidenciado apenas nos trabalhos em aula (frequentemente circunscritas a atividades avaliativas de retorno aos pais e responsáveis).

Figura 3 - *Écoute* (Escuta)



Fonte: Henri de Miller (1986).

23 A escultura de rua foi construída pelo artista francês Henri de Miller (1953-1999) e nomeada de *Écoute* (Escuta). Trata-se de uma obra instalada em 1986, em frente à Igreja Santo Eustáquio, ao lado do *Forum Les Halles* que abriga ao mesmo tempo um grande shopping center e a maior estação de trem subterrânea.

O papel das mini-histórias no universo de atuação pedagógica implica tomar a fotografia como forma de comunicação associada à escrita, que nos impulsiona a fazer registros em forma de documentação pedagógica durante o tempo do cotidiano escolar. Se ler imagens constitui uma das novas formas de se alfabetizar no e sobre o mundo e implica ver, identificar, categorizar e inferir algo sobre elas, para compreendê-las, mais do que isso, no contexto das mini-histórias elas nos ajudam a narrar os momentos (episódios) da vida escolar e são mediadoras de um mundo simbolicamente relacional que requer contínuas aprendizagens.

[...] na fotografia, o que eu estabeleço não é apenas a ausência de objeto; é também, simultaneamente e na mesma medida, que esse objeto existiu realmente e esteve lá, onde eu o vejo. [A partir da] fotografia, a minha certeza é imediata: ninguém no mundo me pode desmentir. A fotografia torna-se então para mim um *medium* estranho, uma nova forma de alucinação: falsa ao nível da percepção, verdadeira ao nível do tempo. De certo modo, uma alucinação moderada, modesta, partilhada (por um lado, *não está lá*, por outro, *isso existiu realmente*). Imagem louca, tocada pelo real. (BERGER, 1972, p. 14).

Nas pesquisas aqui reunidas, o uso de fotografias com os processos de comunicação se constitui em uma alternativa estético-expressiva para a construção dos dados no campo artístico, trazendo impactos nas percepções e análises dos sentidos metafóricos do que foi coletado. A proposta deixa de ser um produto final, enclausurado, para se converter num ponto de partida, aberto ao estímulo do meio ambiente e à recriação das sucessivas instâncias de ação dos sujeitos na realidade. Discutimos as mini-histórias com as fotografias em relação aos registros pedagógicos, mas também, a autofotografia no sentido de compreender a relação da imagem espontânea do cotidiano e as narrativas mediadas por ela.

Santaella e Nöth (2001) ressaltam essa complexidade do sujeito no processo de construção verbal dos significados, a partir da imagem, numa relação complementar em que imagem e contexto se entrelaçam e se completam na construção de registros narrativos. Para os autores,

“a imagem parece não ser suficiente sem o texto [...]. A concepção defendida de que a mensagem imagética depende do comentário textual tem sua fundamentação na abertura semiótica peculiar à mensagem visual [...]” (SANTAELLA; NÖTH, 2001, p. 53). Em outras palavras, o contexto envolvido da imagem fotografada pelo professor para a criação de mini-histórias é a linguagem verbal, que promove a relação com o olhar pedagógico.

Nesse sentido, Silva e Koller (2002) destacam quatro funções principais para o uso da fotografia em pesquisas: 1. Função de registro: a fotografia é utilizada para documentar determinada ocorrência. 2. Função de modelo: a fotografia é apresentada para os participantes para evocar determinada reação ou opiniões sobre as fotos. 3. Função autofotográfica: é pedido aos participantes que produzam determinada quantidade de fotografias na expectativa de responder a questões específicas. Normalmente, há entrevistas para que os participantes relatem suas percepções sobre as fotos ou pede-se para que escolham as que consideram mais relevantes. 4. Função de feedback: o participante é fotografado e, logo após, a fotografia lhe é apresentada com a finalidade de retomar aspectos estudados na pesquisa. Partimos da compreensão de que cada foto ou sequência de fotos carrega significados instituídos social e temporalmente. Assim, interpretar uma imagem nos remete à aprendizagem que temos das situações fotografadas, considerando que a presença de uma imagem e de sua narrativa adquire significados diferenciados de outras situações em que percebemos ou só a imagem ou só a narrativa. (BORGES; LINHARES, 2008, p. 130).

Durante o curso foram refletidos diversos aspectos referentes às mini-histórias, principalmente suas complementaridades, a partir da fotografia, do *design*, formatos, estéticas, linguagens, informações situacionais, elementos que orientaram a pesquisa quando utilizamos tais narrativas para discutir suas especificidades no horizonte complexo na pesquisa. Algumas dessas reflexões podem ser encontradas no livro “Experiências Formativas com Mini-Histórias: pesquisas contemporâneas” (CONTE; CARDOSO, 2022). A complementaridade verbal dada

à imagem fotográfica consiste em atribuir uma significação que parte dela e é narrada pelo(a) professor(a), algo que estava na situação vivida, mas não estava intrínseca. Ou seja, a fotografia na comunicação de mini-histórias demanda uma interpretação, pois é uma presentificação de um fenômeno vivido (passado), que ultrapassa a imagem e desencadeia palavras, sentimentos, comportamentos, algo que a ela simultaneamente está ligada.

Ao final do curso os participantes refletiram sobre o percurso, trazendo algumas considerações sobre suas aprendizagens, e hoje em 2022, tendo vivenciado uma pandemia, percebemos através de mini-histórias produzidas pelas participantes o quanto evoluíram nas questões de escrita, *design*, estética, tendo conseguido desenvolver mini-histórias em período de pandemia, mesmo sendo um período tão atípico. Alguns comentários trazidos por alguns participantes ao final do curso, e em seguida, mini-histórias produzidas durante a pandemia após o curso se apropriando das reflexões e diálogos construídos:

Esse curso foi um presente durante o isolamento social, no decorrer da minha formação tive pouco contato com a Educação Infantil. Entretanto, após esse curso sinto-me mais preparada para tal porque sei que respeitarei as aprendizagens, protagonismo e os conhecimentos dos educandos.

Agradeço a oportunidade de ter participado com vocês desta formação a qual despertou em mim a consciência da importância de produzir as mini-histórias na escola, as oportunidades de mudanças nas relações que ela possibilita, a valorização da criança neste processo tornando visível seu cotidiano e fazendo com que sua vida vivida seja mais valorizada.

Não foi e nem está sendo um período fácil, mas temos que aproveitar ao máximo as oportunidades que temos. O percurso desse ano foi árduo, mas, no meio dessa caminhada também encontramos as flores que deram um delicado colorido, como esse curso que tive a honra de participar.

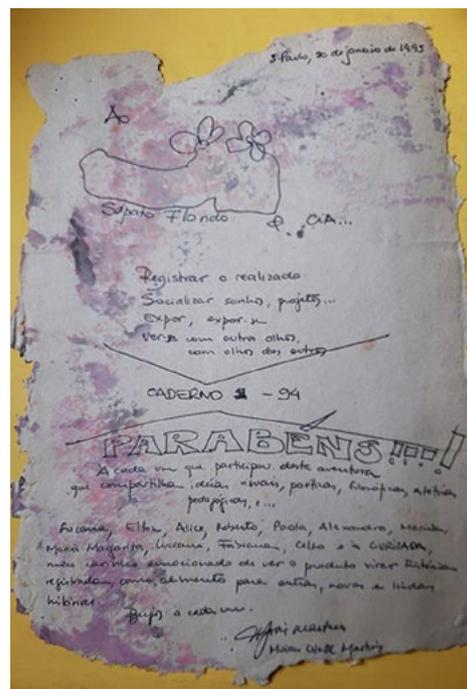
Anteriormente, costumava escrever mini-histórias mais simples, sem riqueza em detalhes e fazia isso para todas as crianças da turma, a pedido da direção que não concordava em fazer relatos de apenas uma determinada situação. Hoje eu vejo como aprendi errado, pois uma mini-história *não deve ser um material quantitativo e sim um material de qualidade, envolvendo uma situação real de experiência, trocas de aprendizados, interações nos mais variados momentos e o mais importante, deve ser um material que revela significado para as crianças envolvidas.*

O curso de extensão teve momentos importantes, da multiplicidade de relações sociais, em termos de postura dialógica e temporal, especialmente nas formas de expressão de sua referência contextual e do posicionamento dos professores em diferentes campos de sentido e formas de interação, com regras próprias em interações remotas, mas também propiciadoras do desenvolvimento humano. De modo semelhante, Souza e Lopes (2002) desenvolveram um estudo para incentivar a leitura de imagens e o diálogo no ambiente escolar. As autoras defendem que o exercício de fotografar cenas do cotidiano escolar e, posteriormente, narrar as situações que haviam acontecido pode causar a reversão da experiência do olhar que estava banalizada no cotidiano. Nas palavras das autoras, “[...] o uso de fotografia no contexto escolar justifica-se pela possibilidade de criar estratégias pedagógicas que viabilizem o processo de produção de novas formas de expressão do conhecimento e da cultura” (SOUZA; LOPES, 2002, p. 79). Destacam, ainda, que é uma forma de provocar uma visão crítica aos eventos cotidianos, sem fechar-se em fontes estáticas, especialmente, tendo como referência os processos formativos e educativos de socialização, conforme a experiência da oficina de arte Sapato Florido (1995). Uma experiência realizada em forma de trabalho profissional, analítico e reflexivo, com os sentimentos registrados, que considera o que Fernando Pessoa traduz nessa poesia...

TENHO PENA E NÃO RESPONDO

(...) Cada um é muita gente.
Para mim sou quem me penso,
Para outros - cada um sente
O que julga, e é um erro imenso.
Ah, deixem-me sossegar
Não me sonhem nem me outrem.
Se eu não me quero encontrar,
Quererei que outros me encontrem?²⁴

Figura 4 – Experiência da Oficina de Arte Sapato Florido (1995)



Fonte: imagem de acervo das autoras, 2021.

24 MultiPessoa. Novas Poesias Inéditas. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1973 (4. ed. 1993, p. 50). Disponível em: <http://multipessoa.net/labirinto/fernando-pessoa/1>

Nesse sentido, Hernández (2000) traz uma ênfase na perspectiva crítica da cultura visual, sendo móvel, interativa e condizente com as experiências, pois a cada dia as pessoas constroem, a partir da realidade, suas características sociais, culturais e históricas, que se incorporam aos aspectos relacionados tanto às representações quanto aos artefatos visuais. Nessa linha de raciocínio, Hernández (2000) compreende que não podemos ficar à margem de uma reflexão mais ampla sobre o papel da escola e dos sujeitos pedagógicos na cultura visual, especialmente nesses tempos de mudança. Essa proposta aberta por Hernández enfatiza que precisamos, na condição de professores, estar atentos ao que se passa nos sujeitos, nos saberes do mundo e na vida em sociedade, para iniciarmos novos processos de aprendizagem, sinalizando orientações educativas para responder com propostas imaginativas e recriadoras, que possibilitem aos estudantes elaborar formas de compreensão e de atuação no mundo. Tal abordagem crítica das representações e dos artefatos visuais requer diferentes percepções que estão interconectadas, tais como histórico-antropológicas, estético-artísticas, biográficas (na construção dos processos identitários) e crítico-social, para a configuração atual das diferenças e das relações de poder. Como pistas de caminhos possíveis em um trabalho para a compreensão crítica da cultura visual, trazemos algumas mini-histórias para dialogar com as representações existentes que afetam nossas vidas no cotidiano escolar, utilizando diferentes narrativas relacionadas com a própria identidade e o contexto sociocultural, que ajudam a construir práticas pedagógicas inventivas, visuais, críticas e políticas.

Investigando, pesquisando e explorando

APÓS ISABELA UTILIZAR OS FEIJÕES EM OUTRA PROPOSTA, ELA PEDIU PARA SUA MÃE SE PODERIA MEXER NOS FEIJÕES, QUERIA SENTIR A SUA TEXTURA, DISSE QUE ACHOU ELES "FOFINHOS".

SEGUNDO O RELATO DE SUA MÃE, QUANDO ISABELA ESTAVA MEXENDO, PERGUNTOU PORQUE ERAM TODOS PRETOS E FICOU PROCURANDO DIFERENÇA NELES.

E MEXENDO ENCONTROU O BRANCO (QUE É UM PRETO SEM CASQUINHA) E DEPOIS OUTRO QUE É UM POUQUINHO MAIS CLARO. DEPOIS FICOU BRINCANDO DE VER ELES NA LUPA E SEPAROU PARA PLANTAR.

TAMBÉM BATEU UM LONGO PAPO COM SEUS FEIJÕES, QUERENDO SABER SE ELE, OS FEIJÕES, QUERIAM SAIR DA BANDEJA.

A CURIOSIDADE INFANTIL SE MANIFESTA DE MUITAS MANEIRAS, DEMONSTRANDO A NECESSIDADE DA CRIANÇA EM COMPREENDER O MUNDO A SUA VOLTA. ISABELA AGUÇOU SUA CURIOSIDADE COM OS FEIJÕES, INVESTIGANDO, PESQUISANDO E EXPLORANDO.



Criança: Isabela
EMEI Professora Carmem Ferreira
Abril/2021 Turma Jardim IA
Texto: Marcia J. Bones da Rocha
Imagens: Giovana (mãe da Isabela)

Brincar de comidinha.

Durante algumas conversas no início do mês de março, a mãe da Ana Rafaela enviou no grupo de WhatsApp da turma, essas imagens dela brincando de fazer comidinha. Percebe-se nesse momento a alegria e o prazer da Ana Rafaela em realizar tal brincadeira, tendo a oportunidade de explorar, criar e inventar possibilidades para desenvolver sua imaginação infantil. Segundo sua mãe, ela adora fazer bolinhos de terra e areia e enfeitá-los com flor e matinho, quando menos espera está lá a Ana Rafaela com suas panelas indo para o pátio brincar de comidinha.

Criança: Ana Rafaela
EMEI Professora Carmem Ferreira
Março/2021 Turma Jardim IA
Texto: Professora Marcia Bones
Imagem: Anelise (mãe da Ana Rafaela)



A natureza do brincar



NO INÍCIO DO MÊS DE MARÇO, AO SER SOLICITADO UMA FOTO DAS CRIANÇAS BRINCANDO NA NATUREZA, A FAMÍLIA DO MIGUEL ENVIOU ESSA FOTO ONDE HÁ O SEGUINTE RELATO:
"ELE AMA BRINCAR NA AREIA. E COM OS ELEMENTOS DA NATUREZA, ELE GOSTA DE FAZER COMIDINHAS E OFERECE PARA NÓS E PARA OS BRINQUEDOS DELE. TAMBÉM ADORA FAZER CASTELOS, E MONTAR GUARDA COM OS SOLDADOS DE BRINQUEDOS!!!"

Criança: Miguel
EMEI professora Carmem Ferreira
Março/2021 Turma Jardim IA
Texto: Marcia Bones
Imagem: Bianca (Mãe do Miguel - via WhatsApp)

Transformers



Victor com seis anos, adora a sensação de construir coisas com o cesto de lego e suas infinitas possibilidades. Perde-se no tempo envolvido nesse processo.

Desencaixar e encaixar é o que predomina neste momento da brincadeira. Monta e desmonta até formar um castelo.

Entre tantas peças, e numa brincadeira "crescente" um castelo pode virar uma torre no seu mundo imaginário.

E, com diferentes formatos e cores, dá para criar tudo com elas. Isso porque, como são peças de montar, até o transformers apareceu por aqui.

Nome da criança: Victor de Carvalho de Mattos
Idade: 6 anos
Escola: EMEI Carmem Ferreira
Imagens e texto: Profª Marilene Dias Picanço
Agosto/2021

Formas, Criações e Transformações



Após a brincadeira na pracinha Pyethra encontra um bom lugar para descansar, se acomodar e relaxar. Entre um olhar e outro para as folhas e galhos das árvores em torno do brinquedo, ela percebe que acima de tudo isso as nuvens se movem. Sem tirar os olhos do céu e das nuvens, ela chama a professora para assistir com ela as transformações que acontecem com as nuvens.

"Olha profe, parece algodão doce".

E o vento que soprava a todo momento modificava as nuvens, transformando-se em figuras diferentes enquanto Pyethra nomeava as nuvens que se transformavam em coroa da princesa, cabelo maluco e tantos outros.

Quando uma criança usa sua imaginação para brincar, ela não está apenas "observando as nuvens".

A imaginação da criança é o que permite que ela consiga enxergar além, como se tudo fosse real. Nesse momento Pyethra perde a consciência de seu mundo real e embarca em uma viagem ao mundo da fantasia onde até as nuvens do céu ganham formas e se transformam no que ela quiser.

Nome da criança: Pyethra Raphaela da Rosa da Silva

Idade: 6 anos 1m

Escola: EMEI Carmem Ferreira

Fotos e textos: Profª Marilene Dias Picanço

Agosto/2021

Fonte: imagem de acervo das autoras, 2021.

MINI-HISTÓRIAS NA PANDEMIA

A natureza é o único livro que oferece um conteúdo valioso em todas as suas folhas. (...)
Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor.
(Johann Wolfgang Von Goethe, 1749-1832)

Em relação ao desenvolvimento de mini-histórias durante a pandemia, experiências de professores que já realizavam essa prática mostraram o quanto o olhar e escuta sensível das famílias também agregou nessas produções ao partilhar os registros das crianças. Foi importante estabelecer parcerias para que essa relação família e escola pudesse dar certo nesse momento tão atípico para todos.

Foi navegando em um oceano de incertezas que começamos a vivenciar o isolamento social em 2020. Com a suspensão das atividades presenciais, nos vimos em um cenário até então não vivenciado na Educação Infantil, que é o do ensino remoto. Iniciamos o contato com a turma de forma virtual com propostas que tinham como objetivo a manutenção de vínculos. Acreditamos que voltaríamos logo ao ensino presencial e, por essa razão, nossa preocupação inicial era de não perder o contato com as crianças. Mas fomos percebendo que essa situação se prolonga por mais tempo do que imaginávamos. [...] Inicialmente, relutamos quanto à escrita de mini-histórias, pois como seria possível narrar sem estar presente, sem ter feito os registros? Nos parecia uma ideia um tanto quanto fora da nossa realidade. Mas passamos a compreender que o ponto de vista é provisório e que, mesmo quando presenciamos os fatos episódicos que narramos, não temos a verdade absoluta. (CARDOSO; MATHIAS, 2021, p. 74-78).

A partir de algumas mini-histórias tentamos contar um pouco desse período vivenciado desde 2020 com o fechamento das escolas até 2021 e o retorno gradual ao ensino presencial, e enfim, em 2022,

o retorno “normal” das crianças. As mini-histórias a seguir são de uma escola de Educação Infantil do município de Novo Hamburgo/RS, que durante a pandemia continuou a prática de escrita de mini-histórias, por meio do envio de registros pelas famílias e de registros capturados como prints de telas.

Início do ano letivo em 2020 presencial



A chegada de Lentz

Logo que Lentz entrou na sala referência em seu primeiro dia de adaptação, Melissa sinalizou através do olhar que o conhecia. O apoiou, brincando com ele, e mostrando os brinquedos e espaços da sala. Um telefone de brinquedo chama atenção de Lentz, e Melissa que estava o acompanhando, se aproxima. Os dois trocam ali diversas palavras, o que não é comum para Melissa, que costuma expressar-se mais por gestos, mas parece sentir-se muito a vontade na brincadeira com Lentz. Além das palavras trocam também olhares, e dividem esse momento de brincadeira. Brincam de fotografar-se no celular fazendo gestos e expressões olhando para a tela. Adaptar-se à um ambiente novo é um desafio, então encontrar alguém conhecido do seu convívio e cultura pode auxiliar neste processo.

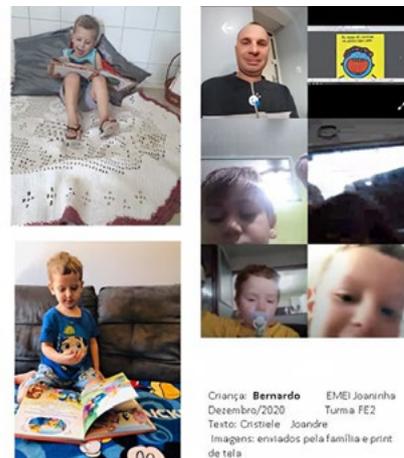
Turma: FE2 Março/2020
Texto e imagens: Cristiele e Joandre

Escolas fechadas, e agora?

Contatos e propostas passam a ser remotos

Era uma vez...

Bernardo é encantado pelo mundo dos livros. Demonstra esse gosto desde o ano passado. Observa com atenção os detalhes dos personagens e aprecia escutar os professores contar histórias. Nos registros que a mãe enviou percebemos que esse gosto continuou no decorrer desse ano em casa. No contexto virtual vivenciamos juntos algumas experiências narrativas com histórias, e Bernardo ficou feliz em participar desses momentos acompanhando atentamente e pedindo mais e mais histórias.



Criança: Bernardo EMEI Joazeirinha
Dezembro/2020 Turma FE2
Texto: Cristiele Joandre
Imagens: enviados pela família e print de tela

O ano de 2020 termina remoto, sem retorno presencial



Assim começou e assim terminou...



A mãe de Valentina organizou um espaço com os materiais enviados no kit de pintura para a menina observar e desenhar sua batata. Enviou alguns registros nos contando que "Assim começou o desenho da batata, e assim terminou...". Valentina começou desenhando as folhas e a batata com o pincel. Mas logo utilizou também a esponja, as mãos e foi se divertindo com as marcas que podia deixar no papel. Percebemos seu entusiasmo e concentração naquele momento através de suas expressões. E o que iniciou na proposta de um desenho de observação terminou em uma grande brincadeira de pintar. Mas na vida também é assim, o plano inicial pode mudar, mas não deixa de ser prazeroso e nos trazer aprendizagem, como o ano que estamos tendo.

Criança: Valentina, 7 anos, FEZ, EMEI Joaquina
Texto: Cristiane e Sílvia, Novembro/2020
Imagem e vídeo: Divulgado pela família



Fonte: imagem de acervo das autoras, 2020.

Em 2021, dias melhores virão, esperança de início presencial, mas o ano inicia remoto, escola fechada de novo



Saudade

Recebemos um registro da mãe do Ruan que nos deixou emocionadas. Através dele, percebemos que os momentos vivenciados por Ruan na escola ficaram marcados de forma significativa.

O vídeo mostra a sua reação ao ver a escola. Aproxima-se do portão, observa e diz: **Pofe, abre o portão! Vô falá pra professora abri. Ela não abriu ainda. Vo entra ai dentro, abí aqui!**

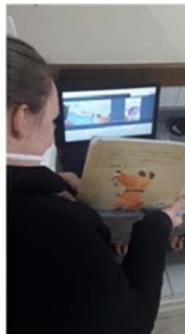
Suas narrativas demonstram o desejo de reviver as brincadeiras, as interações... E o seu olhar transmite um sentimento de saudade esperando o retorno.

EMEI Joaquina
Texto: Professoras Karin e Sílvia
Imagens: Prints de vídeo
FEZB
Abril/2021

Fonte: imagem de acervo das autoras, 2021.

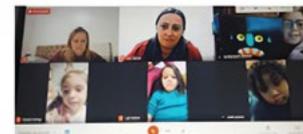
Encontros continuam remotos...

Encontros esperados



Os encontros virtuais são planejados e aguardados pelas crianças... Momentos para que possamos nos ver, conversar e nos comunicarmos uns com os outros.

No semana passada, aconteceram momentos de contação de história... o olhar para o tela nos dava sinais de que as crianças estavam gostando. Aos poucos foram interagindo e fazendo parte da história, esses encontros são fundamentais para fortalecermos os vínculos, para contarmos novidades e acompanharmos suas investigações.



EMEI Joaquinha
Imagens e texto: Professoras Karim e Sílvia
Fotos: edição 28
Crianças: Leandra, Júlia, Alice e Luán,
Junho 2021

Fonte: imagem de acervo das autoras, 2021.

Porém, agora com mais segurança são produzidas mini-histórias com registros enviados pelas famílias...

Vivências no campo

Heitor demonstra gosto pelas coisas da terra. Desde os primeiros dias de conversa e chegada dos registros do cotidiano conseguimos perceber sua relação com a natureza. Em um de seus passeios registrados pela família, foi perceptível seu encantamento durante essa vivência incrível. Brincar com o pai em amplos espaços cercados pelo verde e andar a cavalo parece terem sido experiências inesquecíveis para ele. Essas vivências ficarão registradas na sua memória.



Ficamos felizes em poder acompanhar esses momentos de fortalecimento de vínculos em família e interação com a natureza e os animais.

Criança: Heitor
Imagens e vídeos: enviadas pela família no WhatsApp
EMEI Joaquinha Turma FE2A
Texto: Cristiele e Joandre Abril/2021

Fonte: imagem de acervo das autoras, 2021.

Enfim, em 2021, acontece o retorno e é preciso uma nova sensibilidade e um novo jeito de estar juntos...

Novos tempos

Realizamos com as crianças que estão presencial o plantio de sementes de girassol próximo ao nosso solário. As crianças que já estavam vivenciando essa experiência em casa com os materiais que buscaram na escola nos mostraram muita intimidade e gosto pelas coisas da terra. Ao terminar de plantar Lauryn questiona - **e a planta? Quero ver!** Em sua casa Lauryn já fez o plantio do girassol por isso ela não entende ainda **Cadê a planta ?**



Criança: Lauryn e colegas
Imagens: enviadas pela família no WhatsApp
EMEC Joazeiro - Turma FE2A
Texto e imagens Joandre e Cristele
Maio/2021

Nós então explicamos que agora plantamos a semente e que será necessário tempo e cuidado para que também cresça como a dela que está em casa. Os tempos são diferentes e agora vivemos novas realidades entre o presencial e o virtual, mas aos poucos as crianças vão compreendendo e assimilando esses novos movimentos e interações. Ao chegar em casa Lauryn vai comendo molhar seu girassol que já está crescendo e a família envia o registro no grupo de WhatsApp fazendo essa ligação entre escola e casa. Seguimos plantando sementes esperando o tempo para germinar e ver crescer com esperança, mas como diz Paulo Freire esperança do verbo esperar, e não esperar. Esperança, cuidar e juntos novamente se reinventar e fazer dar certo.

Fonte: imagem de acervo das autoras, 2021.

E de quanto tempo é necessário?

É PRECISO FLEXIBILIDADE



Texto e fotos: Profe Camila Mausa - Criança: Nasthae, 3 anos - Maio de 2021

Neste momento foi preciso, respeitando os protocolos sanitários, acolher de uma maneira diferente. Nastha chorou muito, não queria ficar. em outros momentos, eu já saberia como agir, mas agora, ela abraçada na mãe, chorando, lágrimas escorrendo, o que fazer? Tudo é novo, como agir nesta situação em plena pandemia? A mãe fala português, mas Nastha não, sem comunicação verbal, eu apenas entendi o olhar aflito dela, naquele momento eu precisava fazer uma escolha, minha melhor estratégia foi convidar a mãe à entrar, ela ficou no solário, um espaço aberto, e aos poucos Nastha foi se acalmado logo a mãe saiu, ficou do lado de fora em um banco próximo ao solário, aos olhos da Nastha. Os outros dias foram uma alegria só. São tempos de incertezas, mas uma certeza fica, as crianças precisam ser respeitadas. Precisamos descomplicar e nos apropriar do melhor modo que é possível conviver com segurança.

Fonte: imagem de acervo das autoras, 2021.

2021 vai passando e voltamos a nos encantar
com o cotidiano vivo da escola

A escola continua viva

Sentimos falta daquele ritmo diário, dos movimentos e dos tantos sons da infância. Das salas repletas de registros, da escola cheia de marcas que narravam um cotidiano vivo de crianças bem pequenas.

Mas até a natureza nos revela que a escola permanece viva, a cada ciclo com novas belezas e a cada dia com novas esperanças.

Assim seguimos, concordando com o sábio Paulo Freire... "É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; por que tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera (...)".



EMEI Joaninha Texto: Rafaela Flores Imagens: Rafaela Flores

Fonte: imagem de acervo das autoras, 2021.

Brincar ao ar livre

O pátio externo da escola é um lugar muito apreciado pelas crianças. Um lugar para ver o céu, ouvir o som dos pássaros, sentir o vento no rosto e se aquecer com o calor do sol. Poder brincar ao ar livre instiga a curiosidade e convida o corpo a pesquisar, ativando diferentes sentidos. É importante proporcionar tempo para as crianças fazerem suas próprias pesquisas e enriquecer os ambientes para que elas possam ampliar seu repertório de brincadeiras. Experiências como essas fazem parte da jornada das crianças na escola e estamos sempre procurando potencializar esses espaços como forma de convite às crianças para brincar.



EMEI Joaninha
Imagens e texto: Professoras Karli e Sissa
Falsa edição 18
Crianças: Lúvia, Bernardo, Helena, Yasmin e Isaac.
Junho 2021

Fonte: imagem de acervo das autoras, 2021.



Todas as tardes, antes de ir para casa, as crianças recebem o segundo lanche. Neste dia, eram maçãs.

Carinhosamente, a profe Ruanita preparou o lanche para

todos colocando os pedaços em palitos, uma ação simples, mas que chamou atenção das crianças, se mostraram encantados e ainda deu espaço para o faz de conta.

Joaquim: Olha Rafa, olha! É meu pirulito! Bem gostoso. E lambeu a maçã como se fosse. Rafa sorriu e ela e outros colegas também experimentaram brincar de pirulito.



O SIMPLES
ENCANTA



Texto e imagens: Camilla Mausal/Cranças; Joaquim e Rafaela: out-2021

Fonte: imagem de acervo das autoras, 2021.

E com o retorno de 2022, aprendemos a ter calma, lembrando de tudo que vivemos nessa pandemia

O TEMPO PEDE CALMA



EMEI Joazeira
Texto e Foto: Camilla Mausal
Cranças: Jélla e Luán F
FE3 - 2022

Neste período de adaptação, o tempo de cada criança é bastante peculiar, bem como o modo de agir em relação às atividades de atenção pessoal. Estar junto das crianças é saber perceber cada uma. Neste período optei por fazer o lanche na sala, organizo o lanche em uma mesa e as crianças foram convidadas, uma a uma, no seu tempo, para lavar as mãos e lanchar, se assim desejar. A delicadeza e o envolvimento das crianças é encantador. Nas adaptações o tempo pede um pouco mais de calma.



Fonte: imagem de acervo das autoras, 2022.

A infância não é estática, as crianças não são estátuas, não só porque elas se movem em um só dia, mas também porque os dias na infância passam rápido. Há quem espera crianças imóveis e outros não querem que elas cresçam, ambas as posturas limitam o desenvolvimento. A infância é o momento da vida onde todas as manhãs as habilidades mudam, e para quem precisou de ajuda ontem, hoje pode fazer sozinha. Potencializar a autonomia é estar quando as crianças precisam e não quando o adulto precisar. (Álvaro Pallamares, 2020, *online*)²⁵.

Figura 5 - Esculturas no Parque Benson



Fonte: Benson Garden Sculpture Park (Crianças em equilíbrio; Ciranda, 1985)²⁶.

25 Álvaro Pallamares, conhecido como o tradutor infantil, aborda como os maus-tratos nunca educam. De tão arraigado em nossa cultura, muitos tem o pensamento de que uma palmada a tempo, um grito ou uma ameaça são recursos para educar, Pallamares nos mostra os efeitos prejudiciais ao desenvolvimento da autoestima da criança. Disponível em: <https://www.elobservador.com.uy/nota/alvaro-pallamares-el-traductor-de-ninos--2020618191344> Acesso em: 27 jun. 2022.

26 Localizado em Loveland, Colorado, USA, o Benson Garden é uma galeria a céu aberto, no parque, inaugurado em 1985, conta atualmente com 116 esculturas. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/145100419216967797/> Acesso em: 27 jun. 2022.

A photograph of a child running down a slide, with a person standing at the top holding a flag. The image is overlaid with a semi-transparent blue and red gradient. The number '2' is prominently displayed in white on the right side.

2

OUTROS OLHARES
E PERCEPÇÕES...

JANELAS 2020 – O ISOLAMENTO

Aqui socializamos outras experiências construídas no período da pandemia, que se constituíram em processos de continuidade durante o isolamento, em todos os níveis de ensino, agora construídas pelos(as) acadêmicos(as) do Curso de Pedagogia, nas disciplinas de Ação Docente e Artes e Metodologias do Ensino de Artes, ofertadas remotamente e por educação a distância, de 2020/1 a 2022/1. Em 2020/1, propomos como provocação para a atividade três vídeos disparadores²⁷. A proposta consistia em escolher uma das atividades de Desenhança em Casa, fazendo uma produção, a partir da observação de uma das janelas de casa ou usando a fotografia com a descrição de sentimentos dessa experiência criadora. Utilizamos também a metáfora da ciranda, na tentativa de praticar a escuta sensível, que vai além da prescrição, no sentido de que o outro me desafia e me acolhe. Seguindo as orientações da atividade, os estudantes postaram no *Google Classroom* (sala de aula) a criação final. Cabe destacar que,

[...] cada imagem possui um núcleo de significados sociais e culturais possibilitando seu entendimento, independente da intervenção da fala, mas, que ainda assim, no contato com a narrativa produzida a partir de cada imagem, tanto o discurso pode ser permeado pela imagem, como os significados imagéticos adotam também novos sentidos, num processo dialógico designado pelas relações e pelo discurso em situações sociocomunicativas. No caso das fotografias pessoais, percebemos que o fato desse tipo de imagem possuir uma história referente ao cotidiano de indivíduos conhecidos, e, muitas vezes, envolvidos, elas são também compostas dos significados de suas histórias pessoais e também daqueles mobilizados no próprio momento de execução da fotografia. (BORGES; LINHARES, 2008, p. 132).

27 Vídeo 1: "A Complicada Arte de Ver", de Rubem Alves, disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=2334867589949383> Vídeo 2: <https://youtu.be/U8Mx-VF0zC> Vídeo 3: <https://youtu.be/S1PN3S9i-6U> Acesso em: 05 maio 2022.

Na tentativa de motivar a participação de todos, de animar, de encorajar, de pegar na mão do outro para superar as distâncias e o isolamento, promovendo uma pedagogia da presença virtual (dos sentidos, da fala, do gesto e da escuta, para além de palavras vazias), compartilhamos ao longo dos encontros variados materiais que poderiam interessar ao grupo, como forma de provocar um tempo para pensar as complexidades que estávamos vivendo e sentindo na educação atual (CONTE, 2021). Contudo, “podemos inferir que a cada reconstrução da narrativa do que a fotografia de um evento representa, há a inserção de novos fatos e elementos que estão presentes no momento atual, com traços do passado e expectativa do futuro” (BENJAMIN, 1985; BORGES; LINHARES, 2008, p. 132). Partimos do seguinte recorte:

Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem. Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. Não basta abrir a janela para ver os campos e os rios, escreveu Alberto Caiero, heterônimo de Fernando Pessoa. O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido. Nietzsche sabia disso e afirmou que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. O zen-budismo concorda, e toda a sua espiritualidade é uma busca da experiência chamada *satori*, a abertura do terceiro olho. (ALVES, 2004, *online*).

Viver poeticamente através da arte, da literatura, da ciência, da pintura e da música evita a brutalidade dos nossos dias. A inspiração não é dom dos raros, mas é expressão de experiências (em uma disciplina ou curso da vida) a ser cultivada pelas experiências que nos são contadas pela tradição cultural, por uma escola dos sonhos, afinal, ninguém nasce feito.

Figura 6 – Sensibilidade para enxergar



Fonte: O Pequeno Príncipe (Antoine de Saint-Exupéry, 1943²⁸).

O escritor Roberto Saviano, quando visitou Áquila logo depois do terremoto de 2009, escreveu: *É somente quando lhe sobra a vida e nada mais que é possível compreender o privilégio de cada respiração. Isso eu escutei dos sobreviventes.* Nesse cenário, deixamos explícito também no enunciado que aqueles estudantes que pudessem e quisessem variar os suportes e os riscadores tinham liberdade de expressão e poderiam usar a imaginação criadora na organização das narrativas. Vale destacar:

28 Trechos da obra, disponível em: <https://www.culturagenial.com/livro-o-pequeno-principe/>
Acesso em: 05 maio 2022.

Na fotografia, o sentido se tece na relação com o todo circundante, no enquadramento do evento quando se vai tirar a foto. [...] O contexto é dado pela forma como a imagem aparece na foto, pois há também uma relação entre a história em que foram produzidas as imagens e os seus processos significativos, construídos na história que percorre sua execução. O objetivo da fotografia e a sua realização são partes dessa atividade social que não apenas é um registro impresso, mas uma construção desse evento no pensamento e na memória, já que é um registro social. (BORGES; LINHARES, 2008, p. 133).

Já dizia Rubem Alves que “sem a Educação das Sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido”²⁹. Sobre a arte de ver, o autor diz que é mais do que meramente olhar com nossos modelos prontos, nossos preconceitos sobre o mundo, mas, realmente se abrir para a experiência estética de perceber o mundo (ALVES, 2004). Esse maravilhar-se com o que aparentemente é banal, esse olhar que a criança tem, de ver a magia das coisas e que a maioria dos adultos perdeu. As crianças veem as coisas de forma diferente, com mais detalhes, com mais atenção, mais tempo para apreciar o mundo, um exemplo disso é olhar as nuvens e ficar imaginando formas, desenhos, rostos, ir para o jardim e ficar horas vendo as nuvens e brincando com o que se parecem...

Cada vez mais, vemos o mundo através da visão mediada, e, como o temos feito, temos sido nós mesmos cada vez mais capazes de um distanciamento e consequentemente separarmos do contato com a sua realidade. E, claro, não é mais uma questão de ver e acompanhar a proximidade ao mundo: novos meios de comunicação visual têm progressivamente ampliado o nosso campo de visão. Com o desenvolvimento da televisão em nível mundial, existe, ao que parece, uma capacidade de observação ilimitada dos eventos do mundo. (ROBINS, 1996, p. 21)³⁰.

29 Precisamos olhar com outros olhos, com olhos de criança, sendo mais solidários com os olhos dos outros. Fonte: <https://www.revistapazes.com/educacao-sensibilidades-rubem-alves/> Acesso em: 05 maio 2022.

30 No original: Increasingly, we have come to see the world by means of mediated vision, and, as we have done so, we have increasingly been able to distance and detach ourselves from contact with its reality. And, of course, it is no longer a question of seeing and monitoring the proximate world: new visual media have progressively expanded the field of vision. With the development of global television, there is, it seems, the capacity for unlimited observation of the world's events.

Ser professor, neste contexto de reações massificadas que conduzem o *gosto* a uma padronização coletiva, é um processo de resistência e de vir a ser contagiado por uma forma estética de perceber sempre de novo a cada acontecimento, tendo a compreensão hermenêutica de mundo, onde o horizonte das linguagens amplia nossos conhecimentos. Pablo Picasso (1881-1973) dizia que “cada criança é um artista. O problema é como permanecer um artista depois de crescer”. *Para ter olhos brincalhões é preciso ter as crianças por nossas mestras*, visto que a arte está nos olhos de quem vê (ALVES, 2004). Assim como esclarece Paulo Freire (1989), na obra “A importância do Ato de Ler”, ao reforçar que a leitura crítica do mundo e dos textos tem a ver com a sua mudança em processo, pois, ninguém escreve se não escrever, assim como ninguém nada se não nadar³¹. Se sou capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma, transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura baseada na relação que eu tenho com esse mundo, pois a leitura da palavra é a leitura da “palavramundo”.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9).

Nesse período emergencial, não tivemos tempo hábil para realizar a tramitação no CEP³² desses componentes curriculares, por isso, e por entender a grande vulnerabilidade humana nesses tempos pandêmicos, vamos manter em sigilo os nomes dos(as) acadêmicos(as), nomeando apenas os retornos das atividades disparadoras da seguinte

31 Paulo Freire - Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra. Fonte: https://novaescola.org.br/conteudo/11685/ensinar-aprender-leitura-do-mundo-leitura-da-palavra?gclid=CjwKCAjwjtOTBhAvEiwASG4bCDXhVM1GwRxVBYJ2zJWempam7I6BJ17Gz1s7C-1jY_w0bpvjI_8OsoxCRNYQAvD_BwE Acesso em: 05 maio 2022.

32 Cabe destacar que as Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual também foram publicadas via OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CO-NEP/SECNS/MS, em 24 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/ed69166a4ef605a900e51c17b8bdf767.pdf> Acesso em: 05 maio 2022.

forma: Acadêmico ou Acadêmica e assim por diante. Vale destacar que os trabalhos foram registrados em aulas remotas, envolvendo todos os sentidos físicos, como o olho e a mão, o ouvido e a voz, mas, ultrapassando as meras competências técnicas ou instrumentais que eles exigem (DEWEY, 2010). Tivemos retornos poéticos inclusive, por e-mail, conforme os exemplos que foram selecionados:

Fiquei bem feliz em realizar essa experiência. Na correria da nossa rotina, às vezes, não notamos alguns detalhes que estão à nossa volta. Dependendo do ângulo, você se depara com algo surpreendente, que você nunca havia notado. Olhar da janela me fez viajar em minha imaginação, recordar meu tempo de criança, quando sentava na janela de casa e admirava as aves, plantas e árvores do interior e quão prazeroso era morar rodeado da natureza. (Acadêmico, junho 2020).

JANELAS - Desenho da vista 1. Durante a observação para o desenho, fiquei impressionada com a quantidade e o emaranhado de fios nos postes, que via do outro lado da rua! Atividade bacana, onde percebemos detalhes que passam despercebidos no dia a dia.

Desenhos da vista 2 e 3. Observando a janela da sala, é uma “janela porta”. Que janela maravilhosa! Quantos significados ela me proporciona! Para quantas alegrias ela se abre! Dela posso curtir os dias ensolarados, os dias chuvosos, ou os dias nublados, os frios, os de calor, com vento forte e frio, com uma brisa apenas... enfim, muitas sensações, cheiros, percepções. Grata pela oportunidade de escrever sobre minha janela preferida! (Acadêmica, junho 2020).



JANELAS - Desenho da vista 1. A fotografia da janela escolhida se refere à janela de um quarto (o da minha mãe). O quarto

em questão fica de frente para a rua, os traços cinzas remetem à grade do portão, e no pátio há grama, uma bananeira, um pé de butiá e uma bergamoteira (que não foi desenhada, pois mal apareceu na foto). (...) A atividade é incrível, se analisarmos, realmente a janela se transforma em uma moldura para a paisagem que há lá fora. A imaginação é uma grande aliada!

Desenhos da vista 2 e 3. Essa é a imagem da vista da janela de minha casa, fui até o quarto dos meus pais para que tivesse mais coisas para desenhar, pois na vista da janela do meu quarto há apenas um muro que dá para a casa do vizinho. Aqui conseguimos ver quantas flores há em meu pátio, árvores que antigamente eram bem pequenas, flores que estavam fechadas antes, e agora estão se abrindo, outras secaram. Também colocamos água para os passarinhos e muitos vêm por conta das flores, principalmente das flores de mel. (Acadêmica, junho 2020).



A Delicadeza

A Delicadeza fala do detalhe

Do suave

Do quase imperceptível

Da doçura

Da contramão da pressa

Do sussurro

Do mágico

Do Sagrado

Do importar-se

Da escuta

Da inspiração

Do toque sutil

Do deixar passar

Ah! Quanta coisa cabe dentro da Delicadeza!

Ela é pequena quando se fala de barulho...

É gigante quando se fala de silêncio.

Obrigada por se doar tanto e me inspirar a ser assim também.

(Acadêmica, maio 2020).

Como bem contextualiza Ana Mae Barbosa (1998, p. 16), ao incorporar com a arte-educação aspectos dos estudos culturais, da cultura visual e da crítica e apreciação da arte em suas práticas, nos lembra que “através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc., não podem dizer porque elas usam outros tipos de linguagem, a discursiva e a científica, que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais”. A ausência de um objeto da galeria claramente identificável como obra de arte nesta proposta incentivou a noção de que nós, observadores, deveríamos agir e decidir olhar os fenômenos do mundo de um modo artístico pelas janelas.

A photograph of a child running down a slide, with another child standing at the top holding a flag. The image is overlaid with a semi-transparent blue and orange gradient.

3

JANELAS
2021 - A PAUSA

Quem escreve um livro cria um castelo,
quem o lê mora nele!

(Monteiro Lobato, 1882-1948)

Se não é possível escaparmos à nossa própria cultura que adoeceu (pandêmica, esquizofrênica), ou se já não temos sonhos por vivermos amedrontados, é necessário lançar propostas disparadoras que nos desafiem através das janelas. Agora, um pouco distinta de sua primeira versão³³ (que pareceu, para a maioria dos professores, tomar a direção de um ônibus sem freio), porque no período de 2021 foi permitida uma pausa pela experiência percorrida no olho do furacão de 2020. Na perspectiva de Han (2017, p. 61-62), “a época da pressa não tem aroma. O aroma do tempo é uma manifestação da duração”.

Por sua vez, em 2021, tivemos um tempo de pausa para respirar, sensibilizar, pensar, avaliar e atualizar uma nova versão, com a imposição do isolamento físico e social, pois o cenário apresentado já era outro desde o ano anterior. “A vida cultural da humanidade (...) só é possível e só se desenvolve quando existe uma atenção profunda e contemplativa. A cultura pressupõe um espaço propício à atenção profunda” (HAN, 2017, p. 26). Com as atividades 100% remotas, em 2021 realizamos ajustes nessa dinâmica, ampliando, de certa forma, os conhecimentos e os registros de leitura para revelar diferentes caminhos e possibilidades pelos quais os(as) discentes poderiam trilhar, tendo por base inspirações teóricas dos autores, que certamente enriqueceria a (auto)reflexão. Pensando em dar ainda mais voz aos textos acadêmicos através de narrativas imagéticas, lançamos o seguinte desafio: use a sua imaginação e construa sua própria história. Ler o referencial teórico “Janelas - Registros do sentir”³⁴. Em seguida, registrar durante três dias a vista de uma janela de sua casa (por desenho de

33 A referida disciplina Ação Docente e Artes (2020) teve início em um contexto regular e, portanto, dentro de um planejamento com atividades presenciais, debates, leituras de textos, entre outras metodologias próprias do cenário presencial.

34 Disponível em: <https://www.sercriancaenatural.com/extras> Acesso em: 05 maio 2022.

observação ou foto). Tentar registrar pontos de vista diferentes, horizontes e ângulos diferentes. Use a criatividade. Após ter os registros, produza um texto sobre essa experiência, colocando as imagens e o texto em um arquivo. Aventure-se na escrita e composição do trabalho pela percepção e produção de aproximações de enredos de uma história. Ainda, foram disponibilizados outros exemplos de como desenvolver a arte no cotidiano escolar (com cenário, fantoche e diálogos), inspirados no livro “História meio ao contrário”, de Ana Maria Machado e em *sites*³⁵, artigos, jornais, etc.

Mia Couto (2018, *online*) já nos alertava que “o professor tem que ser um contador de histórias”. Registrar e documentar o agir pedagógico no cotidiano da Educação pelo ato de ser um “contador de histórias”, segundo Walter Benjamin (2002), é permitir experimentar outras formas de olhar, de narrar o mundo e estar nele com os outros, através da faculdade de trocar experiências. Para Freire (1989), a palavra é “mundo”, isto é, não existe palavra que não seja constituída e que constitua um contexto. Estava implícito na orientação da atividade disparadora que independentemente do meio e da linguagem em artes e culturas audiovisuais que escolhemos para trabalhar na escola, devemos considerar três aspectos fundamentais para a criação de narrativas: 1) Na experiência de arte, apoiando-nos na história, só a feitura e a fruição são capazes de instaurar processos de construção e ampliação do conhecimento estético (das poéticas de mundo); 2) Quem cria deve ser visto e incentivado como um agente crítico dos meios, das técnicas, das tecnologias e dos temas com que opera sua criação; 3) A criação, em artes, serve primeiro para que a pessoa que cria possa se questionar, acerca de si (saber-se), de suas relações e seus posicionamentos no mundo, antes que possa propor algo dessa natureza ao outro. Assim também precisamos observar as imagens da janela para o exercício de fazer fruir a escrita de narrativas do cotidiano.

35 Disponível em: www.amarelovangogh.online Acesso em: 05 maio 2022.

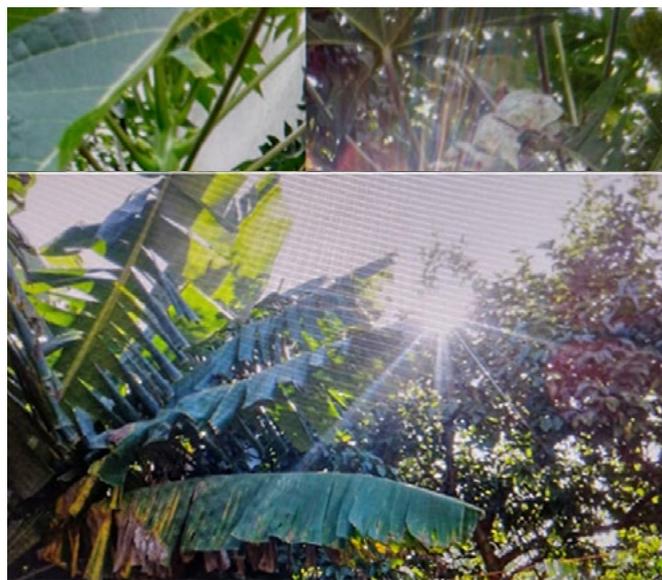
E, dessa forma, dialogar com a realidade e trazer uma espécie de de-sassossego à diversidade cultural na atualidade.

Compartilhamos aqui alguns excertos das diferentes experiências sentidas por meio desta atividade disparadora em fóruns e atividades de produção, que representam o uso da memória pedagógica para a (re)construção de cotidianos que promovam a participação por registros. Ao descrever algumas reflexões sobre os processos em narrativas e imagens, partilhamos as culturas praxiológicas que também desenvolvem gramáticas referentes ao fazer pedagógico, estabelecendo diálogos entre professores, pesquisadores e estudantes que enfrentam desafios similares, dando visibilidade ao reconhecimento da pluralidade das epistemologias da prática formativa.

DA JANELA DE MINHA CASA. Assim como a colega disse, a arte é o expressar de sentimentos, alegria, raiva, tristeza, decepção, precisam ser vividas e sentidas para serem expressas. Conseguimos sim, falar em arte no singular e plural, no singular porque cada ser humano interpreta sua visão de mundo de maneira única, e no plural porque temos diversas expressões e variedades dentro de várias culturas. A arte é propagada por artistas e nós todos somos esses artistas, adultos e crianças. Todos nós temos algumas atividades que expressam nossos sentimentos, pode ser na música, no dançar, pintar, escrever, desenhar. Não tive nenhum trabalho ou situação que eu lembre de artes na escola, mas eu aprendi a ver com outros olhos quando tive depressão. Na depressão eu não via sentido nas coisas, nas pessoas rindo, nas minhas flores nascendo, na alegria de alguém, realmente não via nada, logo no começo do tratamento minha visão começou a mudar, comecei a ver sentido nas risadas, na alegria, ver minhas flores nascendo e entender que ali tem vida, é muito louco. Essa frase do texto de Rubem Alves nunca fez tanto sentido pra mim: “Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem”. (Acadêmica, março de 2021).

DA JANELA DE MINHA CASA. Da janela de minha casa é possível contemplar a natureza. Vejo diferentes árvores frutíferas dessa janela. O vento também pode ser ouvido da janela de minha casa. Ouço os sons da natureza ao ouvir o som das

folhas das árvores quando balançam. Escuto também o canto dos pássaros. Esses sons que escuto e cores que vejo me fazem muito bem, pois posso ver a vida a partir dessa janela. Também posso ver o sol, assim como a chuva que começa fracamente a cair em um dia nublado. O sol visto da janela ilumina o dia e a natureza, aquecendo e trazendo vida, animando para todas as atividades do dia. A chuva que também posso ver em muitos dias é necessária e boa para as árvores, pois a água que cai no solo, rega as plantas e as faz crescer, para que elas possam dar cada vez mais flores e frutos. Durante este tempo de observação pude observar que os frutos cresceram. A natureza que vejo da janela da minha casa, com o som agradável do vento fazendo sacudir as folhas das árvores, me faz sentir uma grande paz, e me faz adquirir esperança de que dias melhores ainda estão por vir. Da janela de minha casa também ouço crianças brincando, sozinhas ou com seus irmãos, eu também ouço quando elas chamam seus pais. Ao ouvir as crianças eu lembro da minha infância e dos bons tempos que tive, porque pude brincar e aproveitar a vida quando criança. Por fim, da janela de minha casa contemplo a natureza, vendo e ouvindo, o que faz eu me sentir muito bem.



(Acadêmica, abril de 2021).



A VISTA DE UMA JANELA - Primeira vista: O local que eu escolhi foi a porta da sala da casa da minha mãe, que é a primeira casa do terreno, e que dá a vista para a rua onde moramos. Residimos nesse endereço, há mais de 8 anos, e digo nós, pois moram na casa da frente, minha mãe e meu irmão, e na casa de trás, moram eu, marido e nossos dois filhos; e essa porta se localiza bem na reta da sala e cozinha, lugar onde nos reunimos nas principais refeições do dia, principalmente na hora do almoço, que por pura sorte eu diria, nós todos conseguimos almoçar todos juntos, com essa porta quase sempre aberta, temos a visão da rua, do dia, do céu, do movimento de carros, pessoas, bicicletas, motos e etc., pois se trata de uma rua bem movimentada, próximo ao HPS de Canoas. E fora que ela dá de frente para esta Palmeira Cascata, que minha mãe plantou logo quando nos mudamos pra cá, dando vida a esse lugar, pois antes a frente dessa casa estava vazia.

Segunda vista: Para a segunda vista, escolhi a janela do quarto da minha mãe, que fica ao lado da sala. Nesse canteiro, minha mãe e nós já tivemos árvores de pequeno porte e roseiras também, por conta de uma praga que não conseguimos identificar, elas não ficaram mais tão saudáveis, então estamos tratando esse local novamente para replantar. Mas a palmeira continua ali, firme e forte. Impressionante e lindo de ver que com a luz do sol suas folhas parecem amarelas e verdes, sendo mesclada conforme a luz do dia. Seguindo a imagem para o outro lado da rua, conseguimos enxergar outras árvores em frente à casa dos vizinhos. E isso me chamou a atenção quando nos mudamos pra cá, vários vizinhos tem árvores, ou dentro do seu pátio, ou em frente às suas casas. Formando vários pontos de sombra pela rua, e nos retratando sua importância ambiental, pois são organismos essenciais para o equilíbrio do planeta, desempenham funções vitais como: a produção de oxigênio, o controle da temperatura, aumento da umidade do ar, maior controle das chuvas e etc.

Terceira vista: Pela porta da sala novamente, queria eu poder retirar dessa foto todos esses emaranhados de fios de postes, para mostrar só esse céu azul celeste pra vocês, com a câmera não tem como fugir, mas com os olhos ao vivo, podemos olhar onde não há essas linhas pretas cortando de forma desagradável, essa vista tão maravilhosa. Não sei para quem ler esse

texto, mas para mim, quando estamos na cidade, olhar para o céu, é o mesmo que olhar para o mar quando estamos na praia. Não somente pelo óbvio de suas cores serem azuis, mas sim pela imensidão, beleza rara, mistério... Onde, mesmo que conseguíssemos olhar tão longe, nesses dois lugares, o fim parece não existir, não conseguimos ver o final do céu, e nem o final do mar quando os encaramos. Eles nos levam longe, são dois lugares bons de se ver e refletir sobre tanta coisa. Que possamos cada vez mais cuidar de nosso planeta e de todos os elementos que fazem parte dele.



(Acadêmica, abril de 2021).

A VISTA DE UMA JANELA - 1º registro: Estou muito empolgada com esse trabalho, confesso que sou uma admiradora do céu, minha galeria está repleta de fotos do pôr do sol. Esse incentivo para observar o mundo afora e prestar atenção nos detalhes que nos rodeiam soa como uma experiência única. Dentre tantos pensamentos e acontecimentos nessa realidade que estamos vivenciando, desacelerar e esvaziar a mente dos problemas por alguns minutos é essencial. Já tenho uma janela preferida que me proporciona o ângulo perfeito para o pôr do sol e não a troco pelas outras janelas do apartamento, de vista dos prédios, prefiro me conectar com a natureza, mesmo que de longe. Algumas horas após o trabalho, me coloco em frente a janela e fico admirando esse lindo cenário que a natureza nos proporciona. Realizei uma pintura de uma mandala essa semana e quero compartilhar com vocês. Acredito que essa pintura me remete a um assunto muito importante. O autocuidado, principalmente agora, no momento em que nós estamos, é essencial destacar que está tudo bem, desacelerar. Estamos todos passando por essa situação delicada e precisamos aprender a nos cuidar e a valorizar a nossa presença. Uma pequena atitude como fazer uma meditação, colocar uma música que você

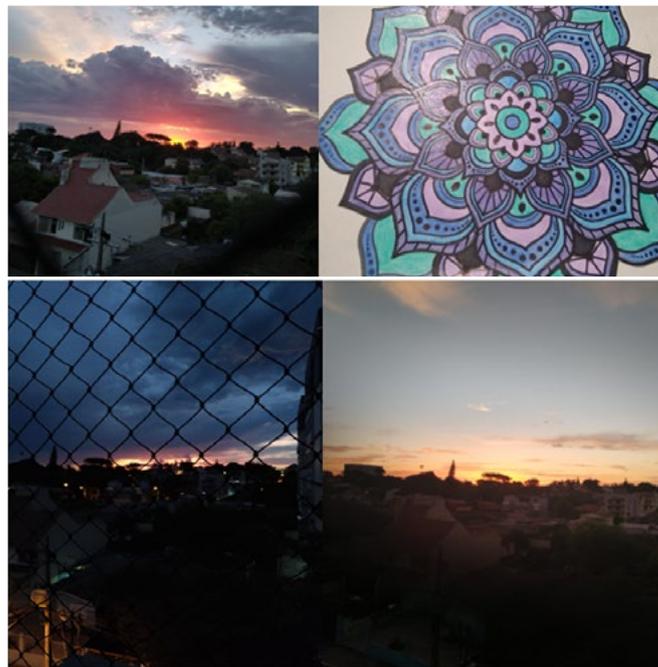
gosta e cantar sozinho(a), realizar um *spa day*, fazer aquele *skincare* diário, cuidar de você. Afinal, você é a sua casa, deve respeitá-la e cuidá-la com muito amor e dedicação. E saber também, que existem dias que a gente não está tão bem, e tudo *ok*. Fazia muito tempo que eu não pintava uma mandala, e eu sei o quanto isso me acalma e distrai minha mente de outros assuntos, ajuda inclusive na ansiedade. E essa pequena atitude é uma forma de autocuidado, é saber o que eu preciso no momento e respeitar o meu tempo.

2º registro: Hoje decidi admirar a janela mais tarde, a rotina anda corrida, mesmo em casa está tudo muito intenso e corrido. Percebo que antes quando estava indo ao trabalho de forma presencial e as aulas da faculdade, como os pequenos momentos ociosos que eu tinha nos conectam com o mundo a nossa volta, a visão pela janela do ônibus, a ida ao almoço no intervalo do trabalho, e até a caminhada até a faculdade traziam cenários e vivências significativas. Como o ser humano sente falta dessa socialização, do contato. Agora em home office e com as aulas online, sinto que estamos afastados, apesar de saber que é por um motivo maior e que logo será resolvido. Nunca imaginei que sentiria falta de estar às 22h. na parada de ônibus todo dia após a aula. A visão da janela está linda, como sempre. Como é possível a natureza nos proporcionar tamanha beleza, assim, sem pedir nada em troca? Eu estou encantada, quando admiro o céu parece que tudo desaparece, gratidão. Apesar de tudo, gratidão. Nos apegar a fé e ter esperança em um amanhã melhor é o que me mantém forte. Claro, existem dias e dias, mas assim como aquelas frases clichês, o arco-íris só aparece depois da chuva, vai ficar tudo bem.

3º registro: Hoje enquanto estava admirando essa vista maravilhosa, pensei em compartilhar um livro com vocês. Eu realizei a leitura de um livro muito interessante agora durante a pandemia, o nome é “As 5 linguagens do amor”, de Gary Chapman. Ele nos traz as 5 linguagens universais do amor, quais atitudes fazem as pessoas se sentirem amadas, pois cada um se sente amado por diferentes motivos, como um elogio, um abraço... Durante a leitura é explorado essas linguagens do amor que são as palavras de afirmação (elogios, incentivos, verbalizar que ama a pessoa), tempo de qualidade (dedicar um tempo para estar com a pessoa, fazer programações juntos), presentes, atos de serviço

(auxílio para cuidar da casa) e toque físico (beijos, abraços). É muito interessante pensar que cada um de nós se sente mais amado de uma dessas formas, mas não necessariamente é a mesma forma que o outro sente, então devemos entender, em todos os relacionamentos: como essa pessoa se sente amada? Como posso através das minhas atitudes, mostrar diariamente o que sinto? Esse livro traz uma reflexão muito importante e que me fez perceber que às vezes nós ficamos esperando aquela ligação de um amigo, ou um elogio daquela pessoa especial numa foto, porém ela não sabe que essa é a nossa linguagem do amor, precisamos externalizar isso. O quão essencial é essa troca sincera em expressar todas as formas de amor. Agora na pandemia, pode parecer mais difícil demonstrar o amor da forma exata que as pessoas preferem, porém podemos nos esforçar, seus avós gostam de “tempo de qualidade”. Dedique um final de semana para fazer uma videochamada com eles, ou uma ligação para colocar as novidades em dia, seu melhor amigo gosta de presentes? Quando sobrar aquele dinheirinho, envia um *delivery* para a casa dele de surpresa... Imagina o quão alegre o dia de vocês se tornaria? Você frequentemente abraça e beija sua esposa, mas muitas brigas vêm surgindo mesmo assim? Será que ela não tem a linguagem de “atos de serviço” e iria ficar feliz se você contribuísse mais nas tarefas de casa? Afinal, agora nesse cenário que estamos no *home-office* e cuidado com os filhos com aula online tem sobrecarregado ela, já pensou nisso? Nós precisamos nos unir nesse momento, mesmo distantes, temos que estar “juntos”, nos apoiando e não deixando de demonstrar amor aqueles que são especiais para nós. Espero que essa reflexão sirva de incentivo para você, que eu tenha deixado você pensativo e que essa semana você coloque em prática uma dessas ideias.





(Acadêmica, abril de 2021).

A VISTA DE UMA JANELA - À primeira vista da janela que eu escolhi foi do meu quarto. Se é um dos espaços onde eu passo a maior parte do tempo? Sim, é onde eu passo e passeio a maior parte do meu tempo durante a quarentena. É o lugar que eu me sinto bem! Toda a casa foi reformada a uns 4 anos atrás e esse espaço ficou do jeitinho que eu queria. No quarto optei por uma parede de cor mais vibrante como o vermelho puxando para um rosa forte, no restante das outras três paredes com uma cor gelo e a janela do quarto fica com vista para o horizonte. Há um tempo atrás havia uma árvore de laranjeira que eu adorava, ela fazia sombra ajudando a refrescar nos dias mais quentes. A árvore com suas folhas verdes, sua floração nos períodos corretos e os pássaros que vinham cantarolar. Eu amo ficar em casa, pelo conforto e aconchego que me proporcionam. Moro nesta casa desde que nasci total de 23 anos, uma das coisas que não mudaram foi o galinheiro dos vizinhos, é de um casal

de senhores mais velhos, ali tem o galo e as galinhas, todo os dias o galo canta, neste meio tempo o bichinho cantava fora de hora e vezes ou outra às 4 horas da manhã, antes do dia nascer. Dessa janela, tem a vista da rodovia é lindo ver o movimento do início da manhã com poucos carros e sol nascendo, o meio da tarde com aquele movimento de idas e vindas com maior fluxo de carros, o fim de tarde com o pôr do sol e as pessoas em seus carros retornando provavelmente as suas casas. Enfim, adoro ver o movimento da RS-118. Quando chega a noite é lindo ver as estrelas e a lua dessa janela.

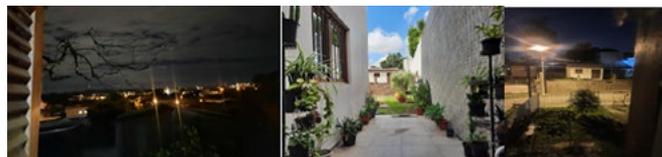
A segunda vista: Minha vista preferida de todas as manhãs! Sirvo minha xícara de café, abro as janelas e contemplo a paisagem. Essa vista dá para o pátio da casa, antes tínhamos uma garagem nesse espaço, mas nada se perdeu! Na frente tem um arbusto lindo e o corredor é puro verde, nos dias de sol as borboletas que geralmente são brancas voam em dupla em torno desse arbusto. Durante a quarentena criei como meta fazer algum exercício físico e esse foi um dos espaços que utilizei para fazê-los. Até quando está nublado é lindo essa vista, imensidão do que se vê é legal, o grande coqueiro da vizinha, a imensidão do céu, as nuvens passageiras, tudo transmite tranquilidade, e como essa vista dá para rua nota-se que tem pouco fluxo de carros e ônibus, uma vez ou outra o caminhão do guincho passa em frente à casa.

A terceira vista: Essa terceira e última vista que eu selecionei, é do quarto dos meus pais e se encontra no 2º andar da casa. Daqui conseguimos olhar o movimento da rua, dos vizinhos, o pátio da casa e o seu verde por sua extensão. Nos dias de chuva dá um pouco de medo da palmeira enorme que tem no alto do terreno da vizinha, mas de dia é muito bonita de se admirar, tem vezes que a gente reflete no tempo em que a palmeira precisou para alcançar a altura que está hoje, nessa mesma vista dá para ver a parreira que tem no pátio, no seu tempo ela fica cheia de cachos de uva e o tanto de suco natural que sai dali nem sei explicar. São momentos assim que devemos contemplar mais vezes na rotina do dia a dia e o quanto a natureza pode nos proporcionar um bem estar imensurável!

“Quando abro a cada manhã a janela do meu quarto

É como se abrisse o mesmo livro

Numa página nova” (Mário Quintana, 1906-1994).

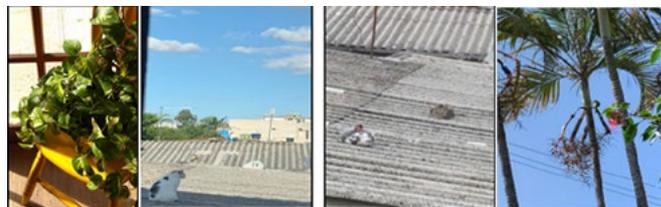


(Acadêmica, abril de 2021).

A VISTA DE UMA JANELA – À primeira vista... Ao amanhecer adoro presenciar esta imagem, a luz solar aquecendo a folhagem, mesmo que o sol esteja tímido, acredito que a jiboia gosta muito, depois que escolhemos esse local para ela suas folhas apresentam um verde lindo, e cada vez que fico olhando pra ela e como se estivesse sorrindo... agradecendo por estar realizando sua fotossíntese, e eu agradecendo a ela por me deixar feliz em dias tão perturbadores. A iluminação solar que invade o interior de nossa casa irradia nossa alma, nossas janelas emolduram toda a beleza que um dia iluminado ou chuvoso se faz necessário para nossa sobrevivência.

Segunda vista... A primeira imagem tornou-se familiar por aqui, seguidamente presenciamos algum gatinho dos vizinhos observando os telhados, outros tomando um solzinho... Entretanto a segunda imagem, porém na parte da tarde, onde o sol resolveu nos deixar, nos causou espanto, um gato observando um pato no telhado?! Sim... e isso não é comum por aqui! Após registrar a imagem, minha filha seguiu observando, o gatinho se aproximava lentamente, o pato parecia não observar o movimento, logo, o gatinho não se conteve, levantou e se posicionou ao ataque, o que parecia não perceber o movimento do gato foi mais ágil, utilizando recursos da sua natureza, realizou um voo rasantemente para fugir das garras do gatinho, esse parecia tão indefeso, cada um utilizando recursos para sobrevivência... Dois animais lindinhos, e com instintos diferentes, certamente o gatinho estava no telhado à procura de um solzinho, porém, o tempo ficou nublado e encontrou um pato.

Terceira vista... Quando trabalho em casa, meu notebook fica em frente a janela, e a tarde como a rua fica mais silenciosa, consigo escutar alguns passarinhos conversando... No início de uma tarde muito ensolarada, ouvi uma conversa diferente, e parei para observar... a árvore que brilhava devido ao sol, presenciei algumas caturritas se comunicando e realizando alguns voos, outras aproveitaram para desfrutar a sombra em meio aos galhos e procurar alimento. Lindo podermos observar a natureza, contemplar a vida que nela existe e refletir a liberdade dos pássaros, pensar que muitas pessoas ficam felizes em prender esses animais, argumentando cuidado e proteção. Acredito que a alegria deles é estar livre, junto ao bando, cuidando uns dos outros e juntos procurando seu próprio alimento, nos dias em que vivemos em isolamento devido a pandemia, devemos refletir a união dos animais ao cuidarem uns aos outros, algo que o ser humano não está conseguindo fazer. Sem dúvida, essa atividade foi extremamente gratificante, a partir da observação, podemos refletir sobre vários aspectos, muita coisa mudou na minha janela, gostava muito de observar as crianças passando em direção a escola, uns caminhando tranquilamente, outros mais acelerados devido a hora... A atividade nos posiciona diante de novos olhares, assim como o isolamento, a Pandemia nos faz olhar a vida no coletivo, na responsabilidade que temos uns com os outros, assim como os passarinhos, e logo estaremos em bando novamente, livres, enfrentando novos voos.



(Acadêmica, abril de 2021).

VISTA DE UMA JANELA - Começo esse texto dizendo que eu amo observar a natureza da janela do meu quarto! Minha janela dá para os fundos de casa, onde tem uma árvore (a árvore dos anexos), e eu confesso que não tenho o costume de ir nos fundos, diferente da minha mãe que vai quase todos os dias lá, mas eu abro a janela do meu quarto assim que me acordo

e fico observando os passarinhos e pombas nos galhos da árvore e fico encantada, sinto paz e tranquilidade apesar dos dias difíceis que estamos vivendo. Meu gato (obviamente) me faz companhia e fica fascinado pelos passarinhos. Observar de diferentes ângulos e horários foi muito emocionante, pois cada dia que foi registrado o céu estava de um jeito único, em um dia consegui registrar o sol refletindo na árvore, no outro dia o sol refletindo na nuvem e fazendo com que ela ficasse diferente das outras e no outro consegui registrar a lua querendo “nascer” ainda de dia. Foi uma experiência gratificante e com certeza irei fazer mais vezes.



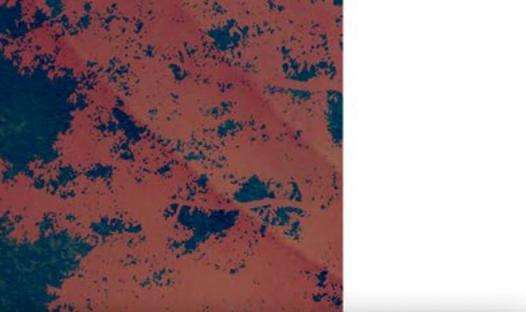
(Acadêmica, abril de 2021).

VISTA DE UMA JANELA - Primeira vista, dia 8 de abril. A janela que escolhi foi a do meu quarto e novo escritório. Com a pandemia acabei tendo que voltar para a casa dos meus pais e isso tem suas vantagens. Sempre fui apaixonada pela natureza que tem na volta dessa casa. Acaba que com a correria do dia a dia paro para observar menos do que gostaria por essa janela. A vida vibra quando olho por ela. Depois de um dia cheio no home office, deitei na cama que fica ao lado da janela e observei. Olhei pro céu, final de tarde, antes da aula, vi o sol indo embora e deixando tons amarelos e laranjas. Havia ainda o resquício das nuvens, pairando no céu, sumindo devagar. O vento batia nas folhas das árvores. Na rua, ninguém passava, pelo menos não notei. Na parede refletia a luz e a saída do sol. Tentei registrar com um desenho o que via. Foi interessante a experiência de desenhar novamente. Conforme crescemos e não conseguimos monetizar ou refinar alguns hobbies acabamos por desistir deles. Quando criança sempre desenhei e acredito que meus

traços tenham parado por essa época. Ainda assim me aventurei e tentei captar as cores. Senti a vista, tirei as grades.

Segunda vista: Sábado. Um dos únicos dias que tenho sem chamadas de vídeo. Às vezes acontece, mas com menos rotina. Parei para olhar pela janela, era por volta do meio dia e o dia estava claro, com poucas nuvens, ouvi muitos pássaros cantarem. Sempre percebo a cantoria deles, que vivem na grande árvore que tem ao lado. Essa árvore dá flores amarelas na primavera, deixa as semanas mais bonitas. Agora, no outono, não tem flores. Mas proporciona uma sombra incrível. Quando iniciou a quarentena passamos a ter tempo e plantamos algumas flores, iniciamos uma composteira e colhemos amoras da pequena árvore que tem no pátio. O vento que circula por esse pátio me encanta, fecho os olhos e sinto passar pelo meu rosto, deitei na grama e olhei para cima, admiro as folhas que fazem contorno no céu e as nuvens que dançam. Durante a observação o vizinho começou a cortar grama, cresceu o barulho e o som dos pássaros foi abafado. A vista continua linda, com as folhas se movendo com o vento e a claridade entrando pela janela. Minha gata e minha irmã me fazem companhia, deixando o sábado menos solitário.

Terceira vista: Estava um dia nublado. Os raios de sol às vezes apareciam atrás das nuvens, de relance. Para esse registro quis tirar uma foto e desenhar digitalmente alguns pensamentos. Foi uma tarde calma de segunda-feira. Sempre que olho por essa janela sinto coisas boas e vejo a natureza. Isso me deixa feliz.



(Acadêmica, abril de 2021).

JANELAS – REGISTRO DO SENTIR. À primeira vista. A janela de minha escolha foi a do quarto do meu apartamento, este é o primeiro lugar que vou quando acordo pela manhã, pois nela tenho a visão de uma grande vegetação e relevo que rodeia uma parte do condomínio onde moro. Me mudei para meu apartamento no início do segundo semestre de 2020, desde então, sempre admirei toda aquela visão, desde antes de me mudar sempre pensava na visão maravilhosa que eu teria, de fato sempre me agradei de poder ver algo assim, posso dizer que em frente a ela



seria meu espaço que consigo pensar e relaxar. Gosto muito de observar as árvores, colina e nuvens tomando um vinho, sentindo uma refrescante brisa, acredito que é um bom passatempo e afirmo que é uma visão muito linda, sou encantado, admiro tanto que em meu perfil do Instagram deixo fixado imagens e vídeos registrados através da janela. Algo que uma vez me deixou muito impressionado foi identificar que em uma árvore que tem próximo a minha janela havia um ninho de pássaro que estavam chocando seus ovos naquele local, fiquei animado em ver aquele processo, a admiração de minha parte em ver aquilo foi tanta, que deste acontecimento não registrei nenhuma imagem para deixar a de recordação, mas sempre me recordo disso. Às vezes, eu fico sozinho admirando a paisagem, mas em outros momentos minha gatinha, Eduarda, me acompanha na janela, olhando tudo lá do alto, sentindo o vento e às vezes até tentando pular do quarto andar para pegar os pássaros.

Segunda vista. Certo dia observei que apesar de ser um dia bem ensolarado, a previsão era de chuva, logo sinto que um vento bem forte começa a entrar pela janela, junto dele um cheiro bem forte de eucalipto. Mais tarde ao entardecer fui até a janela e percebi que o cheiro de eucalipto ainda estava no ar, o tempo começava a fechar e pude identificar que em meio às árvores havia um juntado de árvores da espécie de eucaliptos, fiquei encantado ao descobrir esta espécie. De um tempo para cá não tive mais o privilégio de presenciar a exalação deste perfume das árvores, mas pude perceber que em dias que venta muito uma grande quantia de pássaros se acomodam na região dos eucaliptos, é bom de ver o revoar deles.

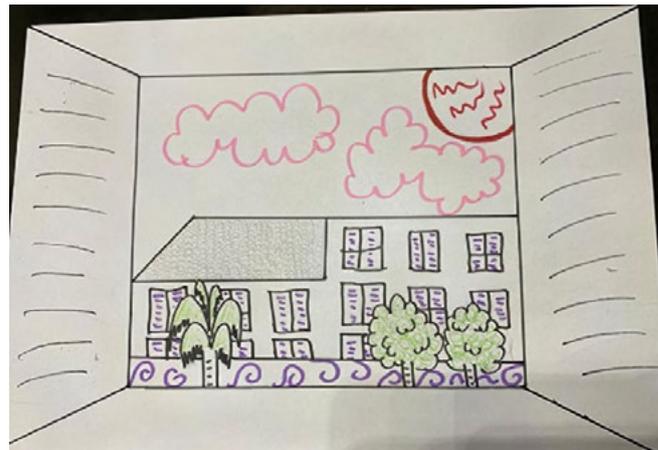
Terceira vista. Em uma outra janela, ainda do meu apartamento, mas de outro quarto, tenho a visão do condomínio onde moro, às vezes eu acordo de madrugada e consigo observar o nascer do sol, com um lindo contraste da cidade acordando junto das nuvens no horizonte. Da janela deste quarto consigo ouvir os barulhos dos veículos na RS 239, é muito interessante observar e ouvir isso, pois ainda não tem os ruídos típicos da cidade, também é intrigante de se ouvir o barulho dos carros, pois tal rodovia fica a uma distância de mais ou menos 3km.



(Acadêmica, abril de 2021).

JANELAS - REGISTRO DE SENTIR. A janela que eu escolhi foi a do meu quarto onde eu passo a maior parte do meu tempo. Já moro nessa casa há uns 6 meses, mas faz pouco tempo que comecei a prestar atenção na vista que ela me proporciona. Nela eu tenho visão de muitas coisas à minha volta, como, por exemplo: a rua da minha casa, as árvores da vizinha do lado, a esquina da minha rua que é muito movimentada pois ela faz parte da avenida do meu bairro, ali transitam carros, ônibus, caminhões e pessoas. Neste dia estava nublado com um sol escondido, havia chovido não estava um dia agradável visualmente, mas mesmo assim deu para tirar proveito da paisagem. Na esquina da minha casa está acontecendo uma obra e da minha janela eu consigo ter visão do andamento da mesma, todos os dias logo cedo quando abro a janela eu vejo os pedreiros trabalhando, escuto o barulho das ferramentas e máquinas utilizadas. Com o passar das horas me distraio com outras visões, com a movimentação na avenida da esquina de casa, os ônibus e carros passando a todo momento, pessoas descendo e subindo dos ônibus e ali às vezes me perco por horas a fio. Eu tenho uma gata que se chama Bulma e todos os dias pela manhã quando acordo ela fica perto da janela esperando eu abri-la, quando faço isso ela sobe bem rápido e fica ali a manhã toda observando tudo à volta, fica atenta a todos os barulhos por mínimos que sejam. Neste dia observei junto dela tudo que acontecia, as pessoas passando na rua, as motos e carros transitando, a vizinha limpando seu pátio. Mas o que mais me chamou atenção foi olhar a Bulma aconchegada na janela sentindo o vento e a luz do dia, resolvi testar e ficar ali com ela e foi incrível. Estava quieto e calmo, escutei latidos de cachorros longe dali. Os pássaros cantando, senti a brisa das árvores e foi uma experiência

notavelmente enriquecedora. Dar valor e perceber cada detalhe que a paisagem que uma janela pode proporcionar.



(Acadêmica, abril de 2021).

JANELAS - REGISTRO DE SENTIR. A janela que eu escolhi foi a do meu quarto onde eu passo a maior parte do meu tempo. Já moro nessa casa há uns 6 meses, mas faz pouco tempo que comecei a prestar atenção na vista que ela me proporciona. Nela eu tenho visão de muitas coisas à minha volta, como, por exemplo: a rua da minha casa, as árvores da vizinha do lado, a esquina da minha rua que é muito movimentada pois ela faz parte da avenida do meu bairro, ali transitam carros, ônibus, caminhões e pessoas. Neste dia estava nublado com um sol escondido, havia chovido não estava um dia agradável visualmente, mas mesmo assim deu para tirar proveito da paisagem. Na esquina da minha casa está acontecendo uma obra e da minha janela eu consigo ter visão do andamento da mesma, todos os dias logo cedo quando abro a janela eu vejo os pedreiros trabalhando, escuto o barulho das ferramentas e máquinas utilizadas. Com o passar das horas me distraio com outras visões, com a movimentação na avenida da esquina de casa, os ônibus e carros passando a todo momento, pessoas descendo e subindo dos ônibus e ali às vezes me perco por horas a fio. Eu tenho uma gata que se chama Bulma e todos os dias pela manhã quando acordo ela fica perto da janela esperando eu abri-la, quando

faço isso ela sobe bem rápido e fica ali a manhã toda observando tudo à volta, fica atenta a todos os barulhos por mínimos que sejam. Neste dia observei junto dela tudo que acontecia, as pessoas passando na rua, as motos e carros transitando, a vizinha limpando seu pátio. Mas o que mais me chamou atenção foi olhar a Bulma aconchegada na janela sentindo o vento e a luz do dia, resolvi testar e ficar ali com ela e foi incrível. Estava quieto e calmo, escutei latidos de cachorros longe dali. Os pássaros cantando, senti a brisa das árvores e foi uma experiência notavelmente enriquecedora. Dar valor e perceber cada detalhe que a paisagem que uma janela pode proporcionar.

DIA 1



DIA 2



DIA 3



(Acadêmico, abril de 2021).

A VISTA DE UMA JANELA - Pela Janela. Meu relato será descrito através dos sentimentos e percepções que tive baseado naquilo que visualizei da janela do meu local de trabalho, onde passo a maior parte do meu dia. Trata-se de uma instituição de ensino localizada na cidade de Canoas e que teve sua rotina drasticamente alterada pela pandemia e suas consequências. No **primeiro** dia fotografei a janela em sua totalidade, de maneira que pudesse perceber todos os detalhes visto da parte interna da mesma, o dia bem como todos os outros estava ensolarado, porém, minhas primeiras reflexões eram de que aquela janela não permitia em nenhum momento que a interferência externa tivesse total impacto no ambiente interior, me senti preso.

Acredito que o sentimento foi potencializado pelas lâminas de alumínio que possuem uma função de proteção da luz solar, mas que também resguardam aqueles que diariamente frequentam a sala, crianças de 1 a 5 anos de idade. Lembrei-me das experiências vivenciadas naquela sala quando vivíamos um período de normalidade e considerei que a janela, mesmo que em um primeiro momento me repreendeu a vista, isso fazia com que eu deixasse de pensar na beleza externa para valorizar as belezas que aconteciam dentro da minha sala de trabalho.

No **segundo** dia, me desafiei a enxergar a vista da sala de uma nova perspectiva, rompendo os limites que ela impõe. Então me deparei com uma frase escrita no meio da rua “Devagar Escola”, a reflexão que fiz é do quanto o local onde trabalho e dedico meu tempo e dons impactam o meio que estou inserido, a ponto de modificar o trânsito da rua que está localizado. Quando escolhi me dedicar à educação e torná-la minha profissão e missão de vida, escolhi, pois, queria impactar pessoas, suas vidas, suas histórias. Esta significância presente no ato de educar ultrapassa os muros do espaço físico onde esta “magia” acontece e diariamente interfere na vida das centenas de motoristas que ali passam.

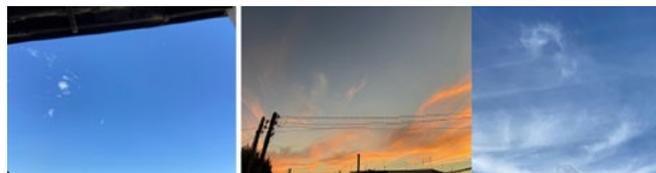
Já no **terceiro** e último dia desta experiência, segui meu intuito de ultrapassar as fronteiras da janela e desta vez ao invés de olhar para baixo, olhei para cima e novamente me surpreendi. O colégio no qual atuo tem uma marca muito forte em sua localização, que são a presença de figueiras que cresceram junto com a instituição e possuem mais de 60 anos de existência. Ao desbravar uma nova perspectiva da janela, compreendi que as árvores seguiram e respeitaram o desenvolvimento do colégio, a rua que no segundo dia me despertou tantos pensamentos, refletiu-se no formato que as árvores se posicionam. O chão que antes era de asfalto, transformou-se em um esplendor azul, que me encheu de esperança e de gratidão por um novo dia que se iniciava e eu tive o prazer de vivê-lo.





(Acadêmica, abril de 2021).

JANELAS DA MINHA CASA. Da janela da minha casa eu vejo o horizonte, o lado bonito de um mundo tão adverso que estamos vivendo. Da janela da minha casa vejo inúmeras possibilidades, recomeços e sonhos. Nos dias escuros e tempestuosos, da janela da minha casa celebro o barulho da chuva, dos trovões e aguardo o arco-íris. Da janela da minha casa contemplo o sol, deixo ele entrar dentro do meu quarto, da minha casa, dentro de mim. Admiro o céu, vejo o quão imenso ele é, e o quão pequena eu sou. Pensando bem, mesmo estando em casa nesse último ano, as janelas muitas vezes passam despercebidas por mim, sendo que elas poderiam trazer leveza para meus dias não tão bons assim. A correria do dia a dia, as múltiplas tarefas, o mundo digital, e principalmente ele, nos faz esquecer dos singelos momentos de prazer que podemos ter no cotidiano. Gosto de admirar o céu no fim de tarde da janela da área da frente da minha casa, o rosa misturado com o laranja, dando um até logo para o sol e trazendo a noite. Gosto de estar com minha família, com o Saimon sentado nos meus pés (meu cachorrinho), tomar um chimarrão e admirar a vista. A arte não está limitada somente às pinturas, desenhos, músicas ou teatros, é tudo que toca o coração, que podemos admirar, que faz sentir, fazendo sentido ou não. A arte para mim é abrir o coração, é pôr para a fora e expressar-se, ou então, somente aquietar-se para sentir a brisa das janelas da minha casa e agradecer.



(Acadêmica, abril de 2021).

JANELAS - À primeira vista. Este é os fundos de casa, um olhar da janela da do meu quarto e local onde permaneço a maior parte do tempo. Neste último final de semana, diante da atividade proposta, me permiti observar com um olhar mais sensível e apurado este local que sempre me remete a lembranças de infância. Até pensei me arriscar em um desenho, mas eu não sou boa em desenhos, faço sempre o mesmo desenho estereotipado de árvore, casa e acho que isso fez parte da minha formação na escola, então, resolvi postar imagens e contar uma breve historinha, mas em outro momento quem sabe eu me aventure no desenho. Estas árvores cresceram comigo. Moro aqui há mais de 30 anos e não era assim no passado, com tanta poluição visual. Não havia outra construção em nosso pátio (esquerda) e nem tão poucas casas ao lado e prédios ao fundo. Era tudo árvore e plantação de aipim e com minhas irmãs brincávamos muito ali. Eu sempre me pego olhando para fora e me perdendo em sentimentos e pensamentos, e neste dia da foto era 7h. da manhã de sábado (adoro acordar cedo), o tempo não estava tão ensolarado, com poucas nuvens, sem vento, friozinho, e eu me senti alegre ao olhar para fora e ver a imagem delas, envolvidas em um silêncio peculiar, com os pássaros (em tem muito bem-te-vi e sabiá), sempre cantando. Me sinto muito bem dar um tempo ali, me reconectando com o alto e sentindo a calma que tanto anseio para lidar no dia a dia, mas percebi que neste dia tinham umas frutinhas vermelhas, proporcionando um colorido diferente. Achei muito interessante, e logo veio à lembrança dos meus desenhos de árvores, sempre colocava frutinhas vermelhas.

A segunda vista. Até parece a mesma imagem, mas foi diferente no domingo. O sol estava ausente, mais frio e os pássaros estavam com seu canto bastante distante. Eu costumava colocar uma cadeira embaixo delas, ou uma rede e quando tem sol amo

pegar um livro e ir ali, em sentir na pele o calor o cheiro de mato, mas não foi convidativo nesse dia, parecia que ia chover, e depois de fato choveu, e o dia ficou assim, cinza e sem brilho.

A terceira vista. Na segunda-feira, para minha surpresa, um lindo amanhecer com o sol refletindo e a deixando mais linda ainda. O amarelo brilhante que a envolvia parcialmente, me emocionou, o céu estava especialmente azul e suas nuvens cheias de formas. Tem muita vida envolvida, os pássaros estavam alvoroçados e tinha uma brisa fria de manhã, mas eu me senti aquecida e percebi o quanto sou privilegiada, apesar de ter muitos elementos em torno que destoam, eu sempre foco ali. É meu cantinho de reconexão com a natureza e comigo mesma. Eu não consegui captar imagens em diferentes horários e tampouco ângulos distintos, pois ultimamente eu saio pela manhã e retorno à noite, mas acredito que esta atividade fez perceber como é valiosa essa experiência em apurar os sentidos e valorizar uma mesma imagem, no meu caso. Percepções distintas e como o sentir está ligado diretamente no que é visto e ouvido. O desenho proporciona isto, o quanto atrás de algo simples há um mundo à parte, uma riqueza de sentido que diz muito de si mesmo.



(Acadêmica, abril de 2021).

REGISTROS DE TRÊS DIAS DA VISTA DE UMA JANELA DA MINHA CASA



As três imagens acima foram tiradas da janela da sala da casa onde moro há 23 anos. A primeira foto foi tirada no dia 06 de abril de 2021, às 7h. e 35min. da manhã, me surpreendi com o registro, nunca havia parado para observar o quanto é bonita essa vista do nascer do sol, nuvens escondendo o sol e seus raios iluminando o dia entre elas. A segunda foto foi tirada no dia 07 de abril de 2021, às 10h. e 30min. da manhã, não havia nenhuma nuvem no céu o que me proporcionou visualizar um belo céu azul. Já a terceira foto foi tirada no dia 08 de abril de 2021, às 17h. e 45min. da tarde, fui presenteada com esse perfeito final de tarde, após um dia não tão bom, mudando o sentimento que estava por conta do dia pesado que passei. Percebi o quanto é importante observar os pequenos detalhes que a natureza nos proporciona, após o registro das fotos, refleti um pouco sobre o momento em que estamos passando e o quanto eu deveria ser grata pelos pequenos momentos que a vida nos proporciona. Nunca havia parado para observar a vista da janela da minha casa, que em diferentes horários proporcionam belíssimas paisagens. Desde então, tenho tentado dar mais atenção para esses momentos, parar um pouquinho na correria do dia a dia e “relaxar” com esses momentos. (Acadêmica, abril de 2021).

DIÁRIO DE IMAGENS

JANELA DE MARIANA

As imagens a seguir são da janela do meu quarto, local em que, com a Pandemia, tem sido onde estudo, trabalho, me divirto e vou levando os dias. A escolhi por ser parte da minha rotina e através dela, poder observar a movimentação - mesmo que pouca - da rua em que moro.

1º DIA



2º DIA



3º DIA



ESCOLHA DAS FOTOS

FOTO 1: Esta foto foi tirada durante o dia, quando geralmente me pego observando as árvores do vizinho e a brincadeira das crianças na esquina de casa. Este segundo item diz muito sobre minha personalidade, adoro observar brincadeiras infantis. De alguma forma, desperta uma parte de mim que nunca deixou de ser criança! Gosto de perceber como o tempo passou e muitas coisas mudaram, mas os momentos alegres permanecem na minha memória.

FOTO 2: A segunda foto retrata os dias em que trabalho presencialmente. Ao chegar em casa, me deparo com a janela aberta e me pergunto o que perdi durante o tempo que estive ausente. Quais foram as brincadeiras de hoje? Bem, não saberei responder ao certo, então logo fecho minha companheira diária e aguardo pelas próximas histórias.

FOTO 3: Bem, para ser sincera, talvez esta seja a foto mais real dentre as três. Meus dias são ocupados em frente à tela do computador e durante à noite, a janela se encontra fechada. Assim, ficamos apenas eu e as tarefas diárias, mas lá está ela, esperando por um novo olhar.

(Acadêmica, abril de 2021).



TRÊS ÂNGULOS, TRÊS DIAS. 1º Dia – lembrei da atividade que tinha que fazer para a disciplina, e como estava um pôr do sol espetacular resolvi escolher a janela do meu quarto. Foi no dia 23/04, não estava num dia muito bom, no trabalho tinha sido muito exaustivo, bem aquele dia que nada dá certo, único alívio era saber que era sexta-feira e não teria compromissos no outro dia, mas, mesmo assim, a cabeça não para de pensar nos compromissos da outra semana e nas tarefas da faculdade. Entre esses pensamentos me questioneei o porquê de sempre estar reclamando das coisas que tenho que fazer e sempre estar correndo, foi quando me deparei olhando para a janela do meu quarto, mas sem foco na paisagem, o dia se indo, o sol entre as nuvens formando as cores roxo, azul e laranja. Ali me vi parando de pensar e logo após me confirmando que estou no momento em que eu devia estar, para colher os frutos futuramente.

2º Dia – de manhã cedo tomando café, como não tinha o que fazer decidi realizar a atividade, 24/04, aniversário do meu priminho, a felicidade da família. Logo vi meu pai indo trabalhar e olhei pela janela da cozinha, na frente da minha casa tem uma casa que mora um casal de idosos que guardam o foodtruck dos filhos a noite, e me recordo que não é recente que ele está ali. Como mudou as coisas né, nos vemos de cabeça para baixo sem ter o que fazer, ou até mesmo fazendo de tudo para nos sustentar, que está sendo o caso da minha família. A senhora que mora na frente da minha casa logo apareceu na janela, e parece que para ela sempre é um bom dia, que será assim quando crescer.

3º Dia – Domingo 25/04, dia da preguiça, ou o dia de ir no mercado, como diz minha mãe “é o dia que ninguém quer ir no mercado”. E, às vezes, ela tem razão. Nesse dia, realmente estava vazio, estava frio, tinha chovido, então era o dia perfeito para ficar em casa, mas perfeito pra quem? Estávamos voltando para casa quando pela janela do carro vimos esse senhor com essa placa, de máscara, e uma mensagem que dói, dói muito de ler, a desigualdade é gritante no nosso estado e no país. Na mesma hora, minha mãe deu 20 reais para ele, sei que não vai ajudar muito, mas já é algo. Um dia espero não ter mais essa desigualdade, os tempos estão difíceis. Decidi fazer uma espécie de relato para descrever como me senti em cada dia.



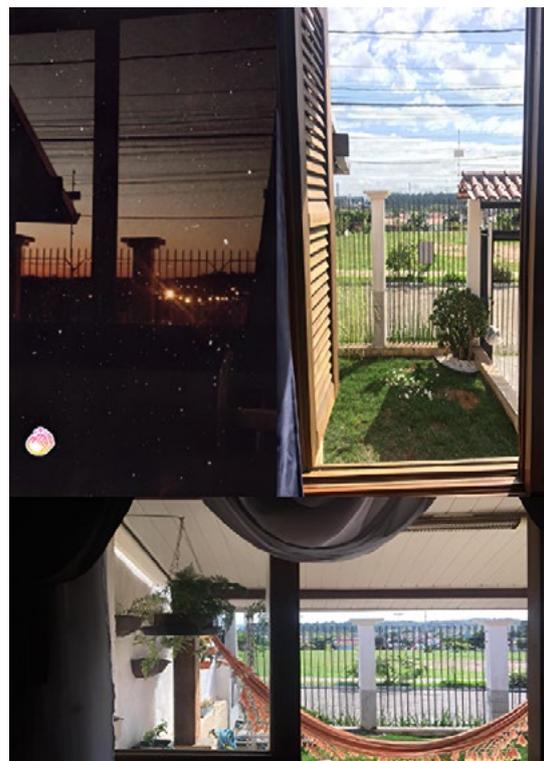
(Acadêmica, abril de 2021).

DA MINHA JANELA. Faço da janela da minha casa, a bateria da minha vida. Em tempos difíceis durante a pandemia, muitas das vezes em que me perdia em pensamentos confusos, me percebia a olhar por elas. Cada janela me traz um tipo de conforto, seja emocional ou espiritual. Através dela, com um “bom e velho café” que me conecto com a vida. À primeira vista é da janela do meu quarto, onde sentado na cama, gosto de observar o pôr do sol. A pintura no céu formada pelo pôr, me faz refletir sobre os dias que se passaram, me faz refletir no que devo melhorar, mas também me lembra de agradecer. É inevitável que durante esse processo de calma, meus pensamentos sejam interrompidos por um grito do tipo: “Gabriela, é hora de entrar”. Já é hora de se recolher, pois começam a chamar seus filhos que passaram a tarde se divertindo na praça que fica em frente de casa. Mais um dia se acaba, já é hora de um recomeço.

A segunda vista, é também da janela do meu quarto, mas agora em uma manhã ensolarada. Gosto de me dedicar ao jardim, de cuidar das minhas plantas, e o melhor: apreciar a beleza que a

natureza nos proporciona. Vivendo em uma “selva de pedra” é preciso que nos adaptemos para que possamos trazer um pouco do verde da natureza para os dias cinzas da cidade grande. Durante a manhã, já seguindo a rotina do dia, derramo sobre o gramado, pedaços de pães ou de frutas para que os pássaros se alimentem, e os aprecio enquanto fazem a festa.

Na minha terceira e última vista preferida, de dentro da sala de estar, tenho a imagem da rede posta, como uma pintura ela encanta ainda mais um dia lindo de sol. É desse canto que sentado agora deslizo os dedos pelo teclado, para descrever o quanto devemos agradecer a todo momento pelo bem mais precioso que temos: a vida. Seja ela mais colorida ou um tanto cinza, é preciso sempre lembrar de agradecer, para que dias melhores aconteçam, e o passado sirva de aprendizado.



(Acadêmico, abril de 2021).

VISTA DA JANELA DO MEU QUARTO NA CIDADE DE CANOAS/RS



VISTA DA JANELA DO MEU QUARTO NO INTERIOR DE PALMITINHO/RS

Em um momento em que muitas pessoas estão dentro de casa, seja por vontade própria ou por ordens do governo, chegou a hora descobrirmos as belezas das nossas paisagens vistas pela janela. Muitas vezes com a correria do dia não prestamos tanta atenção no que temos de bonito perto de nós. Por isso, quis compartilhar essas duas fotos onde mostram 2 ângulos diferentes: a vista da janela do meu quarto da cidade e a outra mostra a vista da janela do interior onde passo as minhas férias. Resolvi então escrever um poema sobre as vistas das janelas:

A cada janela, uma paisagem urbana diferente.
A cada janela, uma paisagem natural deslumbrante.
A cada janela, histórias marcantes.
A cada janela, memórias emocionantes.
A cada janela, barulhos ensurdecedores.
A cada janela, sons diferentes.
A cada janela, uma cidade enlouquecida.
A cada janela, uma cidade tranquila.
A cada janela, um novo amanhecer.
A cada janela, uma nova oportunidade de ser feliz.

(Acadêmica, abril de 2021).

DA MINHA JANELA. Ao registrar essas imagens, tive um sentimento de contato com a natureza e comigo mesma. Pois nunca havia parado para analisar a vista das janelas de minha casa e acredito que se todo mundo tirasse um tempo para analisar a vista que está tão próxima de si, iriam valorizar mais a natureza seus processos de desenvolvimento. Após realizar a paisagem, me veio em mente logo o tópico do livro em que fala sobre as diferentes flores/plantas que vemos, nas imagens acima temos um pé de girassol que me remete esperança e alegria, a árvore platôs e três pinheiros, que também podem ser utilizadas para a realização de atividades pedagógicas.



(Acadêmica, abril de 2021).

Nas palavras de Carlos Drumond de Andrade (1965), na poesia
- Para sempre...

Por que Deus permite
Que as pedagogias inventivas vão-se embora?
A invenção não tem limite
É tempo sem hora
Luz que não apaga
Quando sopra o vento
E chuva desaba
Veludo escondido
Na pele enrugada
Água pura, ar puro
Puro pensamento

Morrer acontece
Com o que é breve e passa
Sem deixar vestígio
Pedagogia inventiva, na sua graça
É eternidade
Por que Deus se lembra
Mistério profundo
De tirá-la um dia?
Fosse eu rei do mundo
Baixava uma lei
Pedagogia crítica não morre nunca
A inventividade ficará sempre
Junto de sua criança
E ela, velha embora
Será pequenina
Feito grão de milho.
(Acadêmica, abril de 2021).

Experiências através da minha Janela:

Primeira vista

Da minha janela tenho vista da minha varanda, onde cultivo minhas suculentas, cactos e flores, que ficam em cima de um carretel que envernizei e decorei. Tenho minhas cadeiras de descanso onde gosto de ler e tomar um chimarrão, também de ver o pôr do sol. Da minha janela também consigo ver o terreno vizinho onde há galinhas, cachorros e árvores onde os passarinhos estão sempre a pousar. Esse é o meu lugar de relaxar e apreciar um pouco da natureza.



Segunda vista

Desse ângulo posso ver a minha cadelinha brincando, ou tomando aquele banho de sol, assisto o movimento da rua, vejo as crianças brincando e se reinventando, já houve dias que a rua estava abarrotada de crianças brincando e gritando, sorrindo e pulando, mas como todos sabemos que com o covid não podemos ter aglomerações, mas uma vez ou outra ainda há crianças ali sendo felizes e sendo crianças, e isso nos faz pensar em um mundo melhor e em dias melhores.



Terceira vista

Aqui eu vejo bastante o céu e as vezes gosto de brincar de inventar, olha para o teto ou a frente de uma casa e penso em mil histórias, as vezes sonho acordada, faço meus planos e agradeço por tudo que tenho e por tudo que me livro, pode ser uma simples janela, e que as vezes nem notamos que nos escoramos ali e está se passando tanta coisa ao nosso redor e no nosso interior. Depois dessa visão as minhas janelas tem uma nova importância em minha vida.



(Acadêmica, abril de 2021).

Reinvenção

A vida só é possível reinventada.
Anda o sol pelas campinas e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... - mais nada.
Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível reinventada.
Vem a lua, vem, retira as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira da lua, na noite escura.
Não te encontro, não te alcanço...
Só - no tempo equilibrada, desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só - na treva, fico: recebida e dada.
Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível reinventada. (Cecília Meireles)

A arte de ser feliz

Houve um tempo em que minha janela se abria sobre uma cidade que parecia ser feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco.

Era uma época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto.

Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde, e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas.

Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse.

E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.

Outras vezes encontro nuvens espessas.

Avisto crianças que vão para a escola.

Pardais que pulam pelo muro.

Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.

Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.

Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega.

Às vezes, um galo canta.

Às vezes, um avião passa.

Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino.

E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem,

outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

(Cecília Meireles)³⁶

36 Fonte: https://www.pensador.com/poemas_sobre_arte/ Acesso em: 05 maio 2022.

AS JANELAS DA ADRI. Primeira vista:

Esta foto é da janela do meu quarto, deitada na minha cama tenho a visão destas lindas Palmeiras Jerivá. Por muitas noites acordo ouvindo o barulho de suas folhas ao vento, dá a impressão de que está a chover, é um som tão gostoso e calmante que chega a ser um presente para a alma. Esta natureza em meio a selva de pedras em que vivemos nos meios urbanos, me trás um aconchego renovador para uma mente cansada de tantos afazeres do dia a dia. Para complementar, o som dos pássaros que aqui fazem ninho.



Segunda vista

A janela que sorri, neste ângulo vejo a morada de pessoas queridas, que não são da minha família, mas é como se fosse. São os outros mais próximos, muito mais do que muitos parentes consanguíneos, os vizinhos que fazem parte da nossa vida, por mais resguardados que estão neste momento de pandemia, a janela aberta, sorri. Traz o sentimento de que está tudo bem e estou sendo cuidada. Da mesma forma deixo a minha aberta, elas parecem conversar entre si.



Terceira vista

A praça, vista da frente da minha casa. Neste lugar magnífico, as crianças brincam. Ouço a alegria nas suas vozes. Os idosos silenciosos ao amanhecer se exercitam, caminhando em seu entorno, como se fosse um ritual. O som que as Caturritas produzem ao entardecer é encantador. A Mangueira frondosa foi meu pai quem plantou, há uns bons anos. As orquídeas, foi eu quem as plantou, junto ao tronco de algumas arvores, uma forma de presentear os que passam por aqui, também uma expressão de gratidão por este lugar que é o meu lar.



(Acadêmica, agosto de 2021).



JANELAS - PRIMEIRO DIA. Escolhi a janela do meu quarto em minha casa, aliás, é a única janela que tem vista para a rua, pois estamos em reforma e construção. Meus dias foram turbulentos, mas realizando este trabalho senti paz e foi muito bom. Senti os raios do sol batendo em meu rosto e pude escutar os sons dos pássaros de várias espécies. Avistei ao fundo as árvores que plantei a dois anos atrás para darem sombra a mim e a todos que moram aqui e por incrível que pareça já estão dando sombra que é uma beleza! Sinto a presença do vento ao baterem em suas folhas verdes e brilhantes e como é belo perceber essa natureza divina tão perto de mim, não sei explicar, mas foi um sentimento tão bom e pensei que tenho que fazer isso mais vezes! No corre corre³⁷ do dia a dia não percebemos essa natureza maravilhosa que Deus nos deu, isso me acalentou. Não avistei nenhuma nuvem no céu, pois o céu estava azul e sem nuvens. Gosto dessa janela, pois ela me dá uma visão ampla da minha frente, e dá pra ver a garagem. Às vezes me pego olhando os galhos balançando e ao som de qualquer ruído eu saio para olhar por essa janela.

SEGUNDO DIA. No segundo dia, o sol já estava se pondo e pude tirar a foto do sol entre os galhos das árvores, como era domingo havia um silêncio na rua, não ouvia barulho das pessoas pois, geralmente, as crianças brincam na rua por não ter muito movimento, mas nesse dia havia um silêncio de tudo. Percebi que a essa hora os pássaros já estavam se recolhendo e já não se ouvia o seu cantar, senti falta disso. Os cachorros da rua que são barulhentos estavam em silêncio também, não ouvia nenhum latido. A única coisa que percebi foram os mosquitos, ouvi seu zumbido e tive que fechar logo a janela, pois começaram a entrar em minha casa e a me picar também.

TERCEIRO DIA. Anoiteceu e o sol foi indo embora, e no seu lugar veio a noite de mansinho. O som dos pássaros e o barulho dos carros eram maiores, se ouvia os pássaros como se chamando os filhotes para se recolherem porque já era hora. O som dos latidos dos cães parecia um coral, quando um cão latia, todos da rua latiam juntos. O zum zum dos mosquitos era maior, assim como o coaxar de sapos que se ouvia ao fundo, e o

³⁷ Los Hermanos - Corre Corre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G0PI-81ZIDkE> Acesso em: 05 maio 2022.

som dos grilos também. Não vejo nenhum sapo faz tempo, mas o coaxar é inevitável não ouvir, se escuta de longe e sei bem de onde vem, vem no meio da quadra tem um terreno baldio com poças de água e é ali que eles vivem, pois já vi um ali quando passava na rua. Anoiteceu muito rapidamente e depois de ter escutado toda essa sinfonia de sapos, grilos, pássaros, latidos de cães e carros passando fechei minha janela.



(Acadêmica, setembro de 2021).

JANELAS - Ao “abrir a janela” da minha casa sempre acontece de uma forma tão mecânica que eu nunca tinha prestado atenção nos detalhes que existem do lado de fora, até fazer essa atividade e olhar com mais atenção às coisas ao meu redor. Moro nessa casa há quase 20 anos e quase nada mudou na rua, a não ser por novos vizinhos, mas, pensando bem, pessoas chegaram, pessoas foram embora, se mudaram, outras faleceram, outras nasceram e assim a vida seguiu. Eu me levanto todos os dias antes das 6 horas da manhã, e a maioria das pessoas ainda está dormindo. Então é um silêncio, a não ser pelos passarinhos que já estão cantando felizes nos fios e nas árvores. Então, abro a janela e vejo uma árvore grande e alta, com folhas pequenas e verdinhas na casa da frente, e sempre fico imaginando como ela ficaria linda enfeitada com luzes de natal. As maritacas fazem tanto barulho que o canto dos pássaros some... As maritacas estão sempre em dupla (2), que com certeza deve ser um casal. Se saio da janela da sala e olho pro lado vejo a árvore do seu Zé (a minha gatinha adora subir), que agora está quase sem folhas, e as poucas que tem estão num verde claro. Tem também uma goiabeira que nasceu ao lado do poste de luz da rua, suas folhas são verdes e longas, têm outra árvore do seu Zé que tem vários galhos pra rua, também

é uma goiabeira, além do maracujá que fica pra rua, mas que ninguém estraga ou pega fruta sem antes pedir. Quando está quente, o céu é de um azul lindo, que aqui chamamos de “céu de brigadeiro”. As nuvens branquinhas parecem mais algodão do que nuvem! Sabe que quando eu era criança achava que cada cidade tinha seu céu! É verdade, porque eu escutava falar que choveu em um lugar e aqui não. Então pra mim cada cidade tinha seu próprio céu. Quando bate o vento é uma delícia! Vem aquela brisa fresca das árvores balançando as cortinas aqui de casa. Mas também quando vem chuva com vento, as árvores balançam tanto que dá medo delas caírem. À noite, a lua se faz majestosa iluminando tudo! Se está calor, a vizinha abre o portão e senta na calçada com sua filhinha de um ano e eu posso ver a alegria da mãe com as graças que a criança faz.



(Acadêmica, setembro de 2021).

JANELAS - Entenda a importância e o valor de viver o agora, e a arte de apreciar e viver o agora. O novo tempo que estamos vivendo é de pressa, de poucos momentos e muitas constâncias, mas o que estamos vivendo? Estamos vivendo? O trabalho de Metodologia do ensino de artes tinha como base registrar durante três dias a vista de uma janela de sua casa, e então em tantos dias eu pensei várias coisas, porém, hoje, no último dia da entrega do trabalho tudo que eu conseguia ver era a reflexão interna do meu ser. A vista era linda e começou nublada assim como meu momento. Tudo é transitório. Até mesmo a pior das crises é passageira. Da mesma forma, os momentos bons também têm um final. É típico da experiência humana estar sempre procurando estabilidade. Por isso, acabamos nos frustrando quando essas ilusões se desfazem. É a vida provando que, de fato, tudo é fugaz. E não há mal nenhum nisso. Pode parecer desesperador aceitar que tudo tem um fim, mas isso também é o que possibilita passar pela vida e pelos momentos de dor de modo mais leve. Essa é uma lição difícil de aprender. Pode se dizer que nunca aceitamos realmente a transitoriedade das coisas. Entretanto, ter esse pensamento como um norte certamente ajuda a lidar melhor com os problemas e dificuldades. Apesar das facilidades garantidas pela vida moderna, estamos cada vez mais distantes de nós mesmos e do presente. Aí eu olho pra traz e tenho certeza que tudo passa nessa vida e nada é para sempre... O dia pode ter sol e pode ter chuva e pode ser nublado, são apenas dias que nascem e que morrem e continuam passando como uma metamorfose, ora casulos ora borboletas... E que simplesmente observo calada a janela do tempo e do horizonte do futuro.



(Acadêmica, setembro de 2021).

JANELAS - 3 DIAS CHUVOSOS. Na primeira foto, notamos um cachorro deitado na frente de um terreno, não se sabe de onde veio e para onde irá futuramente. Mas percebemos que no momento esta foi sua escolha de morada. Uma foto que relata muito bem o abandono afetivo dos animais, por chegarem a uma certa idade da vida ou por misturas indesejadas de raças.

Ah primavera! É uma estação linda onde demonstra renovação, o desabrochar das flores. Tudo fica mais colorido e cheiroso. Nesta segunda foto, percebo vida, renovação, alegria e esperança de um mundo melhor. Então, concluímos esta observação de 3 dias com a última foto. Mostrando um clima chuvoso e também a alta do desemprego. Pois, muitos empresários estão escolhendo retirar seus estabelecimentos do centro da cidade por motivos do baixo rendimento das vendas e dos aluguéis altíssimos. Mesmo com as lindas paisagens que a primavera nos oferece, ainda temos um descaso em relação a um ser vivo e um forte desemprego.



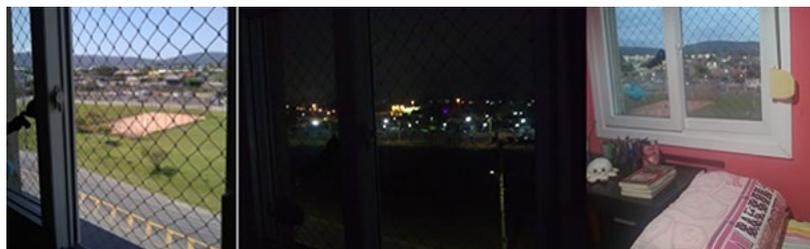
(Acadêmica, setembro de 2021).

A JANELA DA JULIA. À primeira vista. A janela escolhida não podia ser outra, senão a do quarto da minha filha, a vista mais bonita e significativa para mim, principalmente nos últimos tempos. Hoje, observando com um olhar diferente, me veio à lembrança tudo que vivemos juntas durante a pandemia. Ela, uma pré-adolescente, tendo que ter toda a rotina mudada de uma hora para outra e tendo que aprender a ficar sozinha em casa com 11 anos, pois, eu precisava trabalhar e não tive a opção de ficar em casa. Vivemos muitos momentos de angústia, medo, incertezas e muitos choros. Agora, observando esse lindo dia nascendo, eu me sinto observando o passado quando chegava o meu horário de sair e deixá-la só. Eu parava na porta e observava ela dormir, ao mesmo tempo que via o sol nascer pela janela

da Julia me aproximava, dava um beijo e ela só sussurrava “não fecha a janela”. Por mais que eu argumente, ela não fecha a janela pra dormir e assim dorme vendo o céu e acorda vendo o sol.

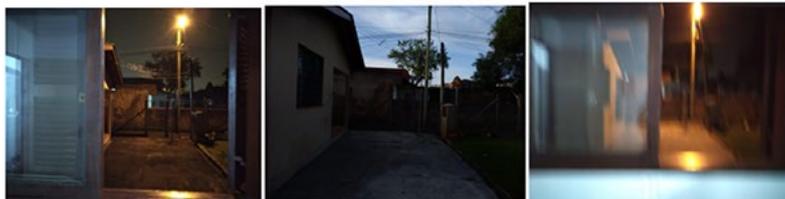
A segunda vista. Hoje observo com água nos olhos, pois essa atividade me fez refletir muito e me faz pensar em como somos fortes e unidas. Observo um pouco mais cedo que o habitual, pois aos poucos voltamos a nossa rotina e ela hoje vacinada vai para a escola. Então, acordo antes do sol, paro na porta do quarto e o cenário sempre é o mesmo e a vista da janela linda como sempre. Ela dormindo, quando me aproximo para acordá-la escuto os pássaros já começando a cantar e quando ela desperta, a primeira conversa e sobre como está o céu. Por vezes, já clareando e outras ainda muito escuro. Hoje, em especial, tem neblina. Sigo aqui observando, sentindo e pensando quando foi que este espaço se tornou tão especial? E como não percebi todo esse significado antes? Concluo que a sensibilidade da disciplina está me fazendo muito bem.

A Terceira vista. A vista do terceiro dia é diferente, pois hoje a dona da janela não está em casa, mas observo com os mesmos sentimentos e um pouco de saudade. O cenário é diferente e o dia está cinza. Eu gosto de dias cinzas, pra mim são aconchegantes. A cama e os travesseiros estão na posição que ela escolheu propositalmente para dormir e acordar olhando pela janela. A praça está cheia e ouço os gritos e risadas das brincadeiras. Sozinha, relutei em parar para observar pois fico muito sentimental quando percebo que ela está fora de casa. Estamos voltando nossa vida aos poucos, mas o sentimento foi de extrema alegria em saber que mesmo o dia cinza, ela está vivendo fora da janela.



(Acadêmica, setembro de 2021).

A minha janela



Confesso que de início a proposta da atividade me pareceu estranha, afinal, o que eu tenho que desenvolver com essa atividade? Será que eu preciso falar sobre o tempo? Sobre a natureza? Sobre a minha janela mesmo? Me pergunte, se eu fosse a docente a passar essa atividade o que eu gostaria que meus alunos refletissem com ela? Penso, que não importa desde que os fizesse refletir.

Pois bem, e sobre o que eu refleti? Bem, eu me parei pensando sobre a minha janela, pode parecer estranho, mas sempre foi minha. Essa é a casa onde morei desde que nasci, não, esse não foi meu único lar e nem acho que construções sejam o verdadeiro lar de alguém, mas essa é minha casa de infância. Quando eu era pequena pensava que a vida só começaria quando daqui saísse, o início da jornada é quando saímos de casa, eu pensava. E eu também não gostava daqui, pensava que eu merecia os melhores lugares, sim minha casa fica em um bairro humilde e minha casa assim o é, humilde. Ah, um dia eu vou morar em uma casa grande. Eu saí. Casei. Separei. Morei com minha mãe em um apto para onde ela se mudou após o meu casamento e pra cá retornei. Agora olho a janela, espera, é diferente, mas não a vista da janela, essa é igual, mas eu sou diferente. Não estou em paz comigo mesma, nem atingi o meu Nirvana, mas a foto em que tirei pela manhã em que tudo estava quieto e todos dormindo é a sensação mais próxima de paz que se pode encontrar no cotidiano agitado.

Olhar pela janela me permitiu sentir uma variedade de sentimentos: o pesar de lembrar as coisas ruins que passei quando estava longe dela, o conforto em ter voltado e a angústia de deixá-la numa possibilidade futura.

(Acadêmica, setembro de 2021).

DIÁRIO DA MINHA JANELA. Assim que acordei, abri a janela do meu quarto. Uma forte luz solar entrou e iluminou minha cama. A primeira coisa que vi, foi o limoeiro, quase sem limões. Estavam maduros demais e caindo. Senti o cheiro das flores do vizinho e escutei o som dos carros passando por minha rua. Senti uma leve brisa gelada tocando minha pele e observei o céu com tons de azul claro.

No segundo dia, assim que me dei conta, já era final de tarde. Um vento leve soprou e a porta se balançava... Abri a janela do outro quarto. Avistava folhas muito verdes, minhas plantas com cores vibrantes e sentia cheiro de terra molhada, pois recém havia lavado o quintal.

Logo no terceiro dia, só consigo registrar o momento à noite, pois o dia foi corrido e não prestei atenção nos pequenos detalhes. Pude sentir um ar gelado entrando pela abertura, surgiu um cheiro de fumaça, parecia um fogão à lenha. Pessoas passavam pela rua e riam alto. O céu estava escuro e nublado, não havia estrelas. As flores do quintal se moviam conforme o vento e os grilos faziam seus sons sem interrupção.



(Acadêmica, setembro de 2021).

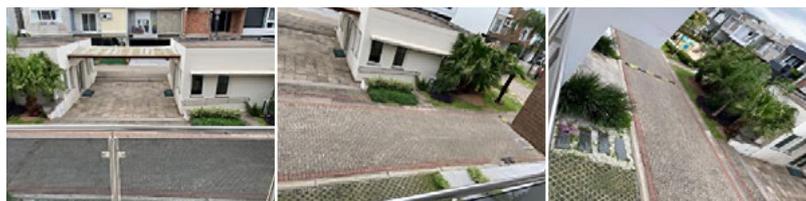
ABRINDO A JANELA DO MEU QUARTO. Como é interessante quando paramos para observar algo que faz parte do nosso cotidiano, e não prestamos atenção nos detalhes. A janela que eu escolhi para observar durante 3 dias, foi a janela do meu quarto em Porto Alegre. Moro em um condomínio residencial de casa e nunca tinha parado para observar os detalhes. E nesses 3 dias aprendi como é bom poder parar alguns minutos que seja, para ver o que temos ao nosso redor. O meu quarto tem uma sacada, que abrindo a janela, vejo as ruas do condomínio, casas à frente e ambos os lados. No primeiro dia que observei, estava um dia lindo de sol, ventava um pouco, reparei como o céu estava azul e limpo. Era por volta das 8 horas da manhã, consegui ouvir o som dos pássaros cantando, nunca tinha reparado que onde moro poderia ouvir os pássaros cantando.

No segundo dia, não dei muita sorte. O dia estava cinzento, não consegui ouvir os pássaros, eles estavam todos em seus ninhos. Parecia que ia chover, aquele céu azul, já

não existia, a sensação que tive é quando o dia está nublado nos passa uma tristeza, ao contrário a um dia de sol.

No terceiro dia, escolhi observar a janela em um horário diferente, por volta das 18 horas. O dia ainda estava claro, porém com uma brisa fresquinha, foi um horário de muito movimento, as crianças chegando da escola, pessoas passeando com o seu cachorro, e muitas crianças correndo pela rua, pessoas fazendo caminhada. Pensei, como esse horário tem movimento! Ao contrário dos dias anteriores, que era um silêncio. Vi somente funcionários cumprindo com o seu dever. Como o lugar que moro pode ser tão diferente, quando paramos e observamos os detalhes, em horários diferentes. É o mesmo local da mesma janela, mas cenários diferentes. Quando poderia imaginar que em frente a janela do meu quarto, escutava o canto dos pássaros! Que moro de frente a 2 espaços gourmet, mas em volta quanto verde tenho, coqueiros, flores, palmeiras, não tinha parado para pensar de quanto verde estou rodeada. Como nos faz bem um dia lindo de sol, olhar para o céu e apreciar as nuvens! Abro a janela todos os dias e nunca percebi o que tem de bom ao meu redor, como é gratificante parar um tempo, olhar e apreciar o que temos de melhor.

E tudo isso, abrindo somente a janela do meu quarto!



(Acadêmica, setembro de 2021).

OLHANDO PELA JANELA. Está chovendo...são duas horas da tarde e chove lá fora. Estou na minha casa olhando pela janela da sala, no fundo um posto de saúde, ao lado um ginásio e uma escola. Ninguém na rua, aparentemente, somente a chuva molhando os carros e gotículas no vidro da minha janela.

É noite de lua cheia. A lua está linda no céu, são 19h. e 55min. da noite e o céu está iluminado, as casas também estão iluminadas; não sei se pela luz dos postes ou pela lua esplendorosa no céu. Que espetáculo da natureza este satélite natural, embelezando meu céu e a vista da minha janela.

São 5h. e 54min. da manhã e o sol já se faz forte no céu. A alvorada é um espetáculo! Mesmo o sol estando brilhante no céu, ainda há sombras e esta nuance é esplendorosa. O cheiro que existe ao amanhecer me lembra a infância, quando eu meus familiares levantam cedo para viajar, pegar a estrada, quase sempre indo para a praia. Mais um espetáculo que posso assistir da janela da minha sala!



(Acadêmica, setembro de 2021).

OBSERVANDO A JANELA DA MINHA CASA. Fica do interior de Triunfo, eu observo muito a natureza, árvores, cheiro de plantas, animais, o sol bate direto nela quando eu acordo. Sempre quando acordo gosto de abri-la e sentir todas essas sensações. O sol que está quente, os pássaros que começam a cantar logo quando o sol nasce. Também gosto de observar quando está anoitecendo, começa a esfriar e as árvores se movimentam mais.

Quando olho para o céu, sinto que não estou sozinha, amo os dias em que está bem azul e com sol bem forte. Portanto, também gosto quando está nublado cinzento com poucas nuvens

e com aquela chuva. Precisamos de dias assim, diferentes, cada dia em que olho para a janela, nunca vejo as mesmas coisas e nem os mesmos ângulos, por mais que sempre olhe para a mesma direção. Neste momento que estamos vivendo e que já passamos tantos dias em casa, pude me conectar com a natureza e nunca é só uma vista da janela, não é algo simples. O que eu mais gosto de fazer foi olhar para a natureza a qual tem muito e tomar um chimarrão. Nesses três dias que eu registrei foram dias quentes, com o sol forte, dias assim eu amo, pois me trazem mais energia, os animais ficam mais agitados e as árvores trazem frescor.



(Acadêmica, setembro de 2021).

Janela para o Paraíso

Primeira Imagem

Contemplar a vista pela janela nos possibilita avistar a beleza da natureza. A imagem é a captura da janela de meu lar, onde observamos muitos verdes da natureza, a imagem demonstra um lugar tranquilo, com a cantoria de pássaros bem como a calma do interior. A imagem fotografada é à entrada de minha casa, onde a mesma é rodeada por muitas árvores que com a chegada da primavera estão distribuídas com diferentes tons de verdes, algumas estão reconstruindo novas folhas. A imagem foi capturada num final de tarde nublado, mas sua beleza não foi ofuscada. Esta imagem remete o sentimento de estar no melhor lugar do mundo, a calma da natureza é o meu refugio favorito ele é muito mais que um lar é realmente o meu paraíso!



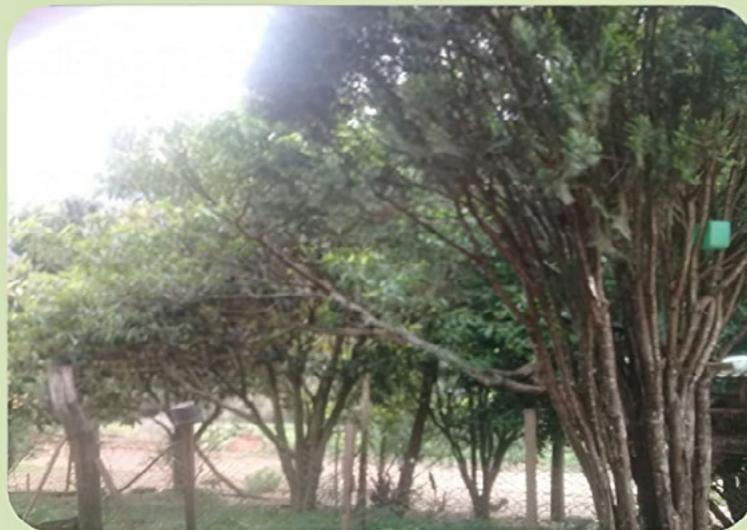
Segunda Imagem

Por amar a natureza e meu lazer procurei registrar de diferentes ângulos em diferentes horários à vista da mesma janela do lugar onde considero o melhor lugar do mundo. Amar a natureza e poder desfrutá-la com amor e cuidado é uma dádiva, a natureza transmite a mim somente sentimentos bons, em meu lar preservamos muito a beleza da natureza como pode ser observado no registro em nosso quintal e aos arredores de nosso lar cultivamos diferentes árvores que encantam e nos trazem leveza para o coração e muita calma para a alma. Nosso programa favorito de família e amigos é sentarmos de baixo das árvores contemplar a leveza da natureza e a simplicidade do interior bem como respirarmos o ar puro e leve que nos transmite muito sossego!



Terceira Imagem

A imagem a seguir é a continuidade de nosso quintal local onde procuramos cuidar e preservar a natureza. Sem duvidas poder desfrutar deste lugar é a melhor coisa que posso fazer. Poder observar de uma simples janela de meu lar em diferentes ângulos a beleza da natureza é a melhor coisa do mundo. Neste lugar de baixo destas arvores encontro paz e calma após a correria do dia a dia, poder voltar para casa e desfrutar deste paraíso é a melhor e maior conquista que tenho diariamente. Procuo estar sempre próxima a natureza, pois na mesma encontro a paz que meu coração procura e necessita. Viver no interior com a beleza sem igual da natureza é meu maior orgulho. Sem duvidas amo a vida simples do interior com a cantoria dos pássaros a calma do entardecer e a beleza do amanhecer com o orvalho sobre as folhas da linda natureza.



(Acadêmica, setembro de 2021).

DA MINHA JANELA... Na janela do meu quarto, pouco se vê, muito se ouve. Pouco se entende, mas muito se percebe. Percebe-se o cantar dos pássaros, os gritos da vizinha, as brigas dos gatos, a chuva, o sol, o tempo nublado. Todo dia o mesmo cenário. Um muro médio, pintado de laranja. Uma árvore grande, repleta de Jambolão, que quando caem no telhado parece até um tiro de rojão... Pois caem de tão alto, que o som é ensurdecedor!

Faço minhas palavras, poesia, da janela do meu quarto, me inspiro de dia. A noite muito escura, traz um pouco de medo e aflição. Pois a janela do meu quarto neste momento não enxerga nem um faixo de luz. Apenas os barulhos noturnos das aves nas árvores... Dos gatos que brigam no vasto terreno que minha janela vê. E assim são as coisas que dessa janela se vê.



(Acadêmica, setembro de 2021).

MANHÃ



Ao olhar o amanhecer em minha janela, percebi o céu se tornar azulado, as nuvens ganharem contraste naquela coloração sutil e a brisa fria varrer os fios do meu rosto. As pessoas começaram a se movimentar pelas ruas, caminhando em direção aos seus trabalhos sem sequer cumprimentar umas as outras, quando elas passavam entre si. Durante a manhã a natureza era calma, mas os civis que ali passavam sentiam tudo exaltado, cansado e um tanto quente, fazendo a manhã que surgiu pacífica no nascer do sol, se tornar algo pesado. Eu não culpava aquelas pessoas por não pararem para verem a cor do céu, nem as julgava por não ouvir o som dos pássaros, muito menos via mal por não sentirem o vento natural. Dali da minha janela, eu fiquei apenas triste porque, às vezes, eu era uma daquelas pessoas.

TARDE



Durante a tarde quase não vi ninguém caminhar pelas ruas, tudo o que se destacava era os raios intensos do sol e o verão incessante. O céu se tornou ainda mais azulado, saindo do tom pastel para um mais intenso. O calor deixou todos dentro de suas casas ou em seus trabalhos, ocupados demais para se preocuparem com o abandono da rua. Foi ali, olhando o sol queimando da janela que me dei conta de uma coisa: sem tanto movimento, o cheiro do ar ficara mais leve, a amplitude do horizonte mais clara, sem vestígios de fumaça ou poluição, e as plantas pareciam mais sossegadas, apesar do calor. Parecia que a natureza com a ausência de tanta gente se sentia melhor.

(Acadêmica, setembro de 2021).

Ótima lembrança de um dos tantos objetivos da arte para a humanidade, de revelar novos talentos e distanciar os jovens da criminalidade. Esses projetos sociais utilizam a arte como meio de descobrir novos talentos nas periferias, mas acima de tudo de

fazer com que eles se apropriem da arte, aprendam com ela a se expressar e tenham outra visão do mundo. Na maioria das vidas dessas crianças e jovens não haveria espaço para arte e eles não teriam sequer contato com ela. (Acadêmica, agosto de 2021).

Observando pela janela

Quem lê o título do relato dessa experiência, pode criar mil ideias na cabeça e até mesmo achar “estranho” pensar na ideia de ficar observando através da janela. Bom, para mim, não foi muito diferente quando peguei o material pela primeira vez e li sobre a atividade/experiência. Porém, a minha visão mudou muito depois de realizá-la e poder experimentar essa atividade que vai além do olhar, mas envolve também o sentir e ouvir.

Quando peguei para ler o material “Janelas- Registros do sentir”, já comecei a ficar encantada com tudo que ele apresenta, cada ponto, situação simulada e ideias para desenvolvermos durante a observação através da janela. Terminei de ler o material com muita vontade de ter o meu momento de analisar, pensar, ouvir, sentir, olhar e criar através da janela. Para desenvolver essa experiência eu resolvi escolher a janela da minha casa que fica no quarto do meu irmão, não foi tão fácil escolher uma, pois a minha casa tem várias janelas e todas elas têm uma vista muito incrível de observar, porém, pensando em toda a experiência achei que a que eu escolhi se encaixaria melhor. Através da janela escolhida por mim, eu separei três momentos para registrar ela, de manhã, ao entardecer e a noite.

No período da manhã, ao observar a janela, pude ver centenas de detalhes e junções de sons, pois é nesse período que os pássaros aparecem mais e cantam por um bom tempo e como a minha rua é cheia de cachorros, junta com o som dos latidos também. O ângulo que eu registrei no desenho, é como eu consigo ver olhando deitada na cama, vendo mais as pontas das árvores, os telhados das casas, os pássaros voando no céu ou parados no fio do poste e os formatos das nuvens, que são diversos quando o dia não está nublado.

No período do entardecer, que foi o segundo registro, a rua já está mais calma, já não se tem o mesmo som dos pássaros,

as nuvens já vão sumindo, mas o que mais me encanta e, para mim, é a parte mais bonita, é que o céu começa a mudar de cor, um laranja meio rosado começa a invadir um pouco do azul, isso é algo que me encanta bastante aqui perto da minha casa, pois cada dia o céu tem uma beleza incrível ao entardecer. Esse registro foi feito pelo mesmo ângulo que o período da manhã.

No período da noite, eu escolhi o ângulo que enxergo quando estou de pé bem próxima da janela, onde consigo ver as casas por completo, consigo ver o asfalto, a calçada, os cachorros, os postes, as árvores por completo e a movimentação dos vizinhos. Neste momento, não se ouve mais pássaros, mas às vezes escutamos som de grilos, os cachorros latem bastante, pois é nesse período que o segurança passa com a moto e os motoboys fazem as entregas das jantas pedidas por aplicativos.

Com toda essa experiência, pude perceber como é bom parar um pouco e apenas observar, a nossa vida tá sempre ligada nos 220, com várias informações entrando diariamente em nossas mentes que esquecemos de analisar os detalhes naturais da vida, de desligar do mundo virtual e observar o que está presente diariamente ao nosso redor. Parar e olhar através da janela, é uma tarefa que todos deveriam experimentar pelo menos uma vez na vida, para poder analisar a beleza e escutar os sons das coisas mais naturais que estão presentes diariamente em nossa volta. (Acadêmica, agosto de 2021).



O PENSAMENTO AMPLO E QUESTIONADOR EM TEMPOS DE CRISE - RESSIGNIFICAR PARA SOBREVIVER

Patrícia Maciel³⁸

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul -
Que nem uma criança que você olha de ave.

(Manoel de Barros)

Lembro-me como se fosse hoje do dia em que tomei café, me arrumei, peguei meus planejamentos de aula e fui feliz para a escola. Lá me esperava uma notícia que mais parecia uma grande brincadeira de mau gosto: o mundo estava passando por uma pandemia e nós estávamos sendo orientados a ficar em casa por quinze dias, para entender os desdobramentos da doença COVID-19, como foi nomeada. Incertezas, tensões, busca de informações que chegavam desencontradas... *não entrem em pânico!... o mundo vai acabar, todos vamos morrer!* Mortes aos montes, literalmente... longe... e depois mais e mais perto. Boa parte da população em isolamento domiciliar. Álcool, luvas e máscaras nunca foram tão procurados e utilizados. A ciência correndo contra o tempo, buscando medidas efetivas para a contenção do desastre. E as escolas, pela primeira vez depois de instituídas oficialmente (creio eu) fechadas no mundo inteiro, quase ao mesmo tempo. O que parecia *confortável* do ponto de vista da comodidade da nossa casa passou a ser foco de ansiedade e falta de perspectiva de futuro, para estudantes e docentes. Penso que esse escrito em que me coloco como protagonista sirva ao que o pesquisador Charles Mills, chama de *imaginação sociológica*. O sociólogo diz que os homens passam a “captar o que está acontecendo

38 Patrícia Gusmão Maciel é doutoranda em Educação pela Universidade La Salle e dedica-se à temática do corpo criativo-virtualizado-poético, da experiência de criação e, principalmente, da presença juvenil com o teatro *online*.

no mundo, e compreender o que está se passando em si mesmos como minúsculos pontos de intersecção de biografia e história dentro da sociedade” (MILLS, 2009, p. 86). A crise pandêmica foi mundial, e de certa forma, os docentes tiveram experiências e incertezas muito parecidas mundialmente, conforme a ética social imposta.

Porém, mesmo em meio a toda essa desordem mundial causada por uma crise sanitária, o ser humano dispõe de mecanismos que o faz sobreviver e evoluir desde tempos imemoriais. Lembro-me do título de um livro do escritor e educador Rubem Alves que diz que *ostra feliz não faz pérola*. Ali, ele defende que são os incômodos que nos fazem caminhar, buscando soluções (ou fugas, que nem sempre são produtivas) para que tais percalços do caminho sejam superados.

No seu ensaio sobre O nascimento da tragédia grega a partir do espírito da música, Nietzsche observou que os gregos, por oposição aos cristãos, levavam a tragédia a sério. Tragédia era tragédia. Não existia para eles, como existia para os cristãos, um céu onde a tragédia seria transformada em comédia. Ele se perguntou então das razões por que os gregos, sendo dominados por esse sentimento trágico da vida, não sucumbiram ao pessimismo. A resposta que encontrou foi a mesma da ostra que faz uma pérola: eles não se entregaram ao pessimismo porque foram capazes de transformar a tragédia em beleza. A beleza não elimina a tragédia, mas a torna suportável. A felicidade é um dom que deve ser simplesmente gozado. Ela se basta. Mas ela não cria. Não produz pérolas. São os que sofrem que produzem a beleza, para parar de sofrer. (ALVES, 2008, p. 9).

É solicitado a nós que encontremos formas ou estratégias para modificar aquilo que nos machuca, que nos limita e impede de seguir a nossa vida da melhor maneira possível. Quer areia maior e mais pontiaguda dentro da nossa ostra pessoal e profissional do que foi a pandemia? Quantos de nós, docentes, tivemos que fazer uma imersão pedagógica no mundo tecnológico *online*, seguido de palavras estranhas à nossa prática de sala de aula, para cair de cabeça no *ensino remoto*, *aulas síncronas* e *assíncronas*, aplicativos *online* de conversas,

aplicativos e/ou plataformas de reuniões... Os afetos corporais ficaram longe, nossos abraços limitaram-se a um tímido *tchau* através das telas de PCs e smartphones, transmutando o momento em ações virtuais das telas planas, iluminadas a frio. Ficamos praticamente dois meses à espera de resoluções oficiais sobre o que fazer, sobrevivendo, preocupados conosco, com os estudantes e com os outros. Reinvenções pedagógicas sobre o tempo *online* foram vitais durante a pandemia que nos colocou em um novo tempo de parar e respirar com calma, algo inimaginável de se vivenciar no presente. Um mundo que boa parcela dos docentes conhecia timidamente, somente alcançado quando nos concentramos em nossa percepção, no sentir do tempo. Que sacudida de paradigmas! Nunca tivemos uma *formação pedagógica* tão intensa e de práticas (improvisadas) como essa!

Quando foi determinado que retomássemos o contato com os estudantes via aplicativo de mensagens instantâneas e plataformas de reunião *online*, tivemos que adaptar o que sabíamos com o que acabávamos de aprender e trazer um novo modo de ensino e aprendizagem, tanto para os estudantes como para nós mesmos, experimentando novas formas de expressar a vida pela aproximação de interfaces digitais. Talvez uma das provas mais difíceis que já tivemos que fazer. Enquanto buscava referências para o escrito desse texto, me deparei com um documento meu intitulado *escritos de pensamentos que podem colaborar com as aulas*, que foi uma tentativa de criação de uma espécie de diário pessoal sobre as aulas e a pandemia, no ano de 2021. Não lembro por qual motivo parei de escrevê-lo, talvez porque, depois de um determinado tempo, parece que tudo ficou *urgente demais* e o tempo, que deveria ser nosso aliado, tornou-se um grande *inimigo*. Trago ele aqui como relato que, de certa maneira, traduziu um pouco da angústia do isolamento e da necessidade de rearranjar maneiras para que o pensamento, seguido de práticas novas, agisse a meu favor, na busca por tentativas de trabalhar com a educação em tempos tão instáveis como os que se apresentaram fortemente entre

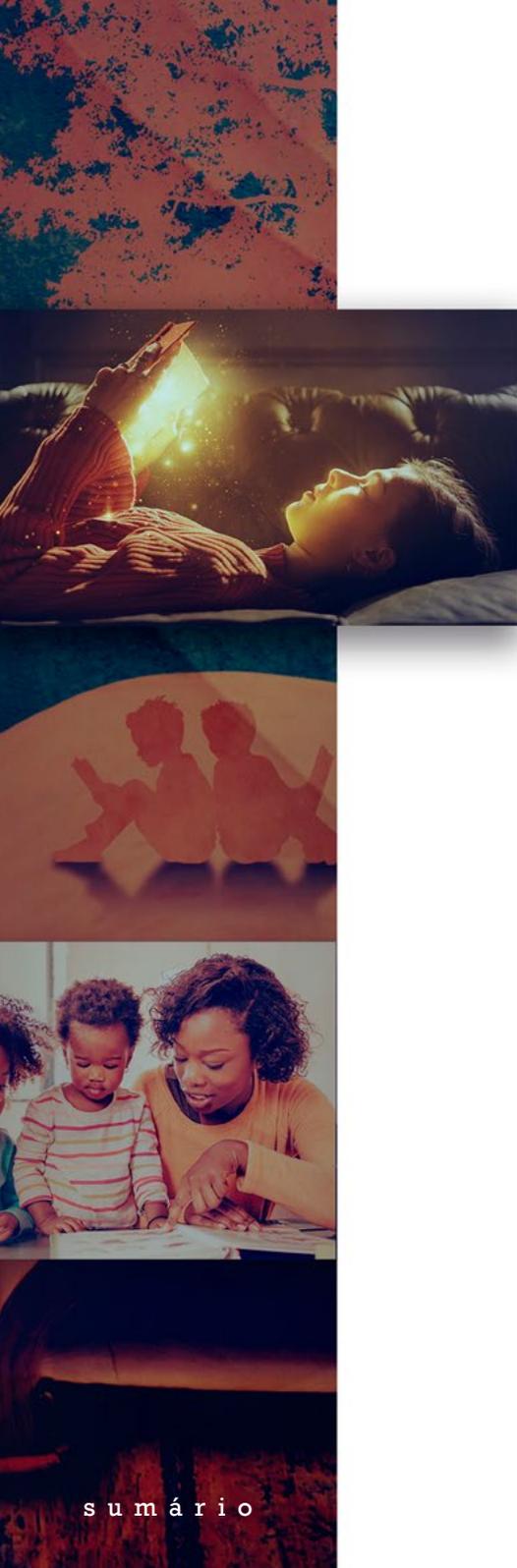
os anos de 2020 e 2021. Talvez como oportunidade de criar consciência dos próprios limites do agir humano na pandemia e possibilidade de nos expandirmos como professoras.

Dia 1 do pensamento escrito nessa modalidade (porque já houve outros, mas não com essa configuração) - 09 de março 2021

Esta é a segunda semana após o retorno remoto das aulas com os estudantes. Já tive dois encontros virtuais, com aproximadamente 30% da quantidade total das turmas de cada ano letivo. Das *carinhas* que consegui ver, por abrirem as câmeras, alguns mudaram. Cabelos cresceram, encurtaram, foram coloridos, ou continuam os mesmos da última vez do encontro presencial. Vozes se modificaram. O chamado infantil *sora*, agora é grave, pausado. Alguns ainda estridentes, típicos da adolescência. Fico me perguntando sobre a vida deles, como estão sobrevivendo a esta pandemia. O que esconde a fotinho de perfil daqueles que não aparecem. Como estão emocionalmente aqueles que os pais se separaram; que foram morar com tios, avós; que mal tem o que comer...

Ao analisar todas essas questões, reflito sobre esse sujeito que passa exatamente pelo momento de mudanças internas exorbitantes, ao mesmo tempo que tem que lidar com mudanças externas incomparáveis. Um corpo e mente desafiadores em um mundo ao contrário. Nossos adolescentes talvez sejam os mais bravos guerreiros desse século. Percebo também as diferentes formas de ser e estar na sociedade, e como buscam manter-se em constante caminhada de entendimento. Ou não, preferindo navegar ao suave e amargo sabor do *tô nem aí*.

Sobre esses dois aspectos, é interessante pensar a respeito do que move cada uma dessas atitudes (e problematizá-las também). Em um primeiro aspecto, em uma ação proativa, de busca, de interesse pelo conhecimento, de engajamento, poderíamos questionar: ele é legítimo ou pautado na *ordem natural das coisas*, quando evidenciamos no nosso discurso para esse jovem que o *único dever* dele é o de estudar? Ele efetivamente coloca em perspectiva o que lê e ouve? Ele consegue fazer as análises propostas pelo corpo docente nos assuntos abordados em cada área do conhecimento? Tais assuntos reverberam no



corpo desse jovem, dialogando com o seu tempo-espaço? Ele é sensível às abordagens escolares? O que queremos, como docentes, que esses jovens aprendam?

No segundo aspecto, do jovem apático, que não está sensibilizado para a aprendizagem escolar, o que o afasta dos exercícios de entendimento do mundo? O que exatamente (ou aproximadamente) ele busca, ou desistiu de buscar por estar, talvez, com o foco em outras situações que sequer imaginamos? Onde está o interesse dele? O que deseja conhecer ou fazer que não encontra no ambiente escolar? Qual é a sua rede de apoio? Quantos desses jovens assumem responsabilidades ou situações que não deveriam? Quantos corpos e vozes calados por agentes externos sobre os quais a escola não pode nada, ou muito pouco?

Ontem, dia 08 de março, comemorado o Dia Internacional da Mulher, eu recebi um pequeno *emoticon* de uma aluna do oitavo ano do Ensino Fundamental, seguido de uma frase singela: *Feliz dia da mulher, sora!* Eu chorei. Lembrei da música do Zeca Baleiro: *Ando tão à flor da pele, que qualquer beijo de novela me faz chorar...* Aqui, qualquer lembrança, por menor que seja, me faz chorar, por tudo que ela movimenta: um estado de isolamento social, o descaso com a população, a falta de incentivos ao setor público educacional, a saudade, uma jovem menina que talvez não entenda ainda a complexidade de um *feliz dia da mulher, sora*, quando esse gênero ainda é um dos que mais sofre violência no seu próprio país. Nossos jovens têm (será?) a dimensão de entendimento sobre tudo isso?

Dia 2 do pensamento escrito nessa modalidade – 01 de abril 2021

A cabeça gira feito redemoinho que recebeu um desabafo violento das águas do rio. Se a minha cabeça docente está assim, imagino como esteja a dos estudantes. Talvez para eles essa relação mente-corpo seja inconsciente, só recebam as percepções e reajam. Reajam com choros, com quietudes, com raivas e escândalos... um roer de unhas... pequenos cortes nos antebraços e entrepernas. Enquanto a minha cabeça gira, a deles voa, e eu nem sei para onde. Estamos tão longe uns dos outros.



Tenho ímpetos de xingá-los através das redes. *Falem comigo! Me digam o que está acontecendo!* Uma virtualidade que nos distanciou pelas telas, neste momento onde não podemos nos conectar materialmente ao outro. Não consigo mais olhá-los nos olhos, estabelecer sinergia. Eu agora falo para o computador, não falo para eles. Não os alcanço. E eu estou tão cansada. Quando algum deles fala comigo, troca informações, eu consigo apreender esse pequeno gesto e tento em parte deduzir algo sobre como eles estão, pelo tom de voz, pelo conteúdo expressado. A maioria deles são apenas nome e foto na aula online. Têm vergonha da sua imagem real apresentada pela webcam. Paradoxo: as fotos das redes multiplicadas; a imagem do vídeo subtraída. Escondem-se dos outros? De si mesmos? Como será a volta ao convívio social? A maioria deseja? A maioria habitou-se à caverna de (in)segurança?

Meu corpo e minha cabeça estão extremamente cansados. Somaram-se em mim volumes de coisas da presença e da virtualidade. Meu corpo não foi preparado para isso. O corpo-mente dos adolescentes também não foi. Primeiro, um corpo direcionado à disciplina das carteiras escolares. Movimento só no recreio, aula de Ed. Física ou Artes. A mente era livre nas relações virtuais, através das redes sociais e dos jogos online. O corpo e mente foram forçados a lugares obrigatórios. A virtualidade tornou-se obrigatória. (Relato pessoal da autora).

Relendo com calma e reverberando a emoção, percebo que eu (e todos) tínhamos e ainda temos, mais perguntas do que respostas. Retornamos presencialmente no final de 2021, e efetivamente no ano de 2022. Como nas guerras, as perdas e feridas são inesquecíveis. Ainda há muito a se fazer e muito a se construir. Que escola queremos para os nossos estudantes? Que sistemas de ensino, hoje, *dão conta* de todas as necessidades referentes a uma educação de qualidade? O teórico John Dewey, em meados de 1900, já questionava o papel da escola enquanto instituição formadora da sociedade, entendendo-a como uma *sociedade embrionária* (DEWEY, 2002). Passou-se um pouco mais de cento e vinte anos que *empurramos com a barriga* uma reforma educacional efetiva, visceral, integrativa, democrática. Uma

pandemia veio e demonstrou as fragilidades e também as potencialidades na educação, alinhada com o seu tempo. Mills (2009) defende que o pensamento nos auxilia a compreender melhor o entorno e as situações, mas é essencial que venha seguido da reflexão, que auxilia nos processos de ação.

O pensamento é uma luta por ordem e ao mesmo tempo por compreensibilidade. Você não deve parar de pensar cedo demais - ou deixará de conhecer tudo o que deveria; não deve deixar que isso prossiga para sempre, ou você mesmo explodirá. É esse dilema, suponho, que faz da reflexão, naquelas raras ocasiões em que é mais ou menos bem-sucedida, o mais apaixonante empreendimento de que o ser humano é capaz. (MILLS, 2009, p. 55).

Assim, é vital que pensemos e, sobretudo, reflitamos, enquanto docentes, que tipo de educação queremos propor aos estudantes do século XXI. Particularmente, não consigo dissociar uma educação contemporânea e tecnológica dos aspectos emocionais, que estão extremamente fragilizados pela distância, que persiste na educação presencial. Tornamo-nos distantes uns dos outros. Temos receio da proximidade e da reação do outro à nossa proximidade. O teórico Maurice Merleau-Ponty (1999) fala sobre a necessidade de *repor a essência na existência*, visto que devemos especificamente refletir sobre o que compreendemos como nossa essência e como ela se manifesta na existência. É fato que não saímos ilesos da pandemia. Questionamos e, na medida do possível, ressignificamos modos de ver e agir na vida, procurando entender o que realmente importa. O que é essencial? O que me interessa e me constitui como ser humano na docência? Trabalhamos com pessoas, somos corresponsáveis pela caminhada educacional do outro. Crianças, adolescentes, jovens, adultos, em diferentes tempos e espaços, normalmente estão vinculados à educação e aos docentes. Como podemos colaborar com a integridade do sujeito que se constitui enquanto ser pensante e reflexivo para auxiliar a construir uma sociedade estruturada e que a todos dê amplo suporte em várias dimensões?

Busco no meu poeta preferido algum consolo e direção para o futuro, entendendo que não queremos ver mais nada de forma *razoável*. Querer o colorido, o vivo e o vivido, ressignificado e ressignificando, colorindo mentes e corações de azul, laranja, amarelo, lilás e verde, criando propostas de voo de aves, sejam elas jovens ou maduras, gerando movimento e base para um mundo potente, justo e *humano*. Aprendiz de ave voadora podemos nos fazer também, lembremos disso.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

DEWEY, John. **A escola e a sociedade**. A criança e o currículo. Trad. Paulo Faria, Maria João Alvarez e Isabel Sá. Relógio d'água Editores: Portugal, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.



4

**JANELAS
2022 – O NOVO NORMAL?**

“Acendemos paixões no rastilho do próprio coração.
O que amamos é sempre chuva, entre o voo
da nuvem e a prisão do charco” (Mia Couto, 2018)

“É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim
é possível mudar a realidade” (Nise da Silveira, 1905-1999)

Este rastilho do coração, conforme a epígrafe inicial, é o fio de pólvora que faz pegar o fogo, que é acendido muitas vezes no limiar, pelas mais diversas coisas da vida, pelas ideias lançadas, científicas ou de outros contextos, capazes de projetar nossas itinerâncias formativas. E nosso propósito estético não poderia deixar de enfrentar essas questões de se espantar, de se indignar e de se contagiar para transformar a realidade vigente. Vivemos hoje, intensamente, as contradições, as incertezas, os deslocamentos de um novo normal, que fazem emergir uma reflexão crítica sobre o funcionamento do sistema sócio-político-econômico ao qual estamos submetidos (BENJAMIN, 1985). A história é inacabada e apenas construímos uma narrativa do passado por palavras e imagens que pressupõem uma experiência compreensiva e compartilhada³⁹, através da diversidade na qual nos constituímos e tornamos visíveis os ensejos narrativos. Por isso, contar uma mini-história não é simplesmente construir a história tal qual ela foi, mas colocar em perspectiva, no sentido de articular com o presente, com o novo olhar do outro que nos interpela (a palavra fala⁴⁰). A utopia nos ajuda a caminhar, ao olhar geográfico e artístico

39 Vídeo produzido das experiências de 2020 e que foi divulgado nacionalmente, a partir do prêmio “O educador Nota 10”. Disponível em: <https://www.facebook.com/cristieleborges.7/videos/1100413730576026>

40 Há muitas propostas que envolvem o campo da arte-educação como a de James Mollison - *Onde as crianças dormem* – que retrata a realidade de garotos(as) ao redor do mundo registrando seus quartos por meio de pequenos textos e a fotografia. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/os-quartos-das-criancas-dizem-sobre-elas/> Assim como podemos desfrutar a experiência estética da dissertação *A Virada Afetiva do Reconhecimento: por uma experiência de autorrealização na formação inicial de professores*, de Juliana Marques de Farias (JFPel, 2022), cujo conto de Mia Couto serve de fio condutor da pesquisa. Compartilhamos o link do áudio com a contação da narrativa *O rio das quatro luzes*: https://drive.google.com/file/d/12G_IHta75mOYL4qX0T0Yzpr19xYS-Qrqa/view?usp=sharing

sobre o mundo, a andar rumo à mobilização de desafios, de afetos ao olhar pela janela e fazer uma experiência estética, para superar a paralisação melancólica.

Inquietações e mudanças nas aproximações com as situações concretas no campo da arte-educação ampliaram nossa compreensão inicial em relação aos conceitos estudados e despertando para a reflexão de que a pessoa que cria precisa questionar a si, suas relações e seus posicionamentos no mundo, exercitando em meio às ambiguidades e desdobramentos uma espécie de *estética da existência*, o caminhar para si (FOUCAULT, 2017). Antes de propor algo a alguém, precisamos observar as imagens da janela para provocar o exercício da escrita, no sentido de despertar a intuição do passado, do presente e do futuro, identificando se há caminhos na reconstrução com as ruínas. A proposta interdisciplinar de olhar para fora da janela se mostrou ao longo dos três anos provocativa ao trabalho pedagógico dos participantes que relataram a rica complexidade da análise das três vistas, tendo como inspiração as Janelas - Registros do sentir. Tudo indica que trabalhar com narrativas a partir do desenho, da imagem ou da fotografia provoca a abertura de novas vistas da janela para que as crianças, os estudantes e os professores possam (re)conhecer e agir no mundo de diferentes formas, bem como promove a escrita sobre o que observou e assim melhora a interação e a percepção do cotidiano.

Ao olhar pela janela favorecemos muito e enaltecemos a leitura de imagens e a alfabetização digital dos participantes, por conta da análise visual das fotos tiradas das três vistas de sua janela. Tais reflexões foram compostas pela interpretação da paisagem, na inquietação de saber até onde o nosso olhar pode alcançar, que nem todas as vistas e paisagens são bonitas, instigando o outro a se relacionar com o seu lugar interconectado aos acontecimentos e processos diários no mundo. Em outras palavras, foi possível desenvolver uma percepção vital alargada do mundo em meio aos detalhes. Contudo, a arte de

observar, escutar e descrever a realidade (pelo olhar fenomenológico) vai muito além do imaginário, mas contempla arte contemporânea que está conectada com as questões da vida cotidiana, social e cultural (CONTE; MARTINI, 2019). Cabe ressaltar que:

[...] haverá sempre a necessidade de um educador sensível, capaz de criar situações em que possa ampliar a leitura e a compreensão de homens e mulheres sobre seu mundo, sua cultura. Capaz, ainda, de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada produtor/fruidor/aprendiz. (MARTINS, 2008, p. 57).

Parafraseando Walter Benjamin (1985), consideramos que a fala conquista o pensamento, mas a escrita e a imagem fotográfica o dominam, pois, a presença da fotografia pode construir novos significados e memórias num jogo estético-expressivo e processual capaz de animar e reinventar a própria história, em forma de romance de formação (des/caminhos e trajetórias mediadoras culturais de documentação pedagógica).

AS JANELAS E A MINHA MANGUEIRA

Eu sempre quis ter uma mangueira. Talvez porque me fascinou o livro de Paulo Freire *À sombra desta mangueira* (2015), especialmente quando ele relaciona o espaço sob esta *árvore a momentos felizes: “Eu usava a amenidade das sombras para estudar, para brincar, para conversar com meu irmão Temístocles sobre nós mesmos, sobre nosso amanhã, sobre a saudade de nosso pai falecido; para curtir, mergulhado em mim mesmo, a falta da namorada que partira”* (FREIRE, 2015, p. 20). Ainda hoje me percebo imaginando Paulo Freire sentado à sombra de uma enorme mangueira, rascunhando em um caderno algumas ideias para um novo livro, para uma palestra ou, simplesmente, para não esquecer algum insight que lhe ocorreu. Por outro lado, sempre quis ter uma mangueira, porque elas são frondosas, gigantes, além de produzirem um fruto muito saboroso que, para sorte dos gaúchos, se adaptou ao nosso clima, já que sua origem (após terem vindo da Ásia

e da África), pertence ao norte do país. Meu relato trará a vista da mangueira de três janelas diferentes da minha casa, talvez contrariando a proposta de apresentar três vistas da mesma janela. Justifico minha ousadia pela importância que deleigo à minha mangueira, a qual considero a estrela do meu jardim.

Primeira vista – Análise. No início da pandemia do coronavírus (maio de 2020), nos mudamos para uma casa, após anos morando em apartamento. Minha primeira providência, é claro, foi comprar uma mangueira para o meu jardim. É claro que ela não veio sozinha, porque apesar de o espaço não ser muito grande, me permiti colocar um pergolado com uma parreira (da qual já estamos comendo as uvas brancas e em breve colheremos pretas também), uma bergamoteira, um limoeiro e um manacá-da-serra, que dobrou de tamanho e encontra-se cheio de botões como mostra a foto abaixo, uma pitangueira ainda bebê, algumas palmeiras e um perfumadíssimo jasmim. Não é necessário dizer, é claro, que recebi (e continuo recebendo) muitas críticas (bem-intencionadas, claro), de que são muitas árvores para um espaço tão restrito. Contudo, me deleito com minhas árvores e prometi ao meu esposo que as manteremos podadas para que não atrapalhem fiações elétricas e/ou outra estrutura da casa. Foto da mangueira ao centro do jardim, com vista para as demais plantações do jardim.

Interpretação - A segunda vista. Durante a pandemia, com o isolamento social, a mangueira acabou se tornando minha confidente e companheira. Nunca antes, nos meus 33 anos de docência, trabalhei tantas horas, de forma tão solitária, ainda que estivesse entrando e saindo freneticamente de salas Meet. As caminhadas ao jardim para breves momentos de alongamento e de respirar ar puro se tornaram uma maneira de suportar a carga pesada de trabalho e a mangueira se mostrou um refúgio para quando os desafios se tornavam ainda mais duros. Novos hábitos acabaram se incorporando às nossas vidas durante a pandemia, como realizar compras pela Internet, usar serviço de tele-entrega, ou seja, tudo para que não precisássemos sair de casa, de forma a não nos expor ao temido vírus. Em outubro de 2020, alguns orientandos mandaram entregar na minha casa uma cesta enorme de café da manhã, pelo Dia do Professor. Senti o carinho naquele gesto e naquela cesta, apesar de não poder abraçá-los pessoalmente. Junto

às guloseimas havia um mamão papaia muito saboroso e maduro. Comi uma deliciosa polpa e guardei as sementes. Meses depois plantei as sementes em um pequeno espaço abaixo da janela do quarto de hóspedes, e hoje estou a poucas semanas de colher afeto em forma de mamão papaia. Na foto abaixo, vemos a mangueira através das folhas do mamoeiro, carregado. Foto da mangueira vista da janela do quarto de hóspedes, por trás do mamoeiro carregado de afeto.

A terceira vista – Fundamentação. A mangueira frondosa, rainha do jardim, vista da janela da sala de estar. A mangueira, que em maio de 2020 tinha menos de um metro, em dois anos dobrou seu tamanho, talvez por sentir a sua importância no meu processo de sanidade mental. Ela já ganhou a companhia de orquídeas que crescem frondosamente no seu tronco e que prometem uma linda florada para o mês de setembro. Revelação... Agora que estamos, ainda que com muitos cuidados, buscando a retomada da “normalidade”, aqui entendida como o retorno ao convívio presencial com as pessoas, me pergunto quais são as lições que deixam o período difícil que vivemos durante a pandemia do coronavírus. Percebo, pelo menos em mim, uma maior valorização da natureza, graças à minha mangueira, e a busca por uma vida mais saudável e natural. Com relação às pessoas, sinto necessidade de relações menos complicadas, de mais afeto e valorização dos momentos de comunhão, ainda que breves. Já consegui incorporar à minha agenda, mesmo em curtos momentos, a “hora do café”, o “momento chimarrão”, mas não pretendo deixar de lado minhas idas ao jardim para confidenciar com minha mangueira.





(Acadêmica, maio de 2022).

Na segunda aula da disciplina de Ação Docente e Artes, a professora Elaine nos questionou sobre as dificuldades que encontramos ao trabalhar artes em sala de aula. Fiquei refletindo acerca desse questionamento, pois sou formada em Matemá-

tica, porém, sempre trabalhei interdisciplinarmente com artes, uma vez até me desafiei e convidei a professora de artes da escola para um projeto “Matemática e Arte, por toda parte”, foi surreal, os alunos se surpreenderam ao perceber que a matemática tem tudo de artes. A maior dificuldade no início foi mostrar para os alunos essa relação e em poucos dias enxergavam a matemática como uma arte e em tudo na arte viam matemática. Quando olhamos outras disciplinas pela arte, tudo se torna mais alegre, numa dimensão em que tudo cria vida e é notória a fonte de inspiração. A arte vai muito além do que os museus e exposições acolhem, é o olhar profundo e criativo, no que se refere a expressão de sentimentos, numa dimensão que leva a cura do corpo e da mente. Ao realizar a atividade de produção, observei da minha janela várias expressões de sentimentos através da natureza, poderia ter fotografado bem mais que três imagens, pois todos os dias, após as fotos tiradas, eu acostumei a olhar daquele ponto e ver sempre uma definição diferente.

Essa primeira foto foi no dia 03 de abril, eram em torno de 7h. e 30min. da manhã, o sol estava radiante, transmitia uma luz brilhante, eu senti uma paz muito grande, o céu azul me trouxe esperança de dias melhores, cheio de boas expectativas. Nesse dia, o sol atravessava majestosamente o pé de araticum e não iluminava apenas o céu, iluminava o meu ser, eu vinha de um 02 de abril cheio de ansiedade, de questionamentos e uma tristeza de ver meu pai sofrendo com o câncer. Ao acordar e sair lá fora, quando vi essa beleza da natureza, aproveitei para fazer o registro e começar minha atividade da disciplina Ação Docente e Artes, com uma linda foto cheia de significados.

Após a primeira foto, passei todos os dias a olhar desse mesmo ângulo, não para ver as diferentes paisagens que se apresentavam e sim, para sentir essas diferentes paisagens. **A segunda foto**, fiz na noite do dia 16 de abril, era em torno de 21h., sábado de aleluia. Uma noite com um clima fresquinho, suave, realmente uma noite iluminada. Era uma paz intensa, o silêncio trazia uma magia, uma energia diferente, mística, senti medo por alguns instantes. Mas a lua em sua magnitude logo em seguida transmitiu-me força. Acreditando que a lua cheia ajuda na concretização de desejos, pedi com convicção que toda a energia que senti naquele momento fosse distribuída entre os seres humanos, na busca de serenidade e entendimento.

A terceira e última foto, foi tirada ao meio dia do dia 29 de abril, observei que o sol brilhante e acolhedor começava a dar lugar para as nuvens, chamadas de cirrus, que anunciavam que a chuva estava próxima e talvez a umidade iria embora. Essa foto retrata um sentimento diferente, pois muitas vezes estamos felizes e radiantes e algo não tão bom nos deixa reflexivos. Também me mostrou que algumas vezes somos tomados por mais de um sentimento ao mesmo tempo, por vezes alegres, outros nem tanto. Mas por outro lado, as nuvens traziam esperança para os rios, para os agricultores, para a vida no campo. Então, essa foi a foto que mais me fez refletir, houve uma mistura de sentimentos, alegria, tristeza, esperança, dúvidas, recomeço, resiliência e muita ansiedade. Expectativa, do tipo, o que acontece agora? Ainda depois de realizar a atividade passei a observar diariamente e refletir, não somente através desse ponto, desse ângulo, mas sob várias óticas e pude concluir que existe arte por toda parte. A arte me fez desenvolver uma habilidade de observação e busca autoconfiança em pouco tempo.



(Acadêmica, maio de 2022).

Podemos observar que as possibilidades trazidas sob os diferentes olhares da fotografia pelos(as) acadêmicos(as) designam uma espécie de imagem narrativa em movimento, pois os sentidos em que foram produzidas as fotos adquirem dinamicidade e causam mudança no olhar, no contexto e na forma de reconhecer o mundo, o que nos remete a questões de temporalidade e fotografia discutidas por Benjamin (1985). A partir do gesto de fotografar no período da pandemia, os participantes de nossos estudos puderam refinar as formas de olhar, sentir a realidade, os valores, os cuidados e as dificuldades cotidianas do distanciamento social e a percepção que têm do mundo. Outras

manifestações e formas de expressão vieram através de postagens em fóruns de discussão. Por fim, as fotografias dialogam com a vida e com o que cada sujeito quer expressar, como importante para si, para o que gosta, para o que deseja compartilhar. Assim, a conversação mediada pelas diferentes narrativas se construiu pelo movimento da fala, da escuta e do gesto que amparou a escolha dos significados e das fotografias, produzindo um conjunto de novas observações que ampliaram o conhecimento, qualificando tanto a fotografia mediada por narrativas pessoais dos sujeitos quanto às próprias pesquisas acerca das produções das imagens e percepções humanas.

Como bem observa Cecília Meireles (2001, p. 411), “a vida só é possível reinventada...” O ato de fotografar tornou-se uma forma de expressão e uma forma de exercício dialógico de pausa e de (re)-conhecimento de si, do outro, da realidade, do contexto e do evento registrado, surgindo como uma atitude potencializadora de múltiplas linguagens interpretativas da vida, na construção da diversidade e da interculturalidade como espaço de vida social. Em janeiro de 2022, ao ser provocada para uma discussão sobre a real importância da arte para o desenvolvimento da globalidade humana, uma acadêmica escreveu o seguinte texto, que é um convite ao diálogo.

Professor é como um artista
que entra em cena quando tudo já está pronto (ou quase).
Seu cenário é a sala de aula,
seja ela física ou virtual;
Seu script *decorado* tem espaço
para muita improvisação.
O público nem sempre é o mesmo
e cada plateia lhe permite uma
experiência única que não se repete jamais.

Professor é como artista
que chora, ri, faz rir e faz chorar
e a história que engendra...
leva à plateia um novo jeito de olhar.
O artista se transforma e
aprende mais do que se imagina
Se sobe ao palco sem estar pronto,
dá um jeito; e é no palco que se maquia.

Quem não conhece não sabe
o que acontece nos bastidores,
nem o corre-corre nas coxias.
Mas o artista estará lá.
Se arrumou o próprio cabelo,
ou se tivera alguém para escová-lo;
Se costurou seu figurino,
ou se o já recebera costurado,
tudo isso não importa.
O que importa é a sua forma
de tocar o outro e de se deixar ser tocado.
Para ser artista, tem de ter paixão,
pois só continua na profissão,
se souber doar seu coração.
Se é complicado viver?
O que hoje aprendi é que sem ARTE fica complicado SENTIR!



5

**ENTRELUGARES
E PROJEÇÕES
DE FORMAÇÃO:**

outros desdobramentos...

A CONSTRUÇÃO DA PAZ EM UM MOMENTO DE CRISE GLOBAL: OUTRAS JANELAS QUE SE ABREM NA FORMAÇÃO DOCENTE

Juliana Marques de Farias⁴¹

Maiane Liana Hatschbach Ourique⁴²

INTRODUÇÃO

Em meados de março de 2020, os órgãos de saúde convocaram as instituições de ensino superior a suspender suas atividades presenciais, a fim de conter a disseminação do vírus Covid-19. A Universidade Federal de Pelotas (UFPe) adotou tal medida e manteve até julho de 2022 diversas atividades acadêmicas em formato remoto, atingindo também o curso de Pedagogia e seus projetos. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da referida universidade também precisou encontrar formas alternativas de oferecer oportunidades de formação pessoal e profissional aos discentes vinculados.

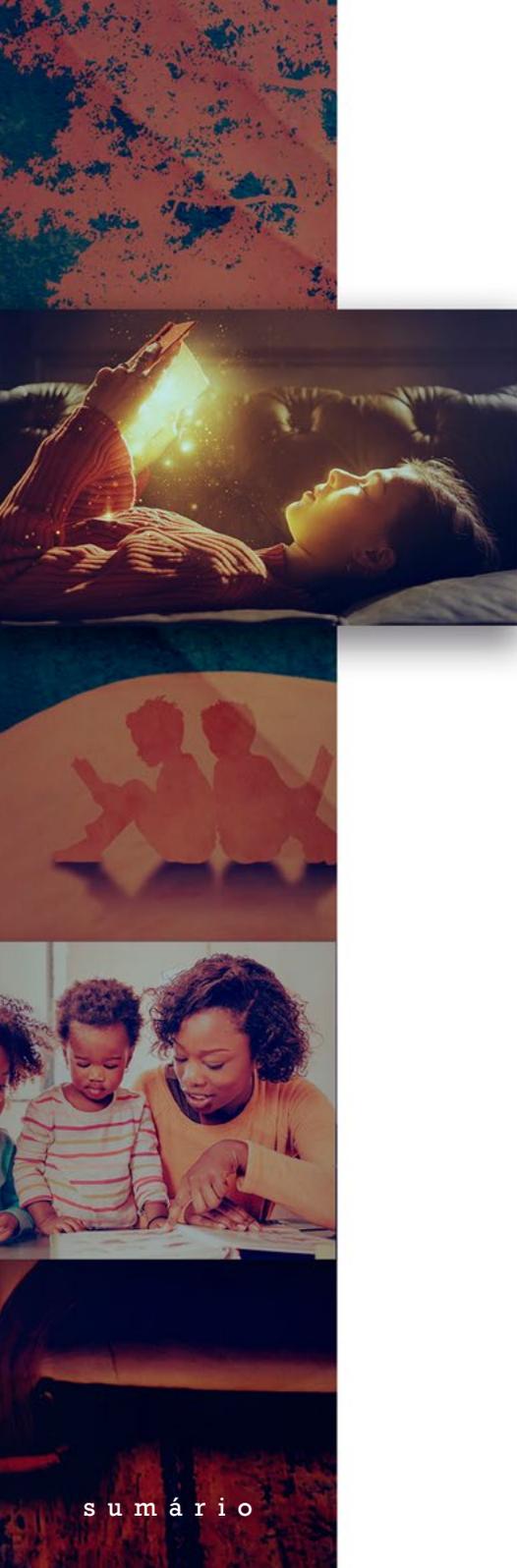
No núcleo Pibid Educação Infantil da UFPe, tínhamos como preocupação de fundo acolher e acompanhar as trajetórias formativas de alunos ingressantes, em sua maioria. Era, então, necessário abrir uma nova janela de um fazer possível frente à cruel pedagogia do vírus

41 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPe); Mestre em Educação (PPGE/UFPe); Especialista em Educação Infantil (UNISINOS). Integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório de Formação e Estudos da Infância (Labforma/CNPq). E-mail: teacherjulianafarias@gmail.com

42 Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM); Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e do Curso de Pedagogia da UFPe; Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Formação e Estudos da Infância (Labforma/CNPq). E-mail: maiane@yahoo.com.br

(SANTOS, 2020). O horizonte de formação humana já se fazia presente neste núcleo na articulação dos domínios físico, socioemocional e cognitivo, logo, reforçamos a atenção a esses aspectos no cenário pandêmico. Buscamos oferecer espaço, tempo e escuta de qualidade para que as estudantes, acessando suas narrativas autobiográficas, pudessem ter maiores chances de dar sentido ao que acontecia globalmente e também à sua historicidade, especialmente pensando nas novas relações oportunizadas pela universidade.

Para tal, planejamos e conduzimos 8 oficinas de formação humana em formato virtual com as estudantes do núcleo ao longo do ano de 2021. Tinham a intenção de oferecer oportunidade de diálogo, de escuta sensível, de reconhecimento de si e do outro e de fortalecimento de laços comunitários entre os diferentes atores da universidade. Pretendíamos convidar as licenciandas a rememorar suas infâncias – as crianças que foram e de alguma forma seguem sendo – e a ressignificarem as experiências vividas, a fim de auscultar se as próprias crenças e valores individuais condizem com as escolhas profissionais que estão abraçando. Percebemos que esses processos de reconhecimento si e da trajetória formativa individual de formação profissional podiam alinhar-se cada vez mais com os novos tempos e lições trazidos pelo vírus. Não somos mais mesmos de antes da pandemia, a iminência da finitude ou as sequelas deixadas pelo Coronavírus nos forçou a ampliar ou construir outras sensibilidades e habilidades humanas para além dos processos mentais de leitura, memorização e explicação de discursos teórico-práticos sobre a educação. O acolhimento, a compaixão e as conexões profundas estabelecidas entre as estudantes são janelas de reconhecimento para si e para nosso futuro juntos. Estas janelas para a construção da paz em um momento de crise mundial que tornaram mais visíveis na formação docente, clamando para serem abertas e podermos vislumbrar um futuro possível para as novas gerações. Nossa preocupação é, em especial, com estas crianças e jovens que, em 2020, viveram enclausuradas e sem



noção sobre o que nos fez duvidar da ciência, continuar apostando na lógica individualista do “salve-se quem puder” e reivindicar a abertura das escolas num estado de absoluta precariedade sanitária. Se permanecíamos longe do convívio presencial na universidade, tínhamos o dever ético de fortalecer os laços humanos que nos ligavam, de modo que as orientações sanitárias e a matemática da contaminação não fossem a única voz ouvida pela comunidade de acadêmicos.

Uma voz potente que conclamou professores a serem presença durante o isolamento social foi a do pesquisador António Nóvoa (2020), salientando a colaboração entre os sujeitos envolvidos no processo educativo como o fator chave para encontrar as melhores respostas frente ao vírus. Inspiradas por seu chamamento, apresentamos neste texto um recorte temático de uma oficina intitulada **A subjetividade diante do próprio desconforto emocional**, conduzida seguindo a metodologia dos círculos de construção de paz⁴³ (PRANIS, 2010), em um formato adaptado para o ambiente virtual. Assim, através da experiência de narratividade de seus caminhos formativos, a oficina buscou possibilitar um reencontro com as memórias e com as crenças construídas a partir da infância dos participantes, a fim de ensejar oportunidades de formação humana em um contexto tão atípico quanto este de isolamento social.

43 Os círculos de construção de paz são uma metodologia que tem por base o diálogo e busca fomentar conexões autênticas entre os participantes.

A FORMAÇÃO HUMANA NA FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA

Pesquisadores da área da formação de professores têm destacado a relevância da dimensão humana na formação docente (NÓVOA, 2009, 2020, ARROYO, 2014, NÖRNBERG; OURIQUE, 2018). Nóvoa em uma série de escritos salienta a importância do aspecto pessoal e humano na formação de professores a partir de sua teoria da personalidade:

Ao longo dos últimos anos, temos dito (e repetido) que o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de autorreflexão e de autoanálise. (NÓVOA, 2009, p. 6).

O caráter inseparável da personalidade do docente de seu ser e fazer profissional nos leva a considerar de forma especial o trabalho de autorreflexão e autoanálise sugerido pelo autor. É necessário que investiguemos a constituição de nossa subjetividade de forma crítica, reconhecendo a historicidade na humanidade do professor. Nóvoa (2009, p. 7) ainda recomenda que transformemos essa autorreflexão e autoanálise em hábito, uma vez que essas ações “são essenciais numa profissão que não se esgota em matrizes científicas ou mesmo pedagógicas, e que se define, inevitavelmente, a partir de referências pessoais”.

As pesquisas na área da formação de professores vêm tensionando a temática da constituição da subjetividade e das identidades docentes e, neste aspecto, Garcia, Hypolito e Vieira (2005) esclarecem o que podemos compreender por identidade docente:

Por identidade profissional docente entendem-se as posições de sujeito que são atribuídas, por diferentes discursos e agentes

sociais, aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos. Refere-se ainda ao conjunto das representações colocadas em circulação pelos discursos relativos aos modos de ser e agir dos professores e professoras no exercício de suas funções em instituições educacionais, mais ou menos complexas e burocráticas. (GARCIA; HYPOLITO; VIEIRA, 2005, p. 48).

Essas representações sociais relacionadas ao modo de ser e agir de professores são também analisadas por Cardoso (2013). Considerando a construção das identidades sociais e profissionais na formação docente, o autor reflete sobre a (re)elaboração das identidades sociais para o outro e para si. Além disso, Cardoso (2013) ressalta também a tensão existente entre esses processos relacionais e biográficos na constituição da subjetividade.

A consideração do outro nos processos de constituição da subjetividade nos remete aos escritos de Axel Honneth (2003). O filósofo, refletindo sobre a gramática moral dos conflitos, articula a constituição das identidades dos sujeitos num contexto de relações de reconhecimento em três esferas. A autorrealização do indivíduo somente é alcançada quando “está inscrita na experiência do amor, a possibilidade da autoconfiança, na experiência do reconhecimento jurídico, a do autorrespeito e, por fim, na experiência da solidariedade, a da autoestima” (HONNETH, 2003, p. 272). O autor considera que o reconhecimento se caracteriza como uma necessidade constitutiva afetivo-originária dos sujeitos, ou seja, pré-discursiva, e que a experiência de denegação de reconhecimento invariavelmente conduz a sofrimentos diversos.

O modelo de racionalidade proposto por Honneth se estabelece a partir de uma atualização do modelo de racionalidade comunicativa de Habermas. Buscando compreender o papel constitutivo das experiências pré-discursivas na práxis do reconhecimento, Honneth situa sua abordagem de reconhecimento intersubjetivo em uma dimensão afetivo-originária, o que levou Campello (2017, p. 107) a descrevê-la

como “uma virada afetiva na teoria crítica”. Para Honneth (2003), as experiências de reconhecimento ao longo do processo de constituição da subjetividade estabelecem a qualidade da relação do sujeito com o si-mesmo, o que é compreendido como sua autorrelação. Essa relação com o si-mesmo estabelece um padrão que orienta como o sujeito se coloca no mundo, além de inconscientemente ser repetido nas relações que estabelece com os outros de sua vida.

Dessa forma, Honneth busca compreender os conflitos sociais a partir das relações pautadas no amor, no reconhecimento de direitos e na solidariedade, evidenciando a relevância da alteridade na e para a constituição das identidades dos sujeitos. As relações de reconhecimento intersubjetivo estão diretamente conectadas com a forma que os sujeitos são capazes de se colocar no mundo e de se relacionar. Nos seus escritos, Honneth (2020) evidencia o primado genético do reconhecimento a todas as formas de conhecimento, visto que é necessário que ao sujeito seja concedido condições de possibilidade de experiências genuínas de reconhecimento para que, a partir de então, seja possível estabelecer relações de reconhecimento também genuínas com um outro. Consideramos que esse outro pode se caracterizar como o outro em si mesmo, na autorrelação do sujeito, ou um outro à minha frente, seja este o professor, os colegas ou, inclusive, o próprio conhecimento. Esse primado genético do reconhecimento nos leva a considerar que é necessário que um sujeito esteja em uma relação de reconhecimento minimamente bem-sucedida para que possa estabelecer relações também construtivas com o próprio conhecimento, com aquilo que o professor busca ensinar. Quando olhamos para a formação de professores a partir dessa janela de compreensão, fica evidente a relevância das relações pautadas no amor, no respeito e na solidariedade para que os sujeitos possam trilhar seus percursos formativos.

Ademais, revisitar as experiências de reconhecimento é um convite para que o sujeito assuma o papel de narrador de sua própria

historicidade. Benjamin (2012) aponta para o sentido que as narrativas adotam a partir de uma imagem de mergulho em si. Segundo o autor, a narrativa não pretende representar algo “puro em si”, como se algo existisse independente de uma subjetividade que o conferisse sentido. A narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”, de modo que por onde transita deixa vestígios desse mergulho (BENJAMIN, 2012, p. 205).

Aproximando essa experiência da formação de professores, percebemos que narrar-se é como um convite para que olhemos as marcas deixadas por esse mergulho na nossa historicidade. Talvez não seja possível ver a água do mar no qual nos constituímos logo na primeira tentativa, mas alguns pingos d’água tornam-se visíveis a partir do ensejo narrativo. Ostetto (2008) salienta a relevância das oportunidades de experiências narrativas na caminhada formativa de professores. O professor quando narra sua experiência organiza o pensamento e “constitui um campo de reflexão: toma distância para aproximar, aproxima para aprofundar, aprofunda e reconstitui o vivido com outras cores, de forma ampliada e integrada” (OSTETTO, 2008, p. 134). Desse modo, as oportunidades de revisitar a própria historicidade, reconstruindo nossas narrativas autobiográficas, podem se caracterizar como dispositivos que tendem a viabilizar a recomendação de Nóvoa para que transformemos a autorreflexão e autoanálise em hábito.

A narratividade como hábito pode ser muito potente especialmente quando construída em grupo. Nussbaum (2015, p. 95) aborda a temática da coexperiência através da narratividade: a imaginação narrativa “é a capacidade de pensar como deve ser se encontrar no lugar de uma pessoa diferente de nós, de ser um intérprete inteligente da história dessa pessoa e de compreender as emoções, os anseios, os desejos que alguém naquela situação pode ter”. A autora considera a imaginação narrativa como uma das competências ligadas às humanidades e às artes que é decisiva para a sustentação de uma

democracia e seu bem-estar interno. As oficinas de formação humana carregam em si esse convite imane de exercitar a imaginação narrativa a qual Nussbaum faz referência, convocando os sujeitos a imaginar como deve ser estar no papel de um outro participante, carregando seus anseios, desejos, necessidades, enfim, tudo aquilo que faz do sujeito um ser único.

Esse exercício ensejado pela narratividade em grupo pode fomentar uma ampliação de perspectiva e de formas de colocar-se no mundo, contribuindo para que o sujeito venha também a ampliar o horizonte de compreensão sobre a própria historicidade. Abrir sua janela para ver o que está fora é, ao mesmo tempo, entender como seus espaços internos são ocupados, de modo a (re)conectar intersubjetividade e subjetividade. Além disso, essa ampliação de perspectiva pode levar o sujeito a compreender melhor suas experiências a partir de sua própria perspectiva como criança, reconhecendo a forma como seus direitos e suas necessidades básicas como ser humano foram atendidas ou não. Por mais das vezes, percebemos que revisitar essas experiências se mostra como uma oportunidade de reconhecer a criança que fomos e o quanto de violência e denegação de reconhecimento esteve e ainda está imbricada na nossa constituição de si.

Esses processos de narrativas autobiográficas em grupo podem ampliar as condições dos participantes de compreender o outro, seja esse um adulto ou uma criança. Benjamin afirma que o narrador, ao narrar suas experiências, “pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer)” (BENJAMIN, 2012, p. 221). Assim, torna-se evidente que, na relação intersubjetiva com o outro, testemunhando a narrativa de sua historicidade, avançamos no processo de reconhecimento de si, em um círculo virtuoso.

Logo, percebemos que na formação de professores faz-se necessário que consideremos não apenas as crianças e os alunos como sujeitos históricos de direitos, como as políticas da Educação Básica orientam, mas que também consideremos os professores e sua historicidade - suas emoções, seus sentimentos, suas crenças, suas narrativas autobiográficas e suas relações de reconhecimento. É preciso que tenhamos a sensibilidade para abrir outras janelas formativas possíveis, que ofereçamos condições de possibilidade para que, acessando as experiências na sua historicidade, professores em formação possam questionar esses processos de constituição de si.

Visto que entendemos a formação para a docência como um encontro pedagógico que demanda o “comparecimento” de dois sujeitos dispostos a construção de conhecimento, conforme sinaliza Bouffleur (2007), é preciso também reconhecer nossas limitações em relação aos convites de formação humana que elaboramos. Estamos certas de que podemos organizar contextos, espaços, convites, oferecer escuta atenta e sensível para que professores encontrem acolhimento nas formações e nas relações, entretanto, para que os processos de reconhecimento de si e do outro de fato ocorram dependemos do “comparecimento” dos envolvidos. É o comparecimento do sujeito em formação que viabiliza o trabalho de autorreflexão e autoanálise, recomendados por Nóvoa (2009).

A FORMAÇÃO HUMANA NO ISOLAMENTO SOCIAL

Esses convites à narratividade se mostraram ainda mais pertinentes no início do isolamento social. Nossa janela de compreensão desse cenário nos permitiu entrever que as experiências de reconhecimento são afetivo-originárias e que são essas relações pautadas no

amor, no respeito e na solidariedade que viabilizam uma aprendizagem potente. Nóvoa (2020, p. 12), conclamando os professores a vislumbrar novas possibilidades de espaços e tempos da ação pedagógica nesse período, ressaltou uma “alteração do papel dos professores, acentuando a sua responsabilidade perante a globalidade do trabalho educativo”. A partir desse olhar para a comunidade de estudantes da universidade, percebemos que era necessário espaço, tempo e escuta de qualidade para estabelecer relações de reconhecimento bem-sucedidas entre os sujeitos, especialmente considerando o isolamento social e os enormes e singulares desafios que cada um dos estudantes enfrentou nesse contexto pandêmico.

Elaboramos primeiramente um instrumento exploratório no formato de um questionário *online*, através da ferramenta Formulários *Google*. O objetivo do questionário foi auscultar os níveis de desenvolvimento emocional, as necessidades e as expectativas da comunidade de discentes do curso de Pedagogia durante a pandemia. A partir da busca por compreensão dos depoimentos foi possível identificar que o questionário exploratório representou a abertura de uma janela de escuta para a comunidade discente, oferecendo um convite ao reconhecimento de si. Entre os meses de abril e maio de 2020, recebemos 115 respostas e identificamos, à época, que os principais sentimentos manifestados pelos entrevistados eram ansiedade (43,5%), medo (36,5%) e tristeza (7%). A disponibilidade dos participantes para a narrativa autobiográfica nas perguntas abertas explicitou a necessidade de escuta, o valor atribuído à presença do outro e a contribuição da formação humana sobre as trajetórias formativas de cada um.

Percebemos que era necessário aprimorar os convites à narrativa, de modo que pudéssemos reunir grupos de estudantes e oferecer condições de possibilidade de coexperiência de reconhecimento de si, sensibilizando-os ao exercício da imaginação narrativa. Identificamos no núcleo Pibid Educação Infantil uma abordagem formativa

que dialogava com nosso horizonte relacionado à formação pessoal e profissional. As participantes do núcleo se caracterizavam com 27 estudantes entre 18 - 24 anos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), matriculadas entre o 1º e o 5º semestre da graduação em Pedagogia, núcleo de Educação Infantil.

A articulação com esse grupo de estudantes começou em outubro/2020, no início do primeiro semestre letivo da UFPEL, já em formato remoto. Algumas estudantes demonstraram um receio inicial relacionado à experiência remota no Pibid, visto que não compreendiam como seria possível uma experiência de prática que não contemplasse a visitação presencial às escolas de Educação Infantil. Buscando viabilizar uma experiência rica para as estudantes do núcleo e a fim de contribuir para a formação profissional e pessoal das participantes, os coordenadores dos núcleos reestruturaram o projeto, contemplando as restrições sanitárias do período pandêmico. Nesse núcleo, em articulação com as estudantes, decidiu-se realizar encontros virtuais semanais para discussão de leituras teóricas, organização das atividades a serem propostas para que as professoras supervisoras, vinculadas às escolas, pudessem realizar (pesquisas sobre as orientações para o período pandêmico, *podcasts*, textos críticos para a formação de opinião pública, elaboração de contextos investigativos, entre outros).

Dentre esses combinados, dedicamos encontros mensais para a formação pessoal. Planejamos e desenvolvemos 8 oficinas de formação humana no formato virtual, entre abril e dezembro de 2021. Ao final de cada encontro, solicitou-se as participantes a escrita de um texto-memória a partir das seguintes questões: *Como você sai dessa oficina? O que você leva dessa oficina de hoje?* A intenção, portanto, foi de articular e acompanhar as experiências de subjetivação, a fim de compreender estes processos em ambientes de formação docente e notar o quanto é possível apoiar as mudanças perceptivas sobre si mesmo e sua historicidade. Escolhemos uma oficina, dentre as 8 conduzidas, para abordar nesse recorte temático, dado que narrar a si

mesmo para o outro abre uma janela de comunicação e troca de experiências capaz de (re)construir as conexões de paz consigo e apoiar os processos formativos que buscávamos propiciar. Na seção seguinte, apresentamos uma breve reflexão sobre essa experiência.

ABRINDO UMA JANELA PARA O PRÓPRIO DESCONFORTO EMOCIONAL

O encontro, intitulado **A subjetividade diante do próprio desconforto emocional**, se caracteriza como o número 5 dentre as 8 oficinas de formação humana planejadas e conduzidas no núcleo do Pibid. A articulação desse encontro com o cenário ampliado de oficinas de formação humana se mostra relevante para salientar que o grupo de estudantes já havia percorrido uma caminhada de formação em conjunto e que os vínculos de confiança e solidariedade entre as participantes já estavam fortalecidos pela experiência em comunidade.

Nas quatro primeiras oficinas, percorremos um caminho que buscava sensibilizar as participantes para o diálogo, para a escuta profunda e para o reconhecimento de si, convidando-as para que, através de uma experiência de narratividade da infância, pudessem estabelecer interconexões conscientes de memórias, crenças, desejos e conhecimentos. Tínhamos como objetivo também proporcionar espaço, tempo e escuta de qualidade às participantes, de modo que os sujeitos pudessem aos poucos rememorar as crianças que foram e ainda são, observando se as próprias emoções, sentimentos e necessidades eram identificadas e atendidas quando eram crianças e de quais formas.

Adotamos diversos dispositivos para criar condições de possibilidade de os sujeitos acessarem a si mesmos, adotando uma janela de percepção talvez mais sensível, necessária para dar sentido a tudo

que lhes acontecia no período pandêmico. No encontro anterior a essa oficina, tínhamos refletido sobre o outro em mim mesmo e a qualidade dos nossos diálogos internos, buscando compreender se nossas relações internas se alinhavam com amor, respeito e solidariedade, a fim de fomentar empatia e autocompaixão nas relações. Agora, através de uma prática circular, almejávamos convidar os sujeitos a exercer as virtudes que mais necessitavam para que pudessem se conectar com um outro a partir do coração. Nosso objetivo caracterizou-se como: oferecer um momento de rememorar experiências nas quais os sujeitos se perceberam fora de sua zona de conforto, identificando a conexão entre vulnerabilidade e coragem, a fim de fomentar empatia, autocompaixão e resiliência à vergonha nas relações. O planejamento a seguir foi elaborado a partir do manual *Círculos em movimento: Construindo uma comunidade escolar restaurativa*, de Kay Pranis e Carolyn Boyes-Watson (2015).

Iniciamos a oficina com o acolhimento dos participantes e os eventuais combinados com o grupo. Logo após, recitamos o poema **Escutar com o coração**, de James E. Miller⁴⁴. Conduzimos um momento de atenção plena, a fim de auxiliar os participantes a conectarem-se com o momento presente. Na sequência, apresentamos o objeto da palavra e o que caracteriza uma rodada em uma prática circular presencial, compartilhando uma sugestão de adaptação desses combinados para viabilizar a prática em ambiente virtual.

Depois dessa etapa inicial, seguimos com o momento de *check-in*⁴⁵, que convidou as estudantes a responder no chat da sala virtual em uma palavra: Como você está se sentindo hoje? Qual a emoção presente com você nesse momento? Nossa intenção era buscar compreender o cenário emocional das estudantes ao início do encontro e também convidá-las a um exercício de percepção de si.

44 MILLER, James E. **The art of listening in a healing way**. Willowgreen Pub., 2003.

45 Prática que se caracteriza como uma validação inicial de sentimentos e emoções.

Selecionamos um trecho da memória de oficina da estudante 7, no qual este momento é narrado:

O primeiro questionamento era a respeito do sentimento do dia e como estávamos nos sentindo, cada um deu seu depoimento e notei que muitas colegas estavam ansiosas e preocupadas com as demandas do semestre, comentei que acordei um pouco estressada, também me sentindo aflita com as tarefas, mas que a meditação me ajudou muito. (Estudante 7 Oficina 5).

A estudante relata na sua memória um cenário emocional típico dos momentos iniciais das oficinas de formação humana. Em todos os 8 encontros, as emoções e sentimentos compartilhados pelas licenciandas nessa etapa de check-in manifestaram um grande desconforto: ansiedade, angústia, desespero, tristeza são algumas das palavras escolhidas pelas participantes para representar seus cenários emocionais ao início dos encontros.

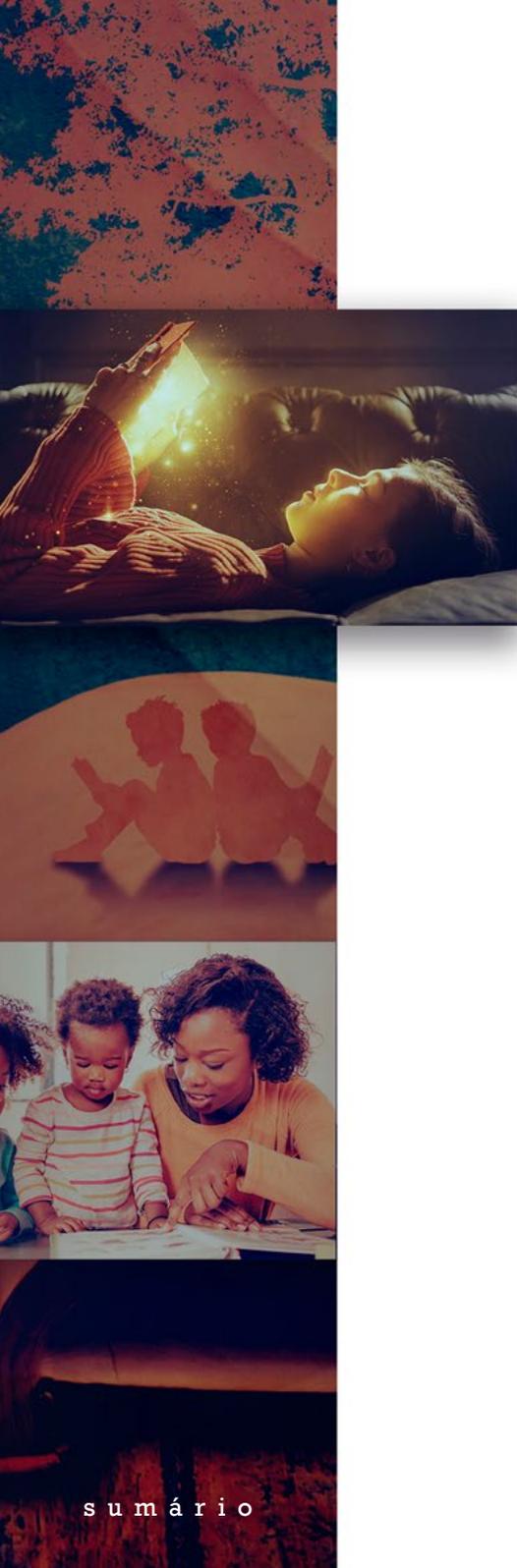
No trecho seguinte da memória, esta estudante narra algumas etapas do círculo de construção de paz e salienta a relevância desses momentos vivenciados em grupo:

Concluindo este momento introdutório, demos início a mais uma oficina de formação humana e como dinâmica proposta para este encontro realizamos um círculo de paz, com as profes adaptando essa ideia para o virtual. A profe perguntou quais valores precisávamos para falar e escutar com o coração. Desta vez, mudamos a ordem de fala. Destaquei empatia, solidariedade e humildade, as colegas destacaram muitas outras como respeito e coragem que eu também acho muito importante. Refletimos um pouco sobre o que foi listado e fomos convidadas a viver esses valores e fazê-los presentes no círculo. Durante este momento eu pude reconhecer, entender, legitimar, respeitar e acolher os mais diversos sentimentos, tanto meus quanto de meus colegas, assim como compreender, não banalizar e validar o que eu sinto e que está tudo bem sentir, pois não estou sozinha com estas questões. (Estudante 7 Oficina 5).

Identificamos na manifestação dessa estudante uma percepção de si e a abertura para uma forma mais sensível de relacionar-se com os colegas e consigo mesma. Esse encontro em uma relação amorosa, compassiva e solidária carrega a potência para sofisticar a qualidade da autorrelação de um sujeito, o que viabiliza maiores níveis de autorrealização (HONNETH, 2003). Essas conexões profundas que foram se estabelecendo entre as participantes fomentaram um sentimento recorrente entre as alunas antes dos encontros, perceptível também na memória da estudante 5:

Nas oficinas eu sempre tenho uma expectativa e, praticamente no início de todas eu acho e parece que vai ser tudo muito tranquilo, mas na maioria das vezes não é, e não falo isso em um sentido negativo, muito pelo contrário. Estes encontros sempre me despertam diferentes sentimentos, trazem à tona questões que às vezes nem percebo o quanto influenciam na minha vida e o quanto tem peso. Hoje, saio desta reunião muito reflexiva e questionando estes meus anseios, angústias, vergonha e vulnerabilidade, como aceitá-los e fazer as pazes com certas questões e também levo mais aprendizagens sobre mim mesma, bem como um entendimento melhor sobre o próximo, acolhendo seus sentimentos. (Estudante 5 Oficina 5).

Observamos nessa passagem algo relatado por várias estudantes: uma expectativa em relação às oficinas de formação humana. Percebemos, no entanto, não apenas uma antecipação, uma empolgação em relação à experiência, mas uma expectativa de que a oficina vá ser tranquila. Acessar as próprias experiências formativas de forma fácil e tranquila talvez não esteja à nossa disposição em uma sociedade violenta como a atual. A opacidade de si, inerente ao sujeito moderno, e a denegação de reconhecimento recorrente nas relações intersubjetivas nos levam a apostar na oportunidade do sujeito abrir uma janela interna e olhar para si com gentileza, com tempo, esforço e auxílio, podendo deixar o sol iluminar o que está por lá. Entretanto, considerando os níveis de violência normalizado nas relações intersubjetivas com as crianças, parece muito improvável que esse movimento de iluminar as



próprias memórias de infância seja acompanhado somente de sentimentos confortáveis, o que logo a estudante percebe. Ela reflete sobre essa ilusão de que as oficinas serão tranquilas e conclui que, mesmo enfrentando os desconfortos do percurso, os encontros têm sido válidos e ela os aguarda com entusiasmo. Observamos na manifestação da estudante, portanto, uma satisfação e um engajamento com o processo de formação humana, ao passo que também percebemos uma certa expectativa - ilusória - de que esses processos não farão aflorar sentimentos desconfortáveis.

No relato de várias estudantes, percebemos a contribuição dessa oficina para seus processos formativos. Seleccionamos um trecho da narrativa da estudante 7, no qual ela reflete sobre a experiência:

No quarto questionamento era para compartilhar uma ocasião que nos vimos fora da zona de conforto, o que sentimos e como lidamos com a vulnerabilidade. Relatei da minha mudança para Pelotas, na qual me vi longe da minha família, dos meus amigos e da minha verdadeira casa. Foi muito difícil e me senti triste e desamparada, mas, com o tempo, fui me estabilizando e amenizando os sentimentos. A professora comentou um pouco sobre vulnerabilidade, vergonha e resiliência à vergonha e por fim, perguntou o que levamos e como saímos da oficina. Eu levo da oficina todos os conhecimentos e principalmente, valorizando e aprendendo a falar e escutar com o coração. Eu saí muito mais tranquila e calma do que quando entrei na reunião. É muito bom ter espaço pra falar e ser escutada. Sem dúvidas, uma das melhores oficinas que a professora já realizou com a gente!

Essa manifestação sinaliza para a percepção emocional que as estudantes foram construindo ao longo desses processos, além de testemunhar os laços de confiança que foram se estabelecendo entre nós e que possibilitavam o compartilhamento no grupo de experiências sofridas, certas de que éramos todas convidadas a exercer as virtudes elencadas para falar e ouvir a partir do coração.

Nos momentos finais das oficinas, adotamos também uma prática de *check-out*⁴⁶ que por sua vez também buscava compreender o cenário emocional das estudantes ao fim da oficina. As perguntas nessa etapa eram aquelas que orientavam a escrita da memória: O que você leva dessa oficina de hoje? Como você sai hoje dessa oficina? Identificamos um recorrente mudança no cenário emocional do grupo nas várias oficinas que conduzimos. Esse encontro, seguiu essa tendência, de modo que tranquilidade, calma, alegria e paz foram algumas das palavras escolhidas pelas licenciandas para deixar-nos entrever por essa janela interna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões sobre a formação humana durante a pandemia de Covid-19 no núcleo do Pibid Educação Infantil, almejamos compartilhar um recorte temático de uma das oficinas de formação humana conduzidas durante o isolamento social. A partir da metodologia dos círculos de construção de paz, a experiência oportunizou às estudantes a abertura de uma janela de reconhecimento de si, das nuances que compõem sua humanidade e dos efeitos de compartilhá-la no coletivo.

Fomos instadas, diante da crueldade do vírus, a empreender esforços no sentido de nos fazermos presença, testemunhando a necessidade de formação humana da nossa comunidade do Pibid em um cenário de caos. Essa mudança de paradigma de formação já estava em curso, porém, segundo Nóvoa (2020, p. 10), foi a pandemia que “acelerou este processo e tornou mais urgentes as mudanças”. Nos encontros de formação humana, identificamos que as estudantes puderam entrever uma janela de construção de paz com sua própria historicidade,

46 Prática que representa uma validação final de sentimentos e emoções dos participantes.

capaz de reconhecê-las na complexidade de suas relações intersubjetivas. Percebemos o quanto foi possível e desafiador aos sujeitos acessar suas narrativas autobiográficas, olhando para a própria infância como possibilidade de reconstruir suas experiências de autoconfiança, autorrespeito e autoestima, virtudes apontadas por Honneth (2003). Talvez, a disposição para essa construção de paz consigo mesmo e com sua historicidade seja a chave que também abre uma janela de esperança para um futuro partilhado, no qual a força pulsante de cada trajetória religa a todos em um horizonte de vida e solidariedade.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura (Obras Escolhidas v. I). São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOUFLEUER, José Pedro. O operar pedagógico sob o primado da comunicação: a pedagogia em perspectiva auto-fundante. **Anais...** Reunião Anual da Anped, GT: Filosofia da Educação, n. 17, v. 30, p. 1-15, 2007.
- BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **Círculos em movimento**: Construindo uma comunidade escolar restaurativa. Center for Restorative Justice, Suffolk University, Boston, Massachusetts. Direitos de tradução em português, para o Brasil, AJURIS e Terre des hommes, 2015. Disponível em: <https://www.circulosemmovimento.org.br/_files/ugd/e7dad6_ae023f8cc1b34d9fb010388dcd00076f.pdf> Acesso em: 03 set. 2022.
- CAMPELLO, Filipe. Axel Honneth e a virada afetiva na teoria crítica. **CONJECTURA**: filosofia e educação, v. 22, p. 104-126, 2017. DOI: 10.18226/21784612.v22.n.especial.09
- CARDOSO, Maurício Estevam. Identidade(s) docentes(s): aproximações teóricas. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade de; PINI, Mônica; FELDFEBER, Myriam (orgs.). **Políticas educacionais e trabalho docente** – perspectiva comparada. p. 187 -213. Belo Horizonte: Fino traço, 2011.

GARCIA, Maria Manuela A.; HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000100004>

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HONNETH, Axel. **Reificação**: um estudo de teoria do reconhecimento. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

NÖRNBERG, Marta, OURIQUE Maiane. Por que a docência? Marcadores sociopedagógicos do desenvolvimento profissional de aspirantes à carreira docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 348-364, maio/ago. 2018. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.13i2.0006

NÓVOA, António. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 8-12, 2020.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de educación**, p. 1-10, 2009.

NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos**: por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. São Paulo: Papyrus, 2008.

PRANIS, Kay. **Processos circulares de construção de paz**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

CAMINHOS ENTRE RUÍNAS E PERPLEXIDADES - AS JANELAS DO MUNDO

“Ensinar a ler é sempre ensinar a transpor o imediato.

É ensinar a escolher entre sentimentos visíveis e invisíveis.

É ensinar a pensar no sentido original da palavra *pensar* que significa *curar* ou *tratar* um ferimento.

Temos de repensar o mundo no sentido terapêutico de o salvar das doenças pelas quais padece [...].

O livro só cumpre o seu destino quando transitamos de leitores para produtores do texto, quando tomamos posse dele como seus coautores [...].

Quebrar as armadilhas do mundo é, antes de mais, quebrar o mundo de armadilhas em que se converteu o nosso próprio olhar”

(Mia Couto, 2009)

Mia Couto (2007, *online*)⁴⁷ nos diz em sua conferência que “nas condições de hoje, aconteceu uma curiosa inversão: o chamado mundo real é aquele que se apresenta como um verdadeiro não-lugar, um lugar vazio onde cabemos apenas como ilusão virtual. Não sei se poderemos chamar de lugar ao território onde vivemos uma vida que nunca chega a ser nossa e que, cada vez mais, nos surge como uma vida pouco viva”. As experiências desenvolvidas nesse período, como

47 Extrato da conferência “Quebrar armadilhas”, intervenção de Mia Couto no Congresso de Leitura COLE, em Campinas/SP, no ano de 2007. Disponível em: https://www.revistapro-saversearte.com/quanto-menos-entendemos-mais-julgamos-mia-couto/?fbclid=IwAR-0x0dazWit866BPE76DhE6LizTr0ULCoZgGXdk7Ra0FGUG77LI_27lhCK8

marcas registradas, visavam a sensibilização, sobretudo, para ver⁴⁸, investigar alternativas, experimentando variáveis no sentido de provocar a presença das artes na vida, para promover o exercício da escrita em meio a mudanças, abrindo janelas e horizontes, traçando uma ampliação do olhar sobre o sentido da educação. Na busca de reconhecer os sentimentos, desencaixotar emoções, recuperar sentidos, pluralismos, ausências e registros que emergiram durante os dias reclusos, reconhecemos que ficaram no corpo a memória do tempo de sujeição às restrições digitais, para criar situações de produção de conhecimentos em rede, onde os sujeitos (artistas sociais) experimentaram mudanças de estado no tempo presente e no espaço sinestésico.

A situação em que nos encontramos de jogo com um tempo hiperestimulado digitalmente, cujo movimento do corpo ficou paralisado, desde então, permitiu o uso de objetos cotidianos, de histórias e de atitudes para fazer relações entre vida e arte. Considerando também a dinamicidade das linguagens formativas e os desafios educacionais desse longo período de incertezas do contexto da pandemia (2020/2 a 2022/1), observamos nesse processo que as representações pelo desenho das primeiras atividades dos acadêmicos, por exemplo, estavam repletas de intenções de traduzir a realidade do entorno, sem uma abertura para o mundo da imaginação criadora, inclusive em relação à composição escrita. O desenho romantizado em visões técnicas e idealizadas desse exercício (de cópia da realidade), é contraditório em relação ao ser humano (imperfeito, diferente e paradoxalmente normalizado), refletindo estereótipos, visto que apenas reproduz a vida e não a reinventa (CUNHA, 2012).

Desde os tempos mais longínquos, o ser humano representa a si e a sua realidade através de imagens. Das pinturas rupestres até as avançadas tecnologias fotográficas, as imagens guardam imensa

48 Poetizar-se que só se vê bem com o coração. O mais importante é invisível para os olhos (SAINT-EXUPÉRY, 2017).

potência de informação e representação de um momento sobre o que mostrar e o que não mostrar. “Representações visuais têm a capacidade de copiar a realidade, mas também de produzi-la. Dito de outra maneira, elas não funcionam somente como espelho do cotidiano que afirmam presenciar” (SCHWARCZ, 2018, p. 42-43). Devido a este poder e os regimes das imagens é que cada vez mais cientistas sociais das mais diversas áreas têm se dedicado a estudar o fenômeno, para além da transposição didática em novos dispositivos, no sentido de olhar analiticamente para estas representações em nosso tempo.

Por essa razão, a fotografia parece cativar o olhar e sensibilizar para a escrita acadêmica, pois não foi submetida a padrões de perfeição como o desenho. O tempo que perderam com os registros fotográficos é que potencializou a narrativa sobre si, sobre os outros e sobre o mundo, numa oportunidade para o aprofundamento crítico de dimensão estético-expressiva. Daí que a abertura para o processo de criação e comunicação delineada até aqui (de perspectiva acadêmica, social e ética), de olhar com olhos encantados de criança⁴⁹, que é plástico e interdependente do mundo vital, implica reconhecer a importância do autocuidado para manejar as emoções difíceis de aspectos da vida que naturalmente aparecem (PROENÇA, 2009).

Uma das descobertas mais importantes da produção dos registros propostos foi que a arte, através do olhar e do gesto de fotografar, ampliou a percepção de que ninguém estava sozinho e trouxe questões abertas que estimularam o espírito lúdico dos sentimentos,

49 Para Mia Couto (2018), “precisamos reencantar o mundo, tomando por empréstimo o olhar das crianças”. Sobre o encantamento do olhar, com olhos de criança, ver as lives do evento com a Profa. Dra. Alice Proença - Conhecendo o mundo – “se conhecendo” – os primeiros 1000 dias.... Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jqwoT-Gu4hRA&ab_channel=DIPEDFB-DREFreguesiaBrasil%C3%A2ndia
Entre o real e o ideal - possibilidades dos instrumentos metodológicos... https://www.youtube.com/watch?feature=youtu.be&v=r-X2pBXPzM4&app=desktop#menu&ab_channel=EIESTUDOSEINF%C3%82NCIAS Reggio Emilia: InspiraÇÕES, provocaÇÕES e relações com o pensamento de DEWEY... <https://youtu.be/BD2zZR81QVI?t=311>

despertando para a criatividade textual. Ou seja, ao interpor o gesto de recriar com as narrativas, em meio às perplexidades do isolamento físico-depressivo da pandemia, motivamos e aguçamos o olhar de sobrevoos para fora, plantando a semente da arte de pensar com os outros que passavam por problemas semelhantes, porque somos todos humanos. Mas, podemos agora que a pandemia está controlada viver sem a correria das informações nas telas, uma experiência menos solitária, descansando os olhos e olhando para dentro, aceitando o tempo de reflexão e introspecção próprio a quem experiencia o pensar educativo? Com o passar do tempo de confinamento, vamos começar a ganhar nova energia do momento em ações corporais, estéticas e ações sobre o tempo vivido? Temos a oportunidade de nos reconectar com o sentido pedagógico do tempo em cada ação realizada nestes novos sistemas de educar?

Ao tomarmos as janelas como uma proposta de criação que encoraja ao ingresso do mundo visual pela pedagogia, observamos que muitas das narrativas aqui descritas podem ser revisitadas como poéticas. A partir da amplitude de responsabilidade política de professoras que precisam desafiar e envolver as crianças, acadêmicos e professores, seja por meio das mini-histórias ou da arte-educação, colocando os pés no universo da formação básica no olho do furacão de uma pandemia, convém lembrar que estamos:

[...] nas encruzilhadas de um tempo controverso onde se confronta a dignidade e imprescindibilidade da presença do artístico nas escolas com uma ofensiva ultra liberal que a pretende anular em favor de uma escola utilitarista que alimente as necessidades do sistema hegemônico e forneça sujeitos dóceis e adormecidos. As controvérsias que afrontam a dignidade humana no mundo contemporâneo exigem-nos entender que, no terreno educativo, não se procura um modelo que se lhes contraponha mas se criem possibilidades de confrontação com o novo. (PAIVA, 2017, p. 169).

Com os percursos trilhados em meio às experiências estéticas do encontro com o outro, a natureza e o inusitado, trabalhando as emoções e alargando nossa compreensão ética e estética, foi possível desenvolver um pouco o ato de escrever em voz alta, guiados pelo impulso da observação, do pensamento e das formas de ver o mundo em novas metáforas. Afinal, “se a Arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um *grito da alma*, não estaremos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem um sentido emocional. Por ambas a escola deve se responsabilizar” (BARBOSA, 2008, p. 21). Assim, conseguimos promover encontros formativos com o outro, em meio à quarentena, contemplando e refletindo através dos sentidos despertados pelo olhar através das janelas, portas e aberturas a horizontes de possibilidades⁵⁰. O vínculo da vida das crianças, dos acadêmicos e dos professores às inquietações no campo da educação é o terreno que pisamos e onde atribuímos sentidos à própria história, que não se move no espaço isolado, mas ganha sentido no espaço comum da vida social.

O exercício da arte não se realiza numa dimensão singular, mas em sentido diverso, complexo, contraditório e mesmo conflitual, não devendo, assim, ser assumida como um uno, mistificado e isolado. A sua complexidade e contradições, devem ser evidenciadas, entendendo-se o sentido com que, na sua diversidade ela afeta o mundo e a dimensão em que está por ele é afetada. [...] A dimensão dos excluídos, dos assassinados-sem-nome, dos sem-emprego e sem-esperança, dos refugiados sem-espaço e sem-água, dos resíduos-sem-nome-e sem-terra, dos novos-remediados, ultrapassa todas as previsões. (PAIVA, 2017, p. 174).

A vista da atual janela, em sua complexidade nada habitual e inconstante, entre ruínas e perplexidades, que não nos pertence porque é caótica, mudada obrigatoriamente por questões econômicas, políticas, sociais e de saúde pública, nos obriga a ser fortes, resilientes,

50 Elogio ao Caminho - Teresa Poester conversa com Ali Khodr, em 26 de maio de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M9PWV0spjA&list=PLwtWi1muw-aN_psEEAV6MMpZ2QXmA6V9E&index=5

para não recair no esvaziamento do olhar (impossibilidade de criar significação e de sentir o mundo pelo olhar). Mas o convite às mini-histórias, assim como o desafio de olhar pela janela, parece estimulante e revigorante da vista humana e da linguagem, pois dá condições de possibilidade para libertar o sujeito de seus próprios espaços despercebidos⁵¹ e o coloca em perspectiva estético-expressiva, em aberto, para andar entre ruínas e seguir em frente (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007). É diante uma rota em aberto, do exercício criativo da liberdade, que o caminho iniciado nos oferece novos processos de estarmos atentos, juntos, de prestarmos atenção crítica aos movimentos, para agir nas rotinas em que atuamos nos espaços educativos. Até mesmo quando tudo aparenta ser escuridão e sofrimento, nós, por meio das artes, da literatura e da ciência, estabelecemos conexões e conseguimos enxergar beleza, sentir e identificar algo na imensidão da noite e/ou em sua escuridão. A cultura e a educação alargam o nosso olhar amparado na escuta sensível. O exercício de olhar pela janela, realizando três registros, foi muito além da proposta, tendo em vista que a função da arte-educação é de provocar questionamentos e desencadear uma outra educação do olhar, uma educação que rompa com o estabelecido, com as normas e convenções sobre o próprio mundo.

Os resultados positivos foram evidenciados por um grande desenvolvimento nas escritas dos participantes, que expressavam suas ideias, sentiam-se mais confiantes, participativos e autônomos em retornos por *e-mail*, mas também conversavam nos fóruns e traziam curiosidades para além do solicitado. Alguns relataram que três registros não foram suficientes para expressar os momentos e sentimentos nutridos com a atividade e que são pertencentes a esse olhar para o horizonte de possibilidades... Outros estudantes que apresentaram quatro registros, por exemplo, ainda destacam que as fotos, por mais que tenham tocado e emocionado no gesto de fotografar, ocultaram a amplitude das

51 Anos olhando pela mesma janela sem exercitar o olhar, sem ver nada (SAINT-EXUPÉRY, 2017).

palavras e dos sentimentos. Esse aspecto do olhar intraduzível, indizível, transposto por alguns acadêmicos nos chama a atenção para os condicionamentos humanos perpetuados nos espaços escolares, algo que não pode ser traduzido como a emoção de um encontro, o deslumbramento de uma descoberta, esse instante fugaz de silêncio anterior à palavra, que vai ficar na memória utópica como um sonho, de um tempo que não será esquecido. Nesse aspecto, questionamos:

Que encontro promovemos entre o que se ensina e o que o aluno tem interesse e curiosidade em saber?, que espaço educativo permitimos para *o-que-acontecer*, para o *não-programado*?, será que lidamos com as crianças e os jovens como sujeitos por inteiro, ou os tratamos como *seres menores*?, por que consideramos o nosso *gosto* e a nossa *moral* num outro patamar?, saberemos nós professores *olhar-melhor*?, por que as crianças têm de estar *bem-sentadas*?, que valor disciplinador atribuímos à classificação dos trabalhos, aos exames?, entendemos a necessidade das crianças e dos jovens lidarem com os seus corpos, libertando-os das pressões repressivas que são exercidas? (PAIVA, 2017, p. 177).

Se as palavras pressupõem uma experiência compartilhada, por meio de poucas palavras e expressivas imagens, os acadêmicos conseguiram sentir, ou, pelo menos, sentiram-se tocados por essa efusão de narrativas e erupção de sentimentos despertados pela provocação? O convite aos registros fotográficos pelas janelas e ao narrar-se é criar uma condição de possibilidade para que olhemos as marcas deixadas por esse mergulho que nos leva para fora das pressões repressivas de uma pandemia. De acordo com a reflexão de Mia Couto (2019), em O Universo Num Grão de Areia - “A fadiga que sentimos não é tanto do trabalho acumulado, mas de um quotidiano feito de rotina e de vazio. O que mais cansa não é trabalhar muito. O que mais cansa é viver pouco. O que realmente cansa é viver sem sonhos”. Na verdade, “adoecemos a terra e a terra nos adoece”, conforme podemos ler no comentário de Leonardo Boff (2021), utilizando a personagem Mafalda (criada pelo argentino Quino), para entender os problemas sociais e enfatizar que

todos os seres humanos são agentes da saúde e das enfermidades do planeta e, por isso, nos sentimos doentes física, psíquica e espiritualmente (prostrados, desvitalizados, ansiosos, irritadiços porque cerceados de fazer barulho).

Figura 7 – Adoecemos a terra



Fonte: Quino (1932-2020)⁵²

Figura 8 – Noite Estrelada



Fonte: Noite Estrelada (Vincent Van Gogh, 1853-1890)⁵³

52 BOFF, Leonardo. Adoecemos a terra e a terra nos adoee. **Domtotal.com** FATO EM FOCO, reportagem de 23 abril 2021. Disponível em: <https://domtotal.com/fato-em-foco/687/2021/04/adoecemos-a-terra-e-a-terra-nos-adoee/>

53 Disponível em: <https://i.pinimg.com/736x/85/1a/df/851adfe03dece40281b27cd81b-770d3c.jpg>

Uma metáfora presente na obra de Miguel de Cervantes (2012), *Dom Quixote*, nos ajuda a tecer uma autocrítica da sociedade na qual vivemos e onde perdemos a nossa essência de humanidade em relação ao outro e à importância da liberdade (de pensar, ser, formar, educar, viver...). Na verdade, estamos num contexto de violências, sejam elas midiáticas, da agenda econômica neoliberal, climáticas, que nos tornam cada vez mais indiferentes, apáticos, cansados e sem coragem, avessos às injustiças sociais, às diferenças e às mudanças desencadeadas no mundo. Fato que levou Miguel de Cervantes, em sua época, a fazer uma crítica à realidade política e social do seu país, sendo hoje, o clássico mais lido e publicado em toda a literatura mundial. A obra de Cervantes conduzida pela saga de combater os moinhos de vento desperta em todos nós o arquétipo do justiceiro romântico, de paixão utópica. Na verdade, “quem perde seus bens perde muito; quem perde um amigo perde mais; mas quem perde a coragem perde tudo!” (CERVANTES, 2012, p. 36). Afinal, a amizade salva e “mudar o mundo, meu amigo Sancho, não é loucura, não é utopia, é justiça”, como diria o cavaleiro andante para o seu fiel escudeiro (CERVANTES, 2012, p. 37).

Figura 9 – Dom Quixote



Fonte: Cultura genial (Pablo Picasso, 1955)⁵⁴

54 A tela é assinada por Picasso, o gênio catalão. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/livro-dom-quixote-de-miguel-de-cervantes/>

Frente aos paradoxos educativos do mundo digital, caracterizado pela hiperestimulação (sintomas de impaciência, distração, isolamento, aceleração e intolerância a frustrações), necessitamos reaprender a pensar junto às crianças, aos acadêmicos e aos professores com calma e cuidado para o desenvolvimento cultural, social e cognitivo desde a infância (HABOWSKI; CONTE; PUGENS, 2020). O que vivemos precisa passar por uma reconstrução no campo educativo e estético (que envolve o fazer pensar partilhado pelo reconhecimento de si via construção do nós), pois as narrativas vêm sendo degradadas, depreciadas e naturalizadas, entre outras evidências, pelo medo generalizado do fracasso com que hoje se teme o amanhã inquestionável.

Tudo se está tornando paradoxal na encruzilhado dos tempos em que vivemos, onde até mesmo os progressos civilizacionais alcançados e ainda em movimento estão a ser colocados em causa, anulados numa tentativa vil, reacionária e ignóbil de estabelecer um poder discricionário e insensível perante a pobreza e a exclusão e de intencional desvalorização social do trabalho. [...] Perante o medo e a insegurança de vida instalada, o enredo sedutor que nos envolve e nos engana, parecendo que nos oferece o *conforto*, a tranquila *integração social*, e a possibilidade de acesso ao êxito ou mesmo ao estrelato, tenta a docilidade, o nosso adormecimento ou a desalentada desistência de nós mesmos. (PAIVA, 2017, p. 172).

Durante os últimos três anos observamos, registramos e refletimos... Quantas construções surgiram no horizonte desses três anos, quantas pessoas, quantas vidas, quantas histórias passaram por aqui, algumas ficam outras não. Olhamos para essa janela das mini-histórias em uma escrivadinha virada para fora, assim, enquanto estudamos, trabalhamos, planejamos o futuro, mirando este horizonte que vai mudando, assim como o nosso olhar sobre o mundo muda. Não podemos controlar o tempo nem as mudanças que ele traz, tanto na paisagem como nas pessoas, mas, cabe a nós olhar demoradamente para esse horizonte como se fosse algo novo, surpreendente. Outra questão que não quer calar: Será que conseguimos recuperar as lembranças da infância na escola sem a articulação do olhar por mini-histórias?

Além do mais, o debate em itinerâncias formativas nos desperta para a possibilidade de termos memórias de algo que hoje ainda nos acompanha como ficção de um tempo sem registros, ou seja, das múltiplas linguagens da infância enquanto uma *cultura submersa* (VECCHI, 2005).

As mini-histórias representam hoje um olhar investigativo para fora, que desperta diferentes sentimentos, inquietações e emoções do futuro, mirando outro horizonte que não paralisa, a partir dos princípios dos direitos das crianças. Há que se destacar os limites e os desafios da linguagem escrita na Educação Infantil por parte das professoras, que se sentem inseguras e até incapazes no momento do registro de mini-histórias, por exemplo, com erros de português, somado ao fato de que a abordagem de mini-histórias é uma discussão nova e ainda há uma falta de clareza em relação às práticas no cotidiano pedagógico. No entanto, as mini-histórias reafirmam o direito social da criança de ter seu desenvolvimento humano assegurado por relações estabelecidas entre as linguagens, culturas, expressões, sentimentos, descobertas, imaginação, percepções e práticas da vida em sociedade, partindo de um trabalho contextualizado na escola e reconhecido nos processos privilegiados de investigação científica e educativa das capacidades humanas. Frente a esse cenário, buscamos uma educação fundada no potencial humano da percepção que passa pelo corpo e a interação cotidiana para o seu pleno desenvolvimento, servindo de inspiração a uma comunicação efetiva e significativa.

Nossos olhares, pois, foram e estão sendo educados e, se queremos transcender as restrições que os moldaram e modelam, é preciso refletir sobre outras possibilidades de educação para além das que cotidianamente somos sujeitos e sujeitados, possibilidades essas que nos permitam reinventar nossos modos de ver, ouvir, de sentir, de pensar, de viver e conviver. (SANTAELLA; NÖTH, 2001, p. 143).

De forma semelhante, as janelas nos impulsionam ao diálogo com os estudantes, ao olhar demorado e ao enxergar um futuro melhor, a partir de movimentos da arte associados à política, pois ambos

são decorrentes de um ideal e de utopias a serem alcançadas no cotidiano (RANCIÈRE, 2005). Acrescentamos que o trabalho pedagógico com mini-histórias enquanto campo de experiência coletiva pertence à lógica do professor comunicacional, artista, de autonomia estética e escritor sensível, pois, “valoriza-se a determinação da arte como forma e autoformação da vida” (RANCIÈRE, 2005, p. 39). No entanto, tais experiências relacionadas ao jogo de interações pela construção de uma Pedagogia das imagens culturais e à apropriação de sentido das diferentes linguagens produzidas no horizonte das mini-histórias permitem reafirmar:

[...] concluímos que os registros visibilizam as intercomunicações e os vínculos formativos para a criação de conhecimentos e para a elaboração da documentação pedagógica. As mini-histórias carregam marcas de diferentes ações performatizadas por imagens, apoiando as relações no círculo dos participantes, materializando formas de agir no mundo à autocompreensão das crianças (e dos acadêmicos). (SANTOS; CONTE; HABOWSKI, 2019, p. 1).

A reconstrução da fênix por meio da expansão de horizontes da atualidade nos faz olhar para fora, para os registros processuais que potencializam um horizonte natural, uma poesia, uma escuta dos pássaros, dos tempos do agora, das perspectivas de saborear os frutos com as crianças, os cheiros de uma morada infantil, sensível e que maximiza o simples. A vida pulsa no olhar de quem aprende a ver... Se as tecnologias hoje interferem nas conversações e em todas as dimensões da atividade humana, carregando consigo representações e crenças socioculturais, então, cabe a nós “mostrar que a arquitetônica da humanidade é inseparável dos gestos expressivos e técnicos, do relacionamento intersubjetivo e das experiências comunicativas. É preciso experimentar a cultura digital no trabalho performativo do conhecimento com o outro, para enfrentar a realidade hipercomplexa” (CONTE, 2021, p. 1). Além disso, tal experiência alargada e sensível implica em viver numa sociedade mais justa e equilibrada, contribuindo com a pesquisa para a sociedade que queremos, formando profissionais

com apreço ao desenvolvimento humano. O que estimula a ver, a estudar, a contextualizar, a avaliar os processos humanos e a pensar até que ponto as nossas pesquisas podem ser um presente alargado.

O trecho do poema “O Encontro Marcado”, de Fernando Sabino (1981, p. 154), também nos ajuda a pensar o que fazer após a pandemia: “De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro”. Para enfrentar a força destrutiva da pandemia e o mundo que nos deixa atordoados, é preciso fazer uma revolução educacional que crie uma indeterminável força de criação, fortalecendo as memórias, os registros históricos (espaço-temporal) e as recordações, que despertam os sonhos possíveis e a potência da experiência estética do encontro com o outro por mini-histórias.

A vida é mutirão de todos! Iniciar pensando a educação a partir desta imagem nos remete diretamente ao sentido profundo do encontro com o Outro que a educação nos convida a fazer. Escrever sobre a educação deve por sua vez também promover este encontro. A palavra é tomada como alibi, em que o que dizemos ou pretendemos dizer assume a força poética de inventar sentidos, inquietar o pensamento, e desse modo, nos deslocar do que parece certo e absoluto. Ao falar não trazemos aqui nossas certezas, mas colocamos em risco o pensamento, quando este se compromete a falar desde o terreno árido (do sertão) em que muitas vezes as palavras se colocam, na pretensão de dizer o que vai além delas mesmas. (MENEZES, 2013, p. 199).

A nossa organização por aproximação de sentidos, percepções e metáforas nos levou a novas buscas e inclusive à experiência negativa, que remete ao que eu ainda não sei (aos recomeços), a uma semelhança (fazer da procura um encontro), uma face de mergulhos

discursivos, de avalanches e tempestades de ideias (fazer da interrupção um caminho novo), bem como a sinais de reconstrução de conhecimentos em conversas que emergem da fusão de horizontes, para aprender mais sobre o tema em outras perspectivas. As marcas e os registros desse período conturbado deixam possibilidades de estar juntos agora e no futuro, inclusive, para quem deseja ler e melhorar as análises propostas, em uma ampliação de horizontes abertos à sensibilidade em um tempo de reivindicação das diferenças e das multiplicidades de experiências inconclusas.

A única coisa que vale a pena é a educação. Todos os outros bens são humanos e pequenos e não merecem ser procurados com grande empenho. Os títulos nobiliárquicos são um bem dos antepassados. A riqueza é uma dádiva da sorte, que a tira e a dá. A glória é instável. A beleza é efêmera, a saúde inconstante. A força física cai tomada pela doença e pela velhice. A instrução é a única das nossas coisas que é imortal e divina. Porque só a inteligência rejuvenesce com os anos e o tempo, que arrebatou tudo, dá sabedoria à velhice. Nem sequer a guerra que, com uma enxurrada, varre e arrasta tudo, te pode tirar o que sabes. (CONTE, 2022, online)⁵⁵.

Os resultados dos mergulhos realizados nesse cenário de narratividades, percorridos como um processo de ler e contar histórias do mundo, produzindo sentido às experiências estéticas com as quais fomos passando e nos deparando com uma extensão diversificada de contextos vitais, sem dúvida, trazem possibilidades de relacionamentos sensíveis, críticos e políticos para a manifestação humana que alimenta a valorização da educação na *partilha do sensível* (RANCIÈRE, 2005). Fazer tais movimentos é fundamental, porque “[...] escolher trabalhar com a educação é conviver com pessoas, crianças, bebês e gerações, sabendo que estes nunca serão iguais. Eles modificam-se, recriam-se e afetam a nós, professores, que devemos tentar acompanhar tais transformações” (LOBORUK, 2016, p. 12). A intensidade da

55 Grupo – Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação NETE/CNPq. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/223626161327165> Acesso em: jun. 2022.

pesquisa com mini-histórias, com a leitura dos processos vitais em ações potentes de deslocar as formas cristalizadas de ser professor, dá ânimo e coragem para continuar projetando e nisso consiste, hoje, a nossa incumbência e tarefa - de reatualizar e construir novos sentidos pedagógicos de tempos em tempos. As mini-histórias no cotidiano pedagógico são uma extensão da memória e da imaginação, são formas de autoexpressão das pessoas, de estimular a ver, a observar e a escutar a si, ao outro, à natureza e ao mundo. Elas se renovam e se constroem na forma como os professores e interlocutores se relacionam com as crianças e suas histórias, através da mediação narrativa, dos recortes fotográficos e da escuta sensível aos sujeitos em suas dimensões socioemocionais transcritas dos contextos vitais.

Cada coisa começa de novo com ele, numa aprendizagem contínua, inesgotável, que recusa as codificações prévias para se situar nessa experiência sempre semelhante à magia que é mais típica da infância. Nesse acontecimento tudo é celebração. Poucos poetas se podem comparar a Barros neste aspeto, porque quase poesia nenhuma atinge um tão elevado sentido de glorificação do prazer de falar, como se a criança aprendesse a falar só por deslumbre ou encanto, porque tudo deslumbra na sua voz. É claro, a criança regozija permanentemente. Esta poesia é o brinquedo mais incrível e, afinal, só com ela as coisas ganham importância. A poesia precisa de alcançar o grau de brinquedo [...]. Todas as coisas se equivalem em valor para a poesia, a matéria-prima é a plena extensão do vocabulário existente e a inventar. Desta forma, é um elemento recorrente esse do resto aproveitado ou da coisa não sabida. Tudo quanto é enfeitado ou discreto, pequeno, mal-entendido ou não nascido, é precioso para a arte de intensificação de Barros. Todas as ignorâncias são valiosas para sua inteligência, porque ele dá sentido ao absurdo e usa o absurdo para verdade, exatamente como quem usa referências reconhecíveis para atingir ideias originais. (Valter Hugo Mãe, BARROS, 2016, p. 8).



Livro contendo todos os continentes do mundo. (aquarela, autora: Aleva Mamyosova) Imagem Shutterstock

Para não estagnar o cotidiano escolar em ações deslocadas da formação humana e lançar um olhar interessado aos gestos, vozes, afetos, saberes e descobertas das crianças, em pleno desenvolvimento cognitivo e socioemocional, nas palavras finais questionamos: Vale a pena incentivar o registro e estar com os olhos arregalados para a vida escolar? À guisa de conclusão, observamos os direitos humanos para que todos possamos aprender, tornando visível o que é invisível, por Carlos Rodrigues Brandão (2021):

Que ao ser humano seja dado:

- Viver a sua vida
- Criar o seu destino
- Aprender o seu saber
- Partilhar o que aprende
- Pensar o que sabe
- Dizer a sua palavra
- Ousar transformar-se
- Unir-se aos seus outros
- Transformar o seu mundo
- Escrever a sua história.

As evidências científicas mostram que no caminho de horizontalidade todos aprendemos em comunicação, inclusive as famílias se predis põem a participar mais do cotidiano escolar e acompanhar o desenvolvimento das crianças em ações indissociáveis do que vivemos, para o exercício competente da própria condição humana em suas experiências sociais e colaborativas. São inúmeras as possibilidades que transcorrem do trabalho com as mini-histórias, incluímos abaixo, quatro registros de como as crianças produzem linguagens interpessoais, conversação aberta e espontânea em experimentações e memórias, imaginando e brincando, a partir das proposições pedagógicas no cotidiano escolar.

MINI-HISTÓRIAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Um bom chimarrão

Heitor foi o primeiro a trazer sua cuia para as rodas de chimarrão. Empolgado mostrou a todos seu enfeite, bomba e detalhes, enquanto contava o quanto gostava de um bom chimarrão. Nas rodas protagonizou momentos de conversa e brincadeiras com os amigos, divertindo-se ao ensinar aos colegas que tem que “roncar” o chimarrão. Entre muitas cuias e conversas, percebemos o quanto essa cultura é presente na vida de Heitor, e nos alegramos em poder viver experiências assim com ele, onde o menino traz momentos do seu cotidiano para a escola.



Criança: Heitor Texto e imagens: Cristele
Turma FE2A Setembro/2022



Minha obra

Durante a sessão Stephanie analisa a obra de Tarsila do Amaral: **- é a praia profê!** Começa então seu desenho e enquanto faz vai explicando e mostrando no desenho e na obra...

- ***Aqui a mãe, o pai, a Téfi... Olha tem o cachorro da Téfi também. Muito engraçado isso!***

Acho graça da naturalidade da menina e pergunto o que mais tem, ela então volta seu olhar novamente e descobre novos elementos:

- ***Olha profê, tem plantas, casas, e outro animal, vou fazer ele aqui ó, e a casa aqui em cima!***

E assim com muita tranquilidade, e divertindo-se com o que encontra na obra Stephanie vai criando sua obra, incluindo-se e trazendo significado à essa experiência.



Criança: Stephanie Texto e imagens: Cristiele Turma FE2A Setembro/2022



PESCARIA



Pedro pega um pedaço de palha no chão da sala, vai para trás de uma prateleira, e diz: - Vou pescar igual o papai. Olha peguei um peixe!

Logo Isabella, Alice e Enzo se juntam nesta brincadeira de faz de conta.

Os blocos de madeira se tornam peixes, e cada vez que conseguem pescar um, é uma festa repleta de gargalhadas!

Foi encantador observar esta brincadeira, onde cada um queria pescar mais peixes. Na interação ficaram mais próximos um do outro, contando sobre suas pescarias, dividindo sorrisos e alegrias!

Crianças: Pedro, Isabella, Enzo e Alice Turma FE2A Texto: Denise Imagens e edição: Cristiele Outubro/2022



TRAÇOS
COMPARTILHADOS



Desenhos começam surgir no pátio. Pedro afirma que fez o Miguel. Em seguida os colegas se aproximam e questionam: - *E os olhos? E as pernas?*

Juntos vão dando detalhes aos desenhos dos colegas, e em instantes o chão está repleto de figuras que vão nomeando:
- *É o Lorenzo, a Tefi, ó profe tu, vou pintar tua roupa de azul!*
- *Um bebezinho também!*

Traços compartilhados em uma tarde, repletos de significado, pensamento e muito aprendizado!



Crianças: **Pedro, Miguel e Lorenzo Gabriel** Turma FEZA Texto e imagens: **Cristiele** Outubro/2022



Fonte: Imagens recentes do acervo das autoras (2022).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

ALTIMIR, David. **Como escuchar a la infancia**. Barcelona: Octaedro, 2010.

ALVES, Rubem. Rubem Alves: A complicada arte de ver. **Folha de São Paulo**, 26 out. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Lição de Coisas**: poesia. São Paulo: J. Olympio, 1965.

BARBOSA, Ana Mae. Mutações do conceito e da prática. *In*: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**: Cultura e Ensino da Arte. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. As afinidades eletivas de Goethe. *In*: BENJAMIN, Walter. **Ensaio reunidos**: escritos sobre Goethe. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 114-115.

BERGER, John. **Modos de ver**. Lisboa: Edições 70, 1972.

BORGES, Fabrícia Teixeira; LINHARES, Ronaldo Nunes. Imagem e narrativa: a construção dialógica da fotografia na pesquisa qualitativa em ciências humanas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 33, n. 19, p. 128-149, set./dez. 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Qual Paulo? Que Educação?** 20 fragmentos de memórias a respeito do que veio a ser a Educação Popular, acompanhado de um “adendo” enviado por e-mail, em julho de 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CARDOSO, Cristiele Borges dos Santos; MATHIAS, Joandre R. Processos de continuidade durante o isolamento em 2020: investigando sobre o cultivo de batata-doce com crianças bem pequenas. **Saberes em Foco**, v. 4, p. 73-88, 2021.

CERVANTES, Miguel. **Dom Quixote**. Trad. Ernani Ssó. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHAUÍ, Marilena. O universo das artes. **Territórios de Filosofia** [online], 5 de maio de 2013. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2013/05/05/o-universo-das-artes/> Acesso em: 19 ago. 2022.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CONTE, Elaine; CARDOSO, Cristiele Borges dos Santos. **Experiências formativas com mini-histórias: pesquisas contemporâneas**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

CONTE, Elaine. **Aporias da performance do professor: metáforas e desterritorialização**. Prefácio da Profa. Dra. Rosa Maria F. Martini. 1. ed. Saarbrücken: Deutsche Nationalbibliothek, 2014.

CONTE, Elaine; MARTINI, Rosa Maria F. Fenomenologia e Hermenêutica: um desafio para a educação? **Veritas**, Porto Alegre, v. 64, n. 2, p. 1-28, e28372, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2019.2.28372>

CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson C.; RIOS, Miriam B. As Tecnologias na Educação. **Anais... CIET:EnPED**, São Carlos, p. 1-11, maio 2018. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/132> Acesso em: 15 jun. 2022.

CONTE, Elaine *et al.* Arte-educação e seus desdobramentos à formação pedagógica. **Acta Scientiarum. Education**, v. 43, p. 1-13, e47923, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v43i1.47923>

CONTE, Elaine. A Pedagogia Performativa na Cultura Digital. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 27, p. 1-19, 2021.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções/Ensaio**. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COUTO, Mia. O professor tem que ser um contador de histórias. **Nova Escola**, entrevistado por Wellington Soares, de 10 de abril de 2018.

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11624/mia-couto-o-professor-tem-que-ser-um-contador-de-historias> Acesso em: 15 jan. 2022.

COUTO, Mia. **A menina sem palavra**. São Paulo: Editora Bonifácio, 2018.

COUTO, Mia. **O Universo num Grão de Areia**. Alfragide: Editorial Caminho, 2019.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Questionamentos de uma professora de arte sobre o ensino de arte na contemporaneidade. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO Irene (Org.). **Culturas da Imagem: Desafios para a arte e a educação**. Editora da UFSM, 2012, p. 99-123.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOCHI, Paulo Sérgio. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil (OBECI)**. 2019. 346 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **O que é a crítica?** seguido de A cultura de si. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. Curso dado no Collège de France (1981-1982). 3. ed. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HABOWSKI, Adilson C.; CONTE, Elaine; PUGENS, Natália B. Crianças e Tecnologias: paradoxos educativos. *In*: HABOWSKI, Adilson C.; CONTE, Elaine (Org.). **Crianças e tecnologias: influências, contradições e possibilidades formativas**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 14-42.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Trad. Ênio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HERMANN, Nadja. **Ética e Educação: outra sensibilidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HUERTA, Ricard. **La imagen como experiencia**. Madrid: Mc Graw Hill, 2021.

LOBORUK, Jaqueline Cadore. **Experiências educativas no berçário**: as narrativas visuais como construção do conhecimento para estar com os bebês. 2016. 48 f. Trabalho de conclusão de curso (especialização em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista**: arte, estética de si e subjetividades femininas. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MALAGUZZI, Loris. Ao contrário, as cem existem. *In*: EDWARDS, Carolyn *et al.* **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARQUES, Amanda Cristina T. L.; ALMEIDA, Maria Isabel de. A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 20, n. 44, p. 413-428 set./dez. 2011.

MARTINS, Mirian Celeste. Inquietações e mudanças no ensino da arte: Aquecendo uma transforma-ação: atitudes e valores no ensino de arte. *In*: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 35-48, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Vaga Música**. Rio de Janeiro: Pongetti, 2001.

MENEZES, Magali Mendes de. Educação e Experiência: veredas possíveis entre Guimarães Rosa, M. Blanchot e W. Benjamin. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 2, p. 199-205, abr./jun. 2013.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. *In*: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezato (Orgs.). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado - construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 13-36.

PAIVA, José Carlos de. Inquietações e mudanças na Educação Artística: mais de que nunca uma urgência. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 169-180, maio/ago. 2017. DOI: <https://seer.ufrgs.br/gearte>

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PROENÇA, Maria Alice de Rezende. **A construção de um currículo em ação na formação do educador infantil.** De Alice a Alice: relatos de experiências no país das maravilhas da docência". 2009. 205p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

RANCIÉRE, Jacques. **A Partilha do Sensível:** estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental; Ed. 34, 2005.

ROBINS, Kevin. **Into the Image:** Culture and Politics in the Field of Vision. Londres: Routledge, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SABINO, Fernando Tavares. **O Encontro Marcado.** 34. ed. Rio de Janeiro, Record, 1981.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe para crianças pequenas.** 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. Educação: tecnologias, cultura hacker e ensino de artes. **Rev. Bras. Educ.,** Rio de Janeiro, v. 26, e260001, 2021.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem:** cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, Cristiele B. dos; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson C. Pedagogia Das Imagens na Educação Infantil - Mini-Histórias e a Documentação Pedagógica. **Educação em Perspectiva,** Viçosa, v. 10, p. 1-16, 2019. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v10i.8127

SANTOS, Cristiele Borges dos *et al.* Um diálogo crítico sobre educação, crianças e pesquisas recentes. **REVASF - Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco,** Petrolina, v. 10, n. 22, p. 374-400, set./dez. 2020. DOI: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1238/864>

SANTOS, Cristiele Borges dos; CONTE, Elaine. As mini-histórias à luz de experiências contemporâneas. *In:* CONTE, Elaine (Org.). **Educação permanente e inclusão tecnológica.** 1. ed. Pimenta Cultural: São Paulo, 2020, v. 1, p. 18-43.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre as imagens: entre a convenção e ordem. *In:* GOMES, Flávio dos Santos; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade:** 50 textos críticos. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Solange Jobim; LOPES, Ana Elisabete. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p.61-81, 2002.

THOMÉ, Ana Carol; MENDONÇA, Rita. **Janelas - registros do sentir**. Relatos das participantes do curso virtual infância e natureza módulo 2. São Paulo: Instituto Romã, 2020.

VECCHI, Vea. Le porte tra gli alberi. *In*: MAZZOLI, Franca (org.). **Documentare per documentare**. Quaderno 7. Bolonha, 2005. p. 45-51.



ÍNDICE REMISSIVO

A

aulas remotas 17, 24, 85
autobiográficas 163, 168, 169, 170, 179

C

cinematográficas 23, 38
conhecimento 11, 16, 19, 21, 22, 26, 31,
33, 35, 36, 37, 40, 41, 47, 65, 90, 145, 159,
167, 170, 185, 192, 202, 203, 205
criação 18, 20, 21, 22, 30, 36, 42, 44, 63,
80, 90, 142, 144, 183, 184, 192, 193
crianças 12, 15, 18, 22, 23, 24, 30, 33, 34,
35, 37, 38, 40, 44, 45, 51, 53, 65, 71, 72,
78, 83, 84, 91, 92, 100, 108, 122, 124, 132,
140, 151, 152, 163, 170, 173, 176, 183,
184, 185, 187, 190, 191, 192, 194, 195,
196, 197, 201, 204
crítica 37, 65, 67, 84, 87, 119, 151, 165,
167, 179, 186, 189, 202
cultural 18

D

digitais 11, 18, 39, 144, 182

E

educação 11, 12, 21, 22, 24, 26, 29, 30,
33, 34, 38, 44, 47, 71, 80, 81, 87, 108, 144,
147, 148, 151, 152, 163, 179, 182, 184,
185, 186, 191, 193, 194, 200, 201, 202,
203, 204
Educação Infantil 12, 30, 37, 40, 60, 71, 178
ensaio 18, 36, 143, 179
escrita 10, 17, 18, 22, 23, 33, 35, 36, 38,
41, 44, 62, 64, 71, 72, 90, 108, 152, 153,
172, 178, 182, 183, 191
escrita literária 18

estéticas 10, 11, 17, 20, 26, 63, 184, 185, 194
experiência 18, 19, 25, 29, 30, 31, 33, 35,
36, 37, 38, 39, 40, 42, 46, 65, 80, 81, 83,
85, 89, 90, 94, 101, 105, 107, 108, 111,
127, 140, 141, 142, 151, 152, 159, 164,
166, 168, 169, 172, 173, 176, 177, 178,
184, 187, 192, 193, 195, 202
experiências 10, 11, 13, 17, 18, 20, 21, 23,
24, 25, 26, 37, 40, 43, 44, 47, 53, 61, 67,
71, 80, 81, 90, 91, 108, 143, 151, 163, 166,
167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 176,
177, 179, 181, 185, 192, 194, 204

F

formativas 17, 18, 24, 29, 151, 162, 170,
171, 176, 182, 191, 201, 202
fotografia 22, 26, 37, 38, 43, 62, 63, 64,
65, 80, 81, 83, 85, 151, 152, 153, 158, 159,
183, 200, 201

H

histórias 10, 11, 12, 13, 17, 19, 20, 21, 22,
23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 38,
39, 40, 41, 44, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 71,
72, 74, 80, 90, 108, 117, 182, 184, 186, 190,
191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 204

I

imagem 10, 26, 31, 32, 36, 37, 39, 40, 41,
42, 52, 62, 63, 64, 66, 70, 73, 74, 75, 76,
77, 80, 83, 86, 87, 93, 99, 104, 110, 111,
116, 147, 152, 153, 158, 168, 193
infância 20, 23, 38, 39, 41, 51, 53, 61, 78,
92, 110, 133, 164, 173, 177, 179, 190,
191, 203, 205
interações 18, 30, 65, 192

J

janela 11, 12, 13, 25, 33, 35, 41, 42, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 81, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 117, 122, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 138, 140, 141, 152, 154, 155, 157, 162, 167, 169, 170, 171, 173, 176, 178, 179, 185, 186, 190
Janelas 12, 13, 24, 35, 88, 89, 140, 150, 152, 162, 181, 205

L

leitura 10, 19, 23, 35, 40, 41, 42, 44, 60, 65, 84, 89, 95, 152, 153, 163, 195
linguagem 18, 36, 43, 63, 87, 90, 96, 186, 191

M

memórias 25, 38, 53, 117, 153, 164, 173, 177, 191, 193, 200
mídias 18
mini-histórias 10, 11, 12, 13, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 71, 72, 74, 184, 186, 190, 191, 192, 193, 195, 201, 204

N

narrativas 11, 20, 24, 25, 26, 33, 36, 37, 60, 62, 63, 67, 82, 89, 90, 91, 152, 159, 163, 168, 169, 170, 179, 184, 187, 190, 203

O

olhares 12, 13, 17, 29, 31, 39, 100, 158, 191
online 11, 13, 17, 18, 36, 42, 43, 46, 78, 81, 90, 95, 96, 142, 143, 144, 147, 171, 181, 194, 201

P

pandemia 11, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 35, 41, 43, 44, 51, 64, 71, 72, 77, 80, 95, 96, 100, 101, 107, 115, 128, 142, 143, 144, 145, 148, 154, 155, 158, 163, 171, 178, 180, 182, 184, 187, 193
pedagógica 11, 17, 23, 26, 30, 34, 35, 39, 61, 62, 91, 143, 144, 153, 171, 192, 201, 202, 203
pedagógicos 18, 20, 22, 26, 62, 67, 195
pensamento 18, 31, 33, 41, 78, 83, 118, 127, 144, 145, 146, 148, 153, 168, 183, 185, 193
pensamentos 18, 19, 94, 102, 108, 110, 114, 115, 144
perspectiva 17, 20, 23, 24, 26, 31, 32, 33, 67, 89, 108, 142, 145, 151, 169, 179, 183, 186

R

reflexões 11, 13, 38, 40, 41, 63, 64, 91, 107, 152, 178

T

tecnologia 20, 203



www.PIMENTACULTURAL.com

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DE MINI-HISTÓRIAS:

olhares para fora
no período da pandemia

